Abrir portas onde se erguem muros

Público

Director: David Pontes **Quarta-feira, 21 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.529 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

EUA

Democratas dizem "adeus e obrigado" a Joe Biden

Do nosso enviado a Chicago, Pedro Guerreiro

Mundo, 19

Férias dos políticos

Do luxo ao interclassismo: Marcelo explica escolha de praia de Monte Gordo

Política, 11

Cabo Verde

A revolução fez-se pela libertação do corpo ao som da música

P2 Verão, 22/23

ANADOLU VIA GETTY IMAGES

Guerra

Ucrânia diz que invasão mostra que Rússia ameaça mas não reage

Destaque, 2 a 4

Em seis dias, um só fogo já destruiu 14% da área florestal da Madeira

Sem vegetação, risco de derrocadas é agravado. Especialistas alertam para a falta de prevenção Sociedade, 12/13

Excedente

Prémio do Euromilhões dá ajuda às contas externas

Economia, 22

Autarquias

Montenegro empurra Lei das Finanças Locais para 2026

Política, 10

ISSN-0872-1556

“O rei vai nu”: Ucrânia diz que invasão mostra que Rússia ameaça mas não reage

Zelensky argumenta que Putin não retaliou após a ultrapassagem de um limite pelas suas forças. Por outro lado, a Rússia avança no Donbass

Maria João Guimarães

As reacções iniciais foram de surpresa e choque: como poderia a Ucrânia estar a levar a cabo uma invasão na Rússia, entrando no território, conquistando território e fazendo prisioneiros? A avaliação parecia ser de que se tratava de uma operação ousada e vistosa, que serviria para fazer subir o moral do país, quando a situação no próprio território era pouco promissora para Kiev.

Mas várias análises têm apontado que, com esta ofensiva, a Ucrânia conseguiu muito mais do que isso.

“Há alguns meses, se tivessem sabido que estávamos a planear uma operação deste tipo, muitas pessoas teriam dito que era irrealista e que era a ultrapassagem do maior limite de todos os limites da Rússia”, declarou na segunda-feira à noite o Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, num discurso aos chefes das missões diplomáticas ucranianas.

A operação fez com que este “conceito ilusório” se desfizesse, argumentou Volodymyr Zelensky. A partir desse pressuposto, pediu que sejam dados à Ucrânia mísseis de longo alcance.

As forças ucranianas controlaram mais de 1250km2 de território e 92 localidades na região de Kursk, disse Volodymyr Zelensky. No britânico *Financial Times*, o jornalista Christopher Miller sublinhava que a Ucrânia avançou mais em duas semanas na Rússia do que as forças de Moscovo durante todo o ano no território ucraniano.

Para Phillips O’Brien, da Universidade St. Andrews, a primeira coisa que a acção ucraniana conseguiu foi dizer “o rei vai nu” em relação ao medo de uma utilização do nuclear pela Rússia, escreveu na rede social X (antigo Twitter).

Também Lesia Ogryzo, do European Council on Foreign Relations, comentou no X há alguns dias que a acção prova que “a hesitação ocidental em dar à Ucrânia mísseis de longo alcance e as restrições a ataques no interior da Rússia pelo ‘medo de escalada’ são ridículas”. A questão do alcance dos mísseis foi de tal modo problemática que na Alemanha se chegou a considerar modificar, em fábrica, o limite ao alcance de mísseis Taurus a enviar a Kiev.

Assim, uma das consequências que a Ucrânia espera ver da acção será não só partir para potenciais negociações de uma posição mais forte, mas conseguir mais armas e apoio. Volodymyr Zelensky deu a

As forças ucranianas estarão a controlar mais de 1250km2 de território russo e 92 localidades na região de Kursk

1250

É o total de quilómetros quadrados que as forças ucranianas afirmam controlar na região de Kursk

92

É o número de localidades que Kiev já controla em território russo desde que começou a ofensiva, há quase três semanas

VIACHESLAV RATYNSKYI/REUTERS

Fonte: NYT

PÚBLICO

linha narrativa aos diplomatas: “Tudo nesta guerra depende da coragem – nossa e dos nossos parceiros”, declarou o presidente ucraniano, pedindo “decisões corajosas no apoio à Ucrânia”.

O desespero do general

A acção ucraniana nasceu um pouco de desespero, diz a revista britânica *The Economist*, um desespero que poderá ter sido também pessoal do chefe militar ucraniano, o general Oleksandr Syrsky (ver artigo na mesma página).

Depois de assumir a chefia das Forças Armadas em Fevereiro, Syrsky estava sob pressão para obter sucessos, e não demorou muito para que circulassem rumores sobre o seu possível afastamento, conta a *Economist*.

Planeou a operação em conjunto com um grupo muito restrito de generais e falou sobre os planos apenas pessoalmente, e a sós, com Zelensky.

Duas operações semelhantes tinham já falhado; uma por veto dos aliados, outra porque a Rússia percebeu o que iria acontecer, diz ainda a revista britânica. Zelensky também declarou que ninguém soube da operação porque se soubessem iriam provavelmente vetá-la.

Desta vez foi diferente. Os soldados que receberam as primeiras ordens riram e comentaram que não era 1 de Abril, diz a revista *The Economist*, que falou com alguns.

Quase duas semanas depois do tiro de partida da Ucrânia à operação, a situação no terreno ainda era muito incerta. “Não é claro se os soldados [ucranianos] se podem manter” e segurar as posições conquistadas”, escreve a *Economist*.

O principal perigo está, no entanto, na zona de Pokrovsk, no Donbass, onde as forças russas estão a avançar de tal modo que a Ucrânia ordenou a famílias com crianças que saíssem do local, estimando que tinham cerca de duas semanas no máximo até as forças russas chegarem à cidade.

A Rússia anunciou que controla Niu-York (New York) no seu caminho até Pokrovsk, que tem uma grande importância estratégica para a Ucrânia, sendo essencial para o abastecimento militar da frente Leste.

Uma das questões que se punha inicialmente era se a Rússia iria deslocar forças para Kursk desfalcando a sua presença na Ucrânia. O porta-voz ucraniano Dmytro Lykhovii disse ontem que houve menos ataques terrestres da Rússia na frente Sul comparando com a semana anterior, cita o *Guardian*. Mas não travou o avanço no Leste.

Ataques a bases aéreas

Num artigo no jornal *The Observer*, Jack Watling, do Royal United Services Institute, escreveu que além da operação em Kursk que descreveu como tendo “significado político”, há “uma série de ataques ucranianos a atingir bases áreas russas que têm mais vantagens militares”, já que a aviação russa tem sido “fundamental tanto para os ataques de longo alcance às infra-estruturas nacionais da Ucrânia, como para os bombardeamentos às posições da linha da frente, que estão a infligir pesadas perdas à Ucrânia”.

Mas o especialista sublinha que, olhando para o quadro geral, “a posição militar da Ucrânia continua precária, e o Outono pode ser politicamente desafiante” – na mente de toda a gente estão as eleições americanas.

“As notícias imediatas de Kursk podem ter causado optimismo”, declarou, “mas isso não devia distrair os parceiros da Ucrânia de ajudar a estabilizar a frente”.

Temia-se ainda que a Rússia explorasse potenciais pontos fracos nas defesas ucranianas, enfraquecidas pelo desvio para a incursão em Kursk. Embora até agora tenha acontecido o contrário: menos ataques noutros locais e um foco no caminho até Pokrovsk.

“O carniceiro”

Oleksandr Syrsky, o general que comanda as tropas dentro da Rússia

Perfil

André Certã

Oleksandr Syrsky, de 59 anos, é o general das Forças Armadas que avançam sobre a região russa de Kursk, naquela que tem sido uma manobra inédita na guerra que começou com a invasão da Ucrânia pela Rússia a 22 de Fevereiro de 2022.

A incursão ucraniana em Kursk é a maior captura de terreno na Rússia desde a Segunda Guerra Mundial, tendo a Ucrânia, segundo o próprio general, ocupado já 1263 quilómetros quadrados em território russo, causando a fuga de mais de 122.000 pessoas das zonas fronteiriças da Rússia.

Nomeado chefe do Exército em Fevereiro, Syrsky nasceu e estudou na Rússia (à altura, ainda parte da União Soviética), tendo integrado o Exército Vermelho e, depois, foi destacado para a Ucrânia na década de 80, onde ficou a viver após a queda do Bloco de Leste e da dissolução da URSS.

Já depois da independência da Ucrânia, o general estudou na Universidade Nacional de Defesa e entrou no Exército nacional ucraniano, onde já tinha ganho vasta experiência desde o início do conflito em 2014, combatendo as forças pró-russas em Donetsk, o prelúdio para a guerra que se vive actualmente na região.

O militar, de acordo com a AFP, continua a ter algumas ligações à Rússia, com a sua família próxima a viver ainda no país, nomeadamente os pais e o irmão. Em 2022, Syrsky liderou as forças terrestres na defesa contra a Rússia na primeira defesa. Ainda nesse ano, o general liderou também a contra-ofensiva na região de Kharkiv, essencial para recuperar território nessa parte oriental da Ucrânia. Depois de conseguir defender a capital ucraniana, Syrsky recebeu ainda a condecoração de Herói da Ucrânia, dada por Zelensky.

No início de 2024, foi nomeado para comandante do Exército ucraniano, sucedendo a Valery Zaluzhny, militar altamente popular que entrou em conflito com Zelensky por considerar que a frente de batalha tinha chegado a um impasse, uma visão que o Presidente rejeitava.

Em 2022, entrevistado pelo *The Economist* numa altura em que a popularidade de Zaluzhny provocava desconfiança nos aliados de Zelensky devido a potenciais ambições políticas, Syrsky afastou-se, afirmando que “o Exército estava fora da política”. “Syrsky não é bom em jogos políticos”, sublinhou uma fonte próxima contactada pelo *The Economist*, que acrescentou que naquilo em que “ele é bom é na guerra”.

Segundo a AFP, Oleksandr Syrsky é conhecido pelo seu estilo implacável, sendo acusado de ter um estilo “soviético” de liderança na frente de batalha, por não se importar com números elevados de perdas dos próprios soldados. O general sofreu críticas por este motivo na defesa da cidade de Bakhmut, que provocou fortes perdas nos soldados ucranianos, algo que lhe tinha dado a alcunha de “Carniceiro”.

“Ele fica muito ofendido com esta alcunha. E não é de todo verdade”, afirmou uma fonte militar não-identificada com quem a AFP falou que sublinhou a preocupação que o responsável demonstra com os seus soldados.

De acordo com o *The Economist*, a incursão em Kursk surgiu no meio de forte pressão interna e externa, quer pelas perdas militares na frente oriental, perto de Donetsk, quer pela pressão externa, com as eleições nos Estados Unidos a aproximarem-se.

Segundo uma outra fonte militar ucraniana contactada pela agência AFP, o general tem tido “um papel-chave” na operação, algo que é “indiscutível”. “O facto de ter sido capaz de desenvolver e realizar esta operação nas condições mais difíceis é uma prova de que se trata de uma figura militar importante”, acrescentou a fonte.

“A grande aposta do general Syrsky ofereceu esperança aos ucranianos após um ano de notícias constantemente sombrias”, lê-se no *The Economist*.

O conflito que lá vai andando

Opinião

J. A. Azeredo Lopes

O conflito lá vai andando, vá lá que agora com um pouco mais de diversidade, espraiado entre Ucrânia e Rússia, entre Kursk e Pokrovsk. O risco continua a ser a rotina e o enfado. A Ucrânia, sem estas iniciativas espetaculares, vai deixando de nos ser tão próxima como já foi, menos irmã, mais prima afastada que tende a aparecer nas ocasiões mais inconvenientes. Nem a reação é estranha, nem por outro lado seria avisado diminuirmos o apoio que damos à Ucrânia, e muito menos acreditar que tudo se resolve de uma penada com a ação de um líder providencial (sim, estou a pensar em Donald).

Desde fevereiro de 2022 (podíamos recuar a 2014), estão quase transcursos dois anos e meio de hostilidades, com centenas de milhares de combatentes mortos, além de mais de 11.500 civis. A destruição material é absurda, o custo da reconstrução será doloroso e durará décadas.

Entretanto, como num daqueles carrosséis antigos e ronceiros, os estados de humor dos apoiantes da Ucrânia vão para cima e para baixo, alternando entre a euforia inebriante e a depressão. No discurso público, Churchill foi invocado mais vezes do que consegui registar, quase sempre a despropósito. Hitler e Estaline foram trazidos à liça ainda mais, e nem Neville Chamberlain conseguiu escapar a este desígnio, tantas vezes usado como arma de arremesso para desqualificar a diferença de opinião.

Confundiu-se a frase impactante com a realidade do teatro de operações, e amiúde resvalou-se para o triunfalismo. Sabe-se, agora, que o efeito dos chamados “pacotes de sanções” estará, finalmente, a condicionar a Rússia. Mas não sabemos menos do que no início, quando anunciámos de forma petulante que, mais ou menos no dia seguinte, o máximo na outra semana, Moscovo estaria prostrada e exangue, fazíamos afinal um favor ao adversário, dando-lhe tempo para se recompor e adaptar.

A guerra na Ucrânia foi e é traumatizante. O desgaste do conflito, a fadiga política e a fadiga dos povos foram desde o primeiro dia uma aposta firme da Federação Russa, convicta que está de que conhece as nossas debilidades e pode jogar com elas. Para evitar a cedência fácil, no entanto, bastará assumir que este é o conflito mais perigoso para a nossa segurança comum desde a Segunda Guerra Mundial. Assim, pelo menos, os Estados europeus e os Estados Unidos têm uma razão para se empenharem sem falhas contra as ações de um país que viola de forma sistemática e grosseira normas fundamentais da ordem jurídica internacional.

Infelizmente, como se não chegasse e sobrasse aquilo que tínhamos perante nós, usou-se este tremendo caso prático para declarar aberta a caça aos autocratas, numa “guerra” em círculos concêntricos que, diz-se, opõe democracias a autocracias. Desta forma, a irracionalidade, a cupidez, o imperialismo regional de Moscovo (que nem reconhecia aos ucranianos uma qualquer identidade, quanto mais o direito de se autodeterminarem) ficam explicados de uma forma mais racional e, diga-se, com uma pontinha de erudição. O primeiro lamiré foi dado na Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos, que, aliás, apontou muito mais a Xi Jinping do que a Vladimir Putin. O segundo e terceiro atos, vimo-los com a “Bússola Estratégica” da União Europeia e, com o novo Conceito Estratégico da NATO, em junho de 2022.

Ora, se a opção terá os seus méritos, veio sobretudo a revelar inconvenientes. Juntou aqueles que não estariam necessariamente associados, mas que sentiram ventos ameaçadores que os olhavam como unidade. Depois, o posicionamento binário alienou apoios, ou pelo menos neutralidades aceitáveis, sem benefício que se consiga detetar. Finalmente, esqueceu o que são as relações internacionais. Copiando o que dizia Bismark sobre a política, são sempre a arte do possível. Nem é preciso ir longe ou recuar no tempo: o Qatar tem ou não sido decisivo nas funções de mediação que assumiu no conflito em Gaza, e tem ou não desempenhado um papel de relevo – como recentemente se viu - no próprio conflito ucraniano? O Qatar é, segundo os nossos padrões, uma democracia?

Nesta nova cruzada, ganhou além disso tração uma série de conceitos que, até aí, só saíam de forma timorata da esfera de discussão académica: Sul global, Ocidente alargado, ordem internacional baseada em regras, democracias liberais *versus* autocracias. Este jargão foi transformado em vulgata dominante, com consequências em processos de decisão políticos relevantes. Empurrou-nos, nomeadamente, para um gueto geopolítico cujos muros foram construídos por nós. Além disso, acicatou muitos que, no tal Sul global, queriam seguir as suas vidas coletivas, às vezes não muito democráticas, vendo-se de repente metidos numa amálgama estranha e tida como suspeita de amores ou desvelo pelos russos. Que o diga o Brasil, espancado por uma retórica polarizada, radical e intolerante (que, fácil é de ver, não admitia desvio) de cada vez que Lula da Silva dizia “paz”; ou as reações enxofradas com que foi sendo acolhida qualquer declaração ou propósito menos guerreiro da parte do Papa Francisco.

Nada disto teria acontecido se, a início, Putin tivesse evitado mais um ato de agressão despudorado contra a Ucrânia? Sem dúvida. Mas o exercício de apontar com o dedo tem os seus perigos. Por exemplo, em que ponto estaríamos se em 2014 o tal Ocidente alargado não tivesse olhado para o lado (aliás, com a consciência pesada), quando aconteceu a anexação da Crimeia?

De todo o modo, aprendemos, embora nesta Europa continuemos mais vocacionados para a tal arte do possível. Aprendemos sobre a urgência de assumirmos como desígnio o reforço na capacitação da nossa segurança e defesa, que seja mais do que métricas sem consequências substantivas. A invasão da Ucrânia abriu (um pouco) os olhos de bastantes, com esforços conjuntos surpreendentes. Aprendemos, depois, que em situações de necessidade a economia e o comércio internacionais não podem continuar a ser os nossos deuses absolutos. As escolhas dolorosas que alguns Estados tiveram de fazer em relação a uma dependência quase absoluta do petróleo e gás russo (à cabeça dos quais, a Alemanha) aí estão como demonstração.

A Ucrânia vai deixando de nos ser tão próxima como já foi, menos irmã, mais prima afastada que tende a aparecer nas ocasiões mais inconvenientes

E quanto à guerra? Já esteve pior, já esteve melhor.

Vladimir Putin, a nossa “*bête noire*”, não está de joelhos, mas também não consegue – e não creio que vá conseguir – colocar Kiev de joelhos. A hipótese de em novembro aquele que nós sabemos poder (poder!) não vencer as eleições teve um efeito surpreendente. Deixou-se outra vez de falar em negociações e a Ucrânia lançou uma operação militar notável em território russo. Cuidado, porém, com mais euforias. Pelas últimas contas, a Ucrânia controla 1250km2 de território russo, num total de cerca de 17 milhões de km2. E a Rússia controla muito menos do que aquilo que queria (queria tudo), mas, mesmo assim, sempre são 109.000km2, isto é, 18% do território ucraniano. Se Pokrovsk cair, tristes notícias, e vão desabar críticas sobre as opções de Zelensky - por ter desguarnecido uma frente crucial. Se Pokrovsk puder ser defendido, então a ocupação de parte de Kursk surgirá perante nós como uma decisão brilhante e inesquecível.

Uma coisa tenho como segura. A Ucrânia só não vai até ao fim se não for apoiada como merece. E deve ir-se até ao fim ao lado da Ucrânia, se se mantiver a autonomia soberana de decisão sobre o quando e o como, sem receio de irritar Kiev (mas isso acontece entre amigos). Assim, o apoio será mais útil e determinante. A Ucrânia decide, algures no futuro, por negociações? Também aí deverá ser apoiada sem hesitação, protegendo-a. Sim, protegendo-a de novas agressões, como não se soube ou não se quis fazê-lo até 2022.

Professor da Escola de Direito do Porto da U. Católica Portuguesa

UKRAINIAN PRESIDENTIAL PRESS SERVICE/REUTERS

Espaço público

Médicos no SNS: é preciso atraí-los

Editorial

Sónia Sapage

É essa a mensagem que os médicos têm tentado passar nos últimos dias para que não se pense que é suficiente aumentar as vagas em medicina para haver mais médicos disponíveis para o SNS

Desde que o primeiro-ministro anunciou, na histórica festa partidária do Pontal, que o Governo tudo fará para preencher o mapa de Portugal com medicina "em Trás-os-Montes e Évora", para com isso "formar mais médicos" e "espalhá-los pelo território", recomeçou a discussão sobre se o problema é realmente a falta de médicos.

O bastonário da Ordem dos Médicos diz que eles não faltam em Portugal, que o país forma profissionais suficientes até para exportação (como no caso dos dentistas, aliás), mas faltam, isso sim, no Serviço Nacional de Saúde. O que acontece é que eles não querem estar no SNS. Não é atractivo. Não paga bem (a menos que sejam tarefeiros). Não tem bons horários. Adapta-se muito lentamente à evolução. Espalha-se pelo interior mais longínquo do país. E ainda vai navegando ao sabor da estratégia de cada novo governo, ministro ou (agora) director executivo.

Perante isto, a realidade paralela que é o sector privado parece um sonho. Paga melhor (dizem), tem horários mais compatíveis com a vida familiar (nem todos os hospitais ou clínicas do privado têm urgências nocturnas, por exemplo), não lida com casos tão complicados (há patologias que normalmente só são tratadas no público) e, regra geral, situa-se em centros urbanos e acomoda-se em instalações invejáveis.

Se não houvesse um nível de atractividade tão desequilibrado entre o público e o privado, com o segundo a ganhar ao primeiro, não haveria tantos problemas na gestão das equipas. Aliás, esse desequilíbrio é depois replicado entre o privado em Portugal e o privado no estrangeiro, com vantagens para o segundo, o que faz com que alguns profissionais de saúde emigrem.

É essa a mensagem que os médicos têm tentado passar nos últimos dias para que não se pense que é suficiente aumentar as vagas em Medicina para haver mais médicos disponíveis para o SNS.

Também houve quem se dedicasse a fazer as contas para demonstrar que, como se não bastasse o tempo que demora a aprovação dos cursos de Medicina, é preciso ter em conta que um médico demora uma década a formar-se e, portanto, a solução de abrir mais faculdades da especialidade nunca seria uma solução para dar frutos no curto prazo.

O que é preciso reter do debate que se instalou nos últimos dias é que, para haver médicos suficientes no SNS, já não basta querê-los ou apelar ao seu espírito de missão?, é preciso atraí-los. Ainda vamos a tempo de fazer a pergunta óbvia (para lhe dar a resposta adequada): o que querem os médicos para exercer a sua digna profissão no SNS?

CARTAS AO DIRECTOR

Portugal falha metas para criar vagas residenciais para inimputáveis

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

De que médicos precisamos?

A futura abertura de novas faculdades de Medicina é uma boa notícia se os objectivos forem formar médicos-clínicos capazes de exercer 24 horas por dia e sete dias por semana (com o descanso apropriado). Para tal temos dois componentes principais: a selecção dos candidatos a futuros médicos e o *curriculum* da faculdade de Medicina.

A falta de médicos em funções, quer no presente quer no futuro, é uma realidade em Portugal e no resto do mundo. A existência de múltiplas especialidades médicas traduz o grande avanço e a complexidade desta área do conhecimento humano. Actualmente a nossa Ordem dos Médicos reconhece 105 especialidades, subespecialidades e competências. É natural que o recém-licenciado escolha a carreira que o realiza profissionalmente e que tenha uma compensação económica apropriada.

Ora o médico-clínico tem um pagamento extremamente baixo para o esforço e responsabilidades que lhes são exigidos. É, por isso, uma actividade em crise, que vai da pediatria e da medicina geral e familiar até à obstetrícia. Precisamos, portanto, de seleccionar os candidatos que dêem garantias de irem exercer como médicos-clínicos. Estes deverão ter, como perfil fundamental, um espírito de disponibilidade para ver doentes com empatia, simpatia e compaixão.

As novas faculdades de Medicina devem estar vocacionadas para preparar eficazmente e em tempo reduzido (quatro anos, em vez de seis anos) os futuros médicos-clínicos, como já acontece há 16 anos no Mestrado Integrado de Medicina da Universidade do Algarve. Neste caso são seleccionados candidatos já com uma licenciatura e experiência comprovada de prestação de cuidados a pessoas em necessidade.

Acautelando a selecção dos futuros médicos-clínicos (não utilizando apenas a nota atingida no secundário ou em exame de admissão) e assegurando que o acto médico (consulta) é devidamente remunerado, poderá ser um caminho para dar frutos positivos no futuro próximo.

Mário G. Lopes, Lisboa

A futura abertura de novas faculdades de Medicina é uma boa notícia se os objectivos forem formar médicos-clínicos capazes de exercer 24 horas por dia e sete dias por semana (com o descanso apropriado)

Mário G. Lopes
Lisboa

Não há falta de médicos!

O bastonário da Ordem dos Médicos acha que não há falta de médicos em Portugal e confirmou que há 61.000 médicos inscritos na Ordem. Como Portugal não chega aos 10 milhões de habitantes (e com tendência para descer...) isto dá um médico em média por cada 164 portugueses. Ora bem: mais do que 164 portugueses vivem no meu condomínio. E é um condomínio pequeno. Pelo que podíamos ter um "médico do condomínio" para aliviar o SNS. Em vez de o condomínio ter um ginásio, que é uma coisa que está muito vista – e que quase ninguém usa –, fazia-se um "consultório médico do condomínio", uma coisa bem equipada, bem catita. O médico ia conhecer todos os condóminos e

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM FAIXA DE GAZA

RAMADAN ABED/REUTERS

as suas patologias, havia um serviço personalizado e ninguém ia para as urgências ou para as ULS, ou lá o que isso é, à toa. Em vez de haver médico de família, havia médico de condomínio, com muito menos deslocações para todos. E se o médico morasse no condomínio, então era perfeito: ele até podia substituir algumas urgências. Isto é que era uma reforma do SNS a sério. Pensem nisso!

Fernando Vieira, Lisboa

A medicina privada no Canadá

Pretendo clarificar ou ir mais longe em relação ao que foi escrito pelo leitor Ronald Silley (18 de Agosto). Eu só posso comentar a situação na província de Ontário, onde vivo. Com efeito, não existe o erro que foi cometido em Portugal, hospitais não-governamentais. Contudo, para aliviar as idas aos hospitais, existem certos serviços privados que são pagos pelo governo, como laboratórios especializados em recolha de sangue para análise, electrocardiograma, raios X, ultra-som, etc... Locais de fisioterapia tanto podem aceitar ser pagos pelo governo como não, ou até serem híbridos.

A partir dos 65 anos, o governo também paga 100% de uma vasta gama de remédios considerados essenciais do ponto de vista médico, não existindo o conceito de comparticipação.

Existe uma grande clínica privada na minha área que só trata de hérnias, mas mesmo nessa o custo é pago pelo governo, e é um caso excepcional, pois o fundador desenvolveu um método particular de operar hérnias. O governo não cobre completamente tudo, e há seguros de saúde facultativos que podem suplementar a cobertura pelo governo e pagar medicamentos não essenciais ou para quem tem menos de 65 anos.

Aliás, o governo de Ontário até cobre despesas ocorridas fora da província, até certos limites. Concorrência entre saúde pública e "privada" é que não existe, eliminando uma das causas das grandes restrições em Portugal.

Carlos Coimbra, Toronto

ESCRITO NA PEDRA

Temos que cultivar, todos nós, uma certa ignorância, uma certa cegueira, ou não conseguiremos tolerar a sociedade J. M. Coetzee, Nobel da Literatura

O NÚMERO

222,1%

Número de trabalhadores em *layoff* mais do que triplicou em Julho, com um aumento de 222,1% face ao mesmo mês do ano passado, para 12.927, segundo dados oficiais

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Diz-me que redes usas, dir-te-ei quem és

Pedro Ferrão Tavares

Um estudo recente do ISCSP/CAAP, intitulado *50 Anos de Democracia em Portugal: Aspirações e Práticas Democráticas - Mudanças e Continuidade Intergeracionais*, revela que os jovens portugueses desejam uma representação mais substancial nas listas eleitorais e políticas públicas mais orientadas para as suas realidades. Cerca de 96% dos jovens adultos querem ver-se mais representados, avança o estudo.

Nas últimas décadas, e de forma ainda mais expressiva nos anos recentes, tem-se assistido a uma erosão cada vez maior nos partidos "tradicionais" de diferentes intervenientes essenciais para a renovação de ideias, desde este segmento mais jovem, fundamental para o envolvimento futuro na ação política, até grupos mais específicos.

A acrescer a esta tendência, e num mundo cada vez mais digital, em que a comunicação e o marketing estão tão interligados, os maiores partidos não têm conseguido acompanhar os tempos, falhando em passar a mensagem, chegar aos diferentes públicos de forma diferenciada, ouvir e acolher ideias, e em saber mobilizar.

Em contraponto, partidos mais recentes, nomeadamente os mais populistas, aprenderam a fórmula e dominam, como nunca, as melhores técnicas de mensagem segmentada, em que as redes sociais têm uma importância fundamental. Basta ver a estratégia das últimas legislativas, em particular, a campanha do Chega direcionada aos mais jovens.

Se o cenário político português tivesse marcas de redes sociais, o Chega seria o TikTok, a Iniciativa Liberal o LinkedIn. E o PS e PSD disputariam as redes onde todos estão. Esta abordagem já não é suficiente.

Uma análise mais aprofundada numa rede como o LinkedIn mostra o afastamento que um partido como o PS começa a ter por parte dos empresários. Fruto de vários anos de governação e, também, é preciso avaliar, de menor aproximação aos líderes empresariais, criou-se uma hostilização por muitos dos atores deste segmento, fundamental na tomada de decisões, na renovação do país, no crescimento económico, na mobilização e, claro, no capital de influência. Pelo contrário, a Iniciativa Liberal domina bem a rede empresarial, com um marketing apurado, pensado precisamente para atrair este grupo com mensagens populares de baixas de impostos generalizadas e de Estados mais magros.

Num contexto mundial em que as redes sociais têm sido acusadas de serem responsáveis apenas por mobilizar pelo populismo, espalhar falsas informações, num caminho sem retorno, vale a pena ver o movimento pré-eleitoral do último mês nos Estados Unidos e como é possível construir, em pouco tempo, uma campanha que mobiliza eleitores de várias áreas e perfis, baseada em informação e transparência.

Desde que o Presidente norte-americano anunciou que não se iria candidatar novamente às eleições de novembro e que Kamala Harris iniciou o processo de candidatura, a verdade é que as certezas e a inevitabilidade de uma vitória de Donald Trump se alteraram.

No espaço de 30 dias, as sondagens inverteram a tendência, mostrando maior favoritismo dos democratas, e, sobretudo, nota-se nos Estados Unidos um novo movimento do lado dos democratas, capaz de atrair novos eleitores e de mobilizar cidadãos para a importância das novas eleições. Mas o mais interessante tem sido a forma e os meios utilizados para passar a mensagem, das redes a ações de proximidade.

Se o cenário político tivesse marcas de redes sociais, o Chega seria o TikTok, a IL o LinkedIn. PS e PSD disputariam as redes onde todos estão

É verdade que fala bem, tem uma imagem credível e está rodeada de uma equipa sólida que sabe o que faz. E que utiliza esses meios não com mensagens populistas e notícias falsas, mas com transparência, inovação na forma de quem sabe o que é necessário para passar a mensagem. São inúmeros os vídeos gravados de Kamala Harris no passado, que agora se tornaram virais e que lhe aumentam a popularidade, ao invés de a prejudicar.

Afinal, é possível.

Este será certamente um exemplo internacional de um resultado final que desconhecemos, mas que trará muita discussão, e que pode e deve servir como base para trabalho que é necessário fazer, por cá.

Os próximos tempos da política portuguesa devem ser uma oportunidade para envolver mais pessoas e em trazer mais ideias. Seja nos anunciados estados gerais do PS, ou nas escolas de verão dos partidos, que precisam verdadeiramente de jovens. E claro: nas redes sociais.

As autárquicas estão à porta. É essencial concretizar estratégias de maior mobilização dos cidadãos, com mais transparência, ideias, factos e – porque não? – com novos meios e resultados.

Ex-secretário de Estado da Justiça

Dívida pública: *quo vadis?*

Pedro Cegonho

No primeiro semestre deste ano, os saldos global e primário das administrações públicas diminuíram em 4.556,2 e 4.253,2 milhões de euros, respetivamente, face ao período homólogo de 2023. Olhando para a despesa, esta cresce mais rapidamente do que a receita, ou seja, 11,2% e 1,7% respetivamente. Certo que a queda da receita está no prorrogar do prazo para o pagamento do IRC, descendo cerca de -65,6%, de acordo com a Síntese de Execução Orçamental da DGO de junho. No entanto, quando o saldo consolidado diminui ou é negativo (se incluirmos operações meramente financeiras), aumenta a pressão sobre a dívida pública para o financiar.

A dívida pública desceu, em 2023, para os 99,1% do PIB. Mas no segundo trimestre deste ano voltou aos 101,5% do PIB, o que representa uma variação de 1 p.p. face ao trimestre anterior. Situando-se em 278 mil milhões de euros, em valores absolutos, de acordo com o Banco de Portugal. A redução de 2023 iria permitir poupar cerca de 3,3 mil milhões de euros em juros, ao longo da próxima década. Mas, com tanta pressão da despesa, sobre os saldos e sobre a dívida, irá manter-se, ou até melhorar, essa projeção? Encontramo-nos longe dos 138,1% do PIB atingidos no pico da pandemia, mas não deixa de ser um *stock* de dívida muito relevante para ser ignorado. Apesar de, em julho, a dívida emitida pelas administrações públicas ter sido 1,5 mil milhões de euros inferior à dívida por estas amortizada, segundo o Banco de Portugal.

Neste momento, preocupa-me que a discussão política à volta do Orçamento do Estado (OE) se afaste do debate do objetivo de descida da dívida pública, e do modo e de um calendário para o fazer, quando as taxas de juro suportadas pelo Estado voltam a subir. O controlo da dívida pública não deve ser um fim em si mesmo. Mas, mais do que um indicador de maturidade das finanças públicas de um Estado, é uma forma de preservar a autonomia estratégica soberana, ou até cossoberana, pois estamos integrados na União Europeia e na zona euro. São as escolhas de hoje que condicionam as opções do futuro. Daí que, sobretudo, a dívida seja uma forma de gerar recursos públicos que devem financiar investimentos com capacidade de gerar valor no futuro - criando riqueza nacional e europeia. A gestão equilibrada da dívida do Estado é essencial para uma economia mais sustentável, competitiva e inclusiva. Para que não se consumam recursos financeiros com juros, sem impacto reprodutivo, o famoso serviço da dívida. Um controlo racional e inteligente da dívida pública é, também, uma demonstração de solidariedade intergeracional – sendo ainda uma salvaguarda dos direitos das gerações futuras.

Há um ano, na discussão do OE 2024, existia uma estratégia a médio prazo com dois pilares: excedentes orçamentais para redução da dívida pública e a constituição de um fundo soberano que nos permitiria fazer face a investimentos futuros - quando os fundos da coesão europeia diminuírem por via de um alargamento dos Estados-membros da UE, ou da redução das contribuições nacionais para o orçamento europeu. E hoje que estratégia a médio ou longo prazo existe?

Somos bombardeados diariamente com medidas avulsas, destinadas a agradar a segmentos bem identificados. Algumas das quais gerarão novas desigualdades de direitos ou injustiça fiscal na distribuição da carga fiscal e novos problemas a resolver no futuro.

Apesar de tudo, Bruxelas ainda regista que o rácio da dívida pública continue a trajetória descendente, mas estima uma "probabilidade de 20%" de que o seja "mais elevado em 2028 do que em 2023, implicando riscos médios, dado o atual elevado nível de dívida".

Sempre considerei que uma proposta de OE não se chumba ou aprova em abstrato, mas sim pelo conteúdo concreto que apresenta. Sobretudo garantindo que se estabelece um equilíbrio, realista, entre despesa e receita, e que, sistematicamente, se cumpre com as necessidades de investimento do país, sem pôr em causa equilíbrios futuros da dívida pública e a estabilidade macroeconómica do presente do país.

Esta visão sistémica é indispensável. E, por vezes, não se compagina com o voluntarismo do Governo, ou das oposições, em debitar propostas que sobrecarregam sobretudo na despesa. No entanto, como diz o adágio popular, até ao lavar dos cestos é vindima.

Ex-deputado do PS e antigo presidente da Anafre – Associação Nacional de Freguesias

O ano em que o desporto feminino de alta competição se tornou paródia

Maria João Marques

Não é doença, não é um tema "trans", nem nenhuma condição esquisita. Pouco frequente, apenas. São homens com DSD

No fundo, percebo. São crianças que nascem em países pobres, com cuidados de saúde materno-infantis deficitários. As mães, grávidas, não tiveram acesso a ecografias onde se diagnosticassem condições pouco frequentes. Quando nascem, as crianças exibem exteriormente o que parece uma vagina. E crescem como raparigas. Depois chegam à puberdade e, ao invés de menstruarem e desenvolverem as especificidades femininas, pelo contrário: o corpo torna-se masculino. Em muitos casos, finalmente respondendo à testosterona (em níveis de puberdade masculina), o pénis finalmente desenvolve-se, enfim, brota para fora do corpo que anteriormente se pensava ser de uma rapariga.

É o caso de uns tantos rapazes na República Dominicana, conhecidos como '*guevedoces*', porque o pénis lhes aparece só por volta dos 12 anos. A maioria, em adultos, vivem como homens, apesar de, em crianças, terem sido socializados como raparigas. Praticamente todos são heterossexuais: homens atraídos por mulheres.

Em alguns casos mantêm os órgãos sexuais femininos externos, tendo desde sempre órgãos sexuais masculinos - testículos normais, produtores de espermatozoides - internos. Como Caster Semenya, que ganhou medalhas de ouro olímpicas pelos 800 metros – femininos – em 2012 e 2016, bem como em vários campeonatos do mundo.

Não é doença, não é um tema "trans", nem nenhuma condição esquisita. Pouco frequente, apenas. São homens com deficiência de 5-alfa reductase. Têm cromossomas XY e, apesar da aparência dos órgãos sexuais externos, crescem para ter corpos masculinos. Comummente: são homens com DSD (diferenças de desenvolvimento sexual). E, ao contrário do que tantos afiançaram, homens com DSD não são mulheres.

Repetindo: percebo. Ninguém deseja ter uma condição que baralhe a nossa existência sexual. Quem vive com estas condições merece empatia e compaixão. Por outro lado, são países pobres, famílias pobres.

PETER CZIBORRA/REUTERS

Um corpo que passou por puberdade masculina ganha vantagens desportivas, que não são eliminadas se, mais tarde, se tomarem fármacos para reduzir testosterona

Havendo uma rapariga (pensa-se) com talento para o desporto, ganhando facilmente competições, bem, aproveita-se a sorte. O desporto tem este lado bonito de ser um caminho de mobilidade social ascendente para miúdas e miúdos de meios pobres. Quem vai desperdiçar a oportunidade de carreira no desporto feminino, de ganhar dinheiro e fama, só porque na adolescência não menstrua e o corpo se torna igual aos rapazes? Melhor manter-se oficialmente como mulher e ser uma estrela desportiva.

Sucede que do outro lado estão mulheres desportistas, que se esforçam para obter os melhores resultados, têm a mesma expectativa de sucesso profissional com o desporto e merecem justiça desportiva ao invés de competirem com homens com DSD e a sua injusta vantagem física.

A questão dos homens com DSD no desporto de alta competição não é nova. O próprio Comité Olímpico finge querer controlar ao impor limites máximos de testosterona, para dar a ideia (mas só a brincar) de garantir justiça. Ora não garante. A documentação científica é abundante: um corpo que passou por puberdade masculina ganha vantagens desportivas – massa muscular mais volumosa, maior força, maior coração, maior capacidade pulmonar, mais densidade óssea – sobre as mulheres, que não são eliminadas se, mais tarde, se tomarem fármacos para reduzir testosterona.

Antes do folclore dos jogos, Lundberg *et al* publicaram no *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, este ano, o estudo *The International Olympic Committee framework on fairness, inclusion and nondiscrimination on the basis of gender identity and sex variations does not protect fairness for female athletes*, constatando-o. A vantagem desportiva existe a partir do momento em que se passa pela puberdade masculina - que é o caso dos homens com DSD no desporto feminino.

Por tudo isto, foi com perplexidade (e horror) que vi tanta gente abandonar critérios científicos para aplaudir corpos masculinos dando olimpicamente socos em mulheres. Nem sequer pediam mais dados físicos sobre Lin Yu-tang ou Imane Khelif antes de subirem para o ringue para bater em mulheres.

Por azar, todos os indícios vão no sentido de Imane Khelif e LinYu-tang terem corpos masculinos. O grego ex-chefe do departamento médico da IBA afirmou publicamente em conferência de imprensa que Khelif e Lin eram homens biológicos segundo dois testes em dois laboratórios reputados em dois países diferentes. Nenhum recorreu para o tribunal arbitral do desporto da desqualificação pela IBA com base no resultado dos testes. Um vice-presidente da World Boxing (aceite pelo Comité Olímpico), então na IBA, também já afirmou que Khelif e Imane tinham cromossomas XY.

O jornalista americano de desporto Alan Abrahamson viu os testes e confirmou os resultados. Os comités olímpicos da Argélia e de Taiwan ameaçaram a IBA caso divulgasse os resultados. O preparador físico de Imane Khelif, George Cazorla, assumiu ao *Le Point* que Khelif e a sua equipa sabia da "anormalidade" cromossomática há anos e tomou medicação para baixar a testosterona. A *boxer* nigerianp-búlgara Joana Nwamerue também relatou que a equipa de Imane lhe disse que a vida nas montanhas alterara a argelina biologicamente (além de que Khelif tem força e técnicas de homem). Imane Khelif processou um rol de gente por *ciberbullying*, mas curiosamente não processou os que afirmaram institucionalmente os resultados dos testes da IBA.

Do outro lado tivemos o presidente do Comité Olímpico defendendo Khelif e Lin com os argumentos bestialmente científicos de assim estar no passaporte, viverem como mulheres e terem competido nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Além de sugerir genialmente que não há definição científica do que é uma mulher.

O selecionador espanhol Rafa Lozano falou à *Marca* da injustiça de ter Khelif e Lin no boxe feminino e como Khelif era um perigo a combater mulheres. De facto, foi um bom indicador da tolerância da violência sobre mulheres aplaudir corpos masculinos a bater em mulheres como desporto olímpico. Foi um momento escuro de que não se sai.

Mas não é só uma questão de boxe e segurança. É também sintoma de como se despreza o desporto feminino. Desde logo, por que diabo o desporto feminino não está reservado a mulheres? Porque é só uma brincadeira, afinal, e é o local para despejar quem não se qualifica para a excelência do desporto – masculino, claro.

Economista. Escreve à quarta-feira

Nova Lei das Finanças Locais só no Orçamento do Estado para 2026

Autarcas tinham a expectativa de que uma nova lei pudesse entrar em vigor com o Orçamento do próximo ano, ainda que a ANMP considere "razoável" calendário, tendo em conta que houve mudança de Governo

David Santiago

A nova Lei das Finanças Locais não ficará pronta este ano, nem constará do Orçamento do Estado para 2025 (OE2025), adiantou ao PÚBLICO fonte oficial do Governo, acrescentando que a legislação deverá ser revista no próximo ano, em que serão realizadas eleições autárquicas, para que figure no Orçamento de 2026.

Mas, pese embora este prazo frustre as expectativas acalentadas pelos autarcas, que esperavam poder contar no próximo ano com uma legislação mais adaptada às necessidades e capaz de reforçar a tesouraria dos municípios, a socialista Luísa Salgueiro admite ao PÚBLICO que o *timing* previsto pelo Governo da Aliança Democrática é "razoável".

Ainda no final de Abril, ao cabo do primeiro mês da actual governação, Luísa Salgueiro, presidente da Câmara Municipal de Matosinhos e líder da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), reuniu-se com o ministro adjunto e da Coesão Territorial, Manuel Castro Almeida, afirmando, no final, que "quer o tema da descentralização, o aprofundamento daquilo que já foi feito e o avanço em novas medidas, quer o tema das finanças locais são estruturais para a vida dos municípios e, portanto, vão ser merecedores de muita atenção, quer do lado dos municípios, quer do lado do Governo".

Duas questões inscritas no Programa do Governo, que prevê "avaliar e rever a Lei de Financiamento das autarquias locais, tendo em conta o reforço das suas competências próprias", bem como "aprofundar a descentralização já iniciada, com vista a confiar verdadeira responsabilidade de gestão dos serviços públicos, de modo a torná-los mais eficientes e mais próximos dos cidadãos".

A 20 de Maio, no âmbito dos 40 anos da criação da ANMP, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, garantiu que o Governo "vai revisitar" a Lei das Finanças Locais para, através de "diálogo político", atingir o objectivo de "maior previsibilidade e maior confiança" na gestão financeira das autarquias. Já a 16 de Junho, Luís Montenegro reiterou tal objectivo, fazendo notar que a revisão da Lei das Finanças Locais é também necessária para uma melhor resposta das autarquias aos novos encargos assumidos no âmbito da descentralização de competências da esfera central para a municipal.

DANIEL ROCHA

RUI GAUDÊNCIO

Miranda Sarmento e Castro Almeida (na foto de cima, à direita do primeiro-ministro) vão dialogar com a ANMP, liderada por Luísa Salgueiro

Municípios querem uma nova lei que seja capaz de garantir convergência com países da zona euro

"Estamos focados em poder apresentar, em diálogo com os municípios, uma nova Lei das Finanças Locais que possa vir a actualizar este novo enquadramento e dar de forma transparente, previsível e justa os recursos financeiros de que os municípios precisam para exercer as competências que lhe foram atribuídas", disse, citado pela agência Lusa.

Mais tempo

O Governo considera que é preciso mais tempo, não só porque apenas iniciou funções em Abril e desde então não houve possibilidade para fechar um *dossier* que é complexo e envolve realidades distintas, mas também para amadurecer e melhor avaliar a já concluída primeira fase do processo de descentralização.

É que a descentralização em áreas como a Saúde, Educação e Acção Social – precisamente aquelas que mais obstáculos conheceram ao longo da transferência de competências – envolvem custos díspares de município para município, além de que muitas autarquias não têm margem para realizar nova despesa para fazer face a competências nem sempre totalmente acauteladas pelo envelope financeiro previsto.

Nesse sentido, Manuel Castro Almeida declarou ao PÚBLICO, em finais de Junho: "Estamos a começar a recolher informação para poder trabalhar o assunto, para poder arranjar uma metodologia para ver o que é preciso rever, o que é que está bem, o que é que está mal. Estamos a fazer o trabalho de casa, trabalho de estudo, digamos assim. Neste momento, há apenas a consciência de que é preciso fazer e estarmos de acordo de que é preciso rever a lei."

Ao PÚBLICO, e apesar de o anterior Governo se ter comprometido com uma nova Lei das Finanças Locais no Orçamento do Estado para 2025, Luísa Salgueiro disse compreender as razões do actual executivo, considerando que "a partir do momento em que houve esta alteração", isto é, a crise política e a mudança de executivo, o novo calendário "é razoável". "Ainda nem nos reunimos com o Governo", acrescenta, revelando que logo no início de Setembro a ANMP se vai reunir com o ministro de Estado e das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, e com o ministro Adjunto e da Coesão Territorial.

Para a autarca de Matosinhos, o mais importante é que a nova lei possa ser aprovada em 2025 para produzir efeitos no Orçamento do Estado para 2026. "Politicamente o mais relevante é o *timing* que tem que ver com 2026, para estar alinhado com o calendário autárquico", ou seja, para que os autarcas eleitos nas eleições locais de Setembro/Outubro do próximo ano possam exercer os seus mandatos já com uma legislação actualizada.

A socialista Luísa Salgueiro faz questão de frisar que não está somente em causa garantir uma melhor resposta às novas competências assumidas, apontando outros factores para justificar a importância de uma nova Lei das Finanças Locais.

"Não é só a descentralização – até porque há um pacote próprio que acautela despesas, que tem de ser afinado e corrigido –, mas também a diferença que existe entre despesa pública ao nível local entre Portugal e os outros países da zona euro", afirma.

Além da convergência com os países da moeda única a nível da cabimentação orçamental para o poder local para promover a redução das assimetrias territoriais, a ANMP, nas propostas que entregou ao executivo anterior e ao actual, propõe o reforço das receitas próprias e da capacidade tributária das autarquias e a simplificação de processos e de mecanismos de reporte aplicados desde o programa de assistência financeira externa.

LUÍS FORRA/LUSA

Do luxo ao interclassismo, o porquê de Marcelo em Monte Gordo

Helena Pereira

Quinta do Lago é passado. "Sou o mesmo, uma pessoa que gosta do mar e que tem um lado original e extrovertido"

"Isto é um sonho para a minha velhice. É o que tenho em Cascais. Saio de casa e em cinco minutos estou na praia." É assim que o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, explica, em declarações ao PÚBLICO, a sua mais recente paixão pela praia algarvia de Monte Gordo, destino de férias popular de milhares de portugueses sem o *glamour* ou o luxo das praias de Vilamoura, Vale do Garrão ou Vale do Lobo.

Marcelo Rebelo de Sousa, que durante décadas passou as férias de Verão na Quinta do Lago e ia jantar ao Gigi's, deixou há alguns anos a rota dos hotéis cinco estrelas. Desde 2018, quando deixou de passar uma temporada com os netos (os três filhos mais velhos do filho Nuno Rebelo de Sousa). Primeiro, experimentou a praia de Alvor, depois quando correu o Algarve de uma ponta à outra durante a pandemia de covid-19. Ainda escolheu passar um Verão em Tavira, mas as viagens de barco na ria para ir para a praia e voltar ao hotel dificultavam-lhe a vida sempre que tinha de fazer um telefonema urgente ou tratar de assuntos de trabalho.

Escolheu um hotel de três estrelas, que frequenta durante todo o ano, até no Inverno. Gosta da água mais quente do sotavento algarvio e diverte-se com as conversas inopinadas que tem todos os dias com os outros veraneantes, a maior parte alentejanos, "que se queixam muito da agricultura e de problemas de acessos", mas também pessoas de Celorico de Basto [de onde é originária a família de Marcelo], "vizinhos do primeiro-ministro" [de Espinho], muitos professores e até uma senhora com 90 anos que trabalhou no final dos anos 50 com o seu pai, Baltazar Rebelo de Sousa, então subsecretário de Estado da Educação Nacional.

"Faço rigorosamente vida de praia sem encontrar ninguém conhecido da política. O comum da bolha [política] não gosta de praia, mas de almoços e jantares", explica, confessando que aproveita para fazer aquilo que já é um dos seus desportos favoritos: sondagens de rua que, segundo o próprio, não lhe dão as baixas taxas de popularidade que as últimas sondagens apontaram.

E o que é que aprende na praia? "Os socialistas já não estão amuados comigo por ter dissolvido a Assembleia, isso já passou; aquelas especulações sobre traição à pátria, não há quem me fale nisso, falam do Orçamento do Estado, querem que isto fique estável, não querem eleições, estão a gostar do Governo, mas também querem que o PS esteja forte. As pessoas estão preocupadas com a saúde, a abertura do ano escolar, ainda estão traumatizadas com a inflação. E sabem que eu não mudei no essencial. Sou o mesmo, uma pessoa que gosta do mar e que tem um lado original e extrovertido."

Sempre acompanhado pela ajudante-de-campo e por dois seguranças, Marcelo vai a pé para a praia, com a sua mochila, já foi à tradicional FATACIL e também já assistiu a um concerto do grupo musical Os Quatro e Meia. E há uma tradição que não furou: o jantar anual em Lagos com o ex-director adjunto do *Expresso* José António Lima, Luís Marques Mendes e a família de Jorge Sampaio.

O Presidente regressa hoje a Lisboa e os primeiros compromissos já estão marcados: ir à Feira do Livro do Porto e receber os atletas paralímpicos.

Tal como os anteriores Presidentes da República, Marcelo sempre passou as férias de Verão em Portugal. Os chefes de Estado, ao contrário do primeiro-ministro, têm de avisar o Parlamento quando se ausentam do país, mesmo que em viagens de carácter privado. Aconteceu poucas vezes com Marcelo: uma ida em peregrinação a Santiago de Compostela e uma deslocação a Inglaterra, este ano, para assistir à cerimónia de formatura do neto mais velho que se licenciou em Filosofia Política e Económica, o mesmo curso do ex-primeiro-ministro britânico Rishi Sunak.

Marcelo, que termina o segundo mandato em Belém em Março de 2026, já sabe como serão as férias nesse ano: voltar a Monte Gordo. Nessa altura terá direito a duas pensões, como professor catedrático da Universidade de Lisboa e como ex-Presidente, que equivale a 80% do salário. Em breve, brinca, receberá o título de "cuíca honorário", nome dado aos habitantes da praia de Monte Gordo.

Deputado do PSD contesta posição da ministra sobre termo 'pessoas que menstruam'

Fernando Costa

Bruno Vitorino defende que a ministra da Juventude e Modernização deveria "cingir-se" ao que está no Programa do Governo

Ministra Margarida Balseiro Lopes

O deputado do PSD Bruno Vitorino espera que a ministra da Juventude e Modernização, Margarida Balseiro Lopes, "tenha falado a título individual" quando, através de resposta do seu gabinete ministerial ao Parlamento, defendeu a utilização de "linguagem neutra do ponto de vista do género para se referir aos produtos menstruais". Em declarações ao PÚBLICO, o social-democrata elogia o "excelente trabalho" até agora levado a cabo pela ministra, mas contesta a posição assumida por Balseiro Lopes, que deveria "cingir-se" ao que consta no Programa do Governo, que não inclui a questão da linguagem neutra.

"Esta posição a mim não me vincula", afirmou Bruno Vitorino, esclarecendo que as suas declarações apenas reflectem a sua opinião pessoal e não pretende representar as posições do grupo parlamentar do PSD. O deputado espera que a resposta enviada ao Bloco de Esquerda pelo Ministério da Juventude e Modernização reflicta apenas a posição pessoal da ministra e não a do Governo de Luís Montenegro. Não obstante, assegura ter "grande consideração" profissional e política por Margarida Balseiro Lopes e sublinha o "excelente trabalho" desenvolvido pela ministra. Mas considera que a posição manifestada pode mostrar um desvio "do foco".

Aponta ainda que a questão da utilização de linguagem neutra não faz parte do Programa do Governo nem se coaduna com a tradição dos partidos que o compõem, lembrando que o PSD e o CDS votaram contra a Lei n.º 38/2018, que "estabelece o direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género".

O PÚBLICO questionou o Grupo Parlamentar do PSD sobre se concorda com a posição do Ministério da Juventude e Modernização, mas não obteve resposta em tempo útil.

Bruno Vitorino tinha questionado, em perguntas enviadas ao Ministério da Saúde, em Julho, por que tinha a DGS alterado "a palavra 'mulher' por 'pessoa que menstrua'" no questionário sobre saúde menstrual e "qual a legislação nacional ou decisão de órgão de soberania que ditou a aprovação da mudança de linguagem para a usada pela DGS".

O Ministério da Saúde, na resposta enviada ao Parlamento, sublinhou que "a Direcção-Geral da Saúde é um organismo técnico-normativo, dotado de autonomia técnica", não assumindo qualquer posição em relação à utilização de linguagem neutra. Já na resposta do gabinete de Balseiro Lopes ao Bloco, defende-se que a "concepção de políticas para pessoas que menstruam" também inclui pessoas transgénero e não-binárias.

Apesar das acusações do parlamentar social-democrata de que "a mudança de linguagem deriva da ideologia defendida por alguns e não da ciência", especialistas contactados pelo PÚBLICO em Julho explicaram que o termo "pessoas que menstruam" é utilizado em recomendações internacionais. Tal acontece porque o termo abrange não apenas pessoas do sexo feminino, mas também pessoas intersexo – pessoas que nascem com características indefinidas ou comuns a ambos os sexos – e pessoas "trans", que não se identificam com o sexo que lhes foi atribuído à nascença.

Em seis dias, um só fogo destruiu 14% da área florestal da Madeira

Nos últimos 20 anos, arderam perto de 40.500 hectares. Sem vegetação para reter o solo face às chuvas, risco de derrocadas como as de 2010 é agravado

Mariana Oliveira

Um único fogo, o que começou na serra de Água, na Madeira, há seis dias, consumiu uma área de 8162 hectares, segundo o Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais, o que representa 14% de toda a área florestal da ilha. Esta ocorrência está assim perto de destronar toda a área ardida na pior época de fogos na Madeira nos últimos 25 anos, que ocorreu em 2010, e que queimou 8632 hectares.

Os incêndios florestais não são uma realidade nova para a ilha. Em 2016, por exemplo, consumiram a vegetação que envolve a cidade do Funchal, destruíram 6270 hectares, diversas habitações e tiraram a vida a três pessoas. Nos últimos 20 anos (2004-2023) arderam perto de 40.500 hectares, o que representa 70% da área florestal da Madeira.

E isto aqui significa muito. Miguel Sequeira, botânico e professor na Universidade da Madeira, explica porquê: "Aqui as plantas nativas não estão preparadas para o fogo. Logo a regeneração é muito difícil, o que favorece a invasão das plantas exóticas." O universitário, que já dirigiu o Instituto das Florestas e Conservação da Natureza (IFCN) do arquipélago, lamenta que neste incêndio tenham ardido fragmentos de laurissilva quer do barbuzano, quer ripícola, ambas de grande valor ecológico, além de teixo e vegetação de altitude como o urzal.

Daí que Miguel Sequeira não perceba a falta de investimento crónico para prevenir os incêndios e proteger os 58 mil hectares de área florestal da ilha, que representam mais de três quartos da ilha da Madeira. "A floresta gera uma riqueza gigantesca. Traz milhares e milhares de pessoas todos os anos à Madeira para fazerem as veredas e as levadas. Será que não se pode destacar parte desse dinheiro para a floresta?", pergunta o botânico.

Falta mão-de-obra

Também o engenheiro agrário Paulo Rocha da Silva, que dirigiu mais de 30 anos os serviços florestais na Madeira, aponta as limitações orçamentais como um problema. "As disponibilidades orçamentais condicionam muito a actuação das instituições", lamenta. E sublinha que hoje há um novo constrangimento: a dificuldade de recrutar mão-de-obra para trabalhar nas áreas rurais.

Rocha da Silva recorda que a seguir ao 25 de Abril os serviços florestais eram dos principais empregadores da região, uma situação que se alterou de forma significativa. "Em 1975 havia 2300 funcionários nos serviços florestais. Quando saí, em 2015, éramos pouco mais de 300", precisa. Mas hoje acredita que se se tentasse recrutar 50 profissionais para fazer trabalhos manuais nas áreas florestais, muitos lugares iriam ficar vagos. "Quem tem capacidade física vai para a construção civil, que paga melhor", justifica.

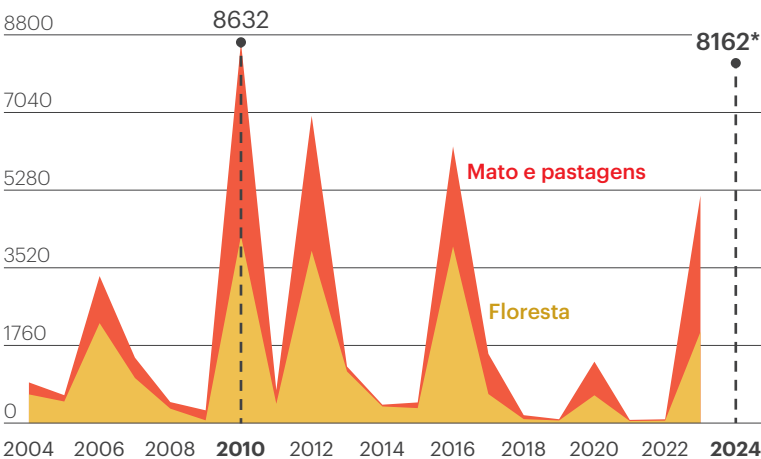
Talvez, por isso, Paulo Fernandes, investigador e professor do Departamento de Ciências Florestais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, considere tão diminutas as acções de defesa da floresta que o próprio IFCN contabiliza. Os últimos dados, referentes a 2022, dão conta que nesse ano a gestão de combustíveis abarcou 130 hectares - ou seja, 0,2% dos espaços florestais da ilha. Em 2020 e 2021 não foram contabilizados quaisquer trabalhos de limpeza. Entre 2003 e 2022, foram ainda beneficiados 34 pontos de água e mantidos 1195 quilómetros da rede de estradas florestais. Ao ver imagens e fotografias da região, Paulo Fernandes lamenta que não se veja limpeza de vegetação à volta das casas e das povoações, o que poderia evitar muitos dos momentos de aflição a que se tem assistido.

O Plano Regional de Ordenamento Florestal (PROF) da região autónoma, aprovado em 2015, determinava como objectivo elaborar o plano regional da defesa da floresta contra incêndios num prazo de três a cinco anos. Mas nove anos depois não se encontra qualquer documento estratégico semelhante. O PÚBLICO pediu explicações à Secretaria Regional de Ambiente e Recursos Naturais, mas ainda não obteve resposta.

Estava ainda prevista a criação da chamada "rede primária" - faixas de redução ou interrupção de combustíveis, com cerca de 125 metros de largura, que visam garantir condi-

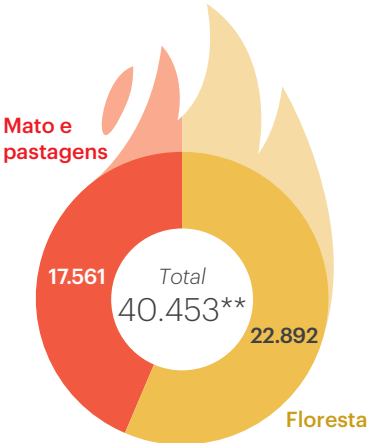
Em 1975, havia 2300 funcionários nos serviços florestais, em 2015, eram pouco mais de 300: a falta de gente para fazer gestão de combustível é um problema

Area ardida nos incêndios rurais na Madeira

Em hectares

*número provisório segundo Sistema Europeu de Informação sobre Fogos Florestais (EFFIS, na sigla inglesa)

**valor entre 2004 e 2023

Fonte: INE e Plano Regional de Ordenamento Florestal da Madeira

PÚBLICO

HOMEM DE GOUVEIA/EPA

Estradas fechadas e pessoas fora de casa

As estradas entre o Poiso e o Pico do Areeiro, na Madeira, foram ontem encerradas ao trânsito devido ao incêndio que lavra na ilha, mantendo-se intransitáveis os acessos ao planalto do Paul da Serra, informou o governo regional. O incêndio que lavra desde quarta-feira continuava ontem activo e, pelas 17h00, mantinha "dois teatros de operações", localizados nas freguesias da Serra de Água e Curral das Freiras, indicou a Protecção Civil regional.

Na Serra de Água, mantinham-se activos quatro focos de incêndio, embora de menor intensidade, sendo que o do Paul da Serra estava a evoluir para o lugar da Lombada, na freguesia de Ponta do Sol. Moradores da Fajã das Galinhas, em Câmara de Lobos, e da Furna, na Ribeira Brava, permaneciam ontem fora de casa.

ções favoráveis para diminuição da superfície percorrida por grandes incêndios –, mas os dados do instituto contabilizam zero hectares desde 2015. De fora desta estatística fica uma faixa de corta-fogo que está a ser construída nas serras em redor do Funchal, onde o governo regional já investiu 500 mil euros e que já tem mais de 300 hectares executados.

Houve outras medidas que foram cumpridas, como a criação de duas equipas de sapadores florestais, que se juntaram aos mais de 80 elementos da polícia florestal e às três dezenas de vigilantes da natureza. E a reabilitação de seis torres de vigia, que associadas às equipas móveis fazem a vigilância e detecção dos incêndios.

O engenheiro florestal Tiago Oliveira, que preside à Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF), esteve na Madeira, em Outubro de 2016, para reflectir sobre a problemática dos incêndios após os fogos trágicos desse ano. Já na altura insurgia-se contra uma estratégia muito baseada em meios de combate, nomeadamente viaturas pesadas ou aeronaves. Parecia que antevia as palavras, quase oito anos mais tarde, do actual presidente da Assembleia Legislativa da Madeira, José Manuel Rodrigues, que este domingo defendeu que o Estado deve assegurar à região mais dois helicópteros para combate a incêndios, a somar ao aparelho de que já dispõe.

"Gestão do risco de incêndio na ilha da Madeira não se resume a haver mais um ou dois meios aéreos, mas sim em haver uma estratégia que reduza o número de ignições e aumente a área de vegetação tratada, com silvo-pastorícia ordenada, com fogo controlado, durante o Inverno", defende Tiago Oliveira.

O presidente da AGIF realça que a Madeira ainda pode aderir ao processo do Plano Nacional de Gestão Integrada de Fogos Rurais, que a região optou por não adoptar. "Embora não tenhamos competências administrativas no território insular, podemos partilhar as boas práticas do continente e facilitar o acesso ao melhor conhecimento internacional", destaca.

Miguel Sequeira alerta já para os eventuais efeitos secundários dos incêndios, no Inverno, explicando que, se chover muito, como não há vegetação para reter o solo, as populações podem ser vítimas de derrocadas como as que mataram 51 pessoas em 2010. "Na Madeira a protecção da floresta não é só uma questão de ecologia, mas é uma questão de protecção das pessoas", sublinha. E lamenta que as populações, e por arrasto os políticos, ainda não tenham percebido a importância da floresta para a própria viabilidade do arquipélago. Critica ainda comportamentos de risco que não considera compatíveis com as preocupações ambientais actuais.

Floresta laurissilva

"Há risco de estar a fazer desaparecer espécies ainda não descritas"

Nicolau Ferreira

A palavra "relíquia" é apropriada para caracterizar a grande mancha da floresta laurissilva, situada nas vertentes Norte da ilha da Madeira, com dezenas de espécies endémicas, património mundial natural da UNESCO e Reserva da Biosfera. O último pedaço com alguma escala de um ecossistema que, até há três milhões de anos, era característico da zona do Sul da Europa e Mediterrâneo, tem estado no centro das preocupações de investigadores, como a bióloga Helena Freitas, que, nos últimos dias, observam a expansão do incêndio na Madeira com apreensão.

Uma resposta oficial da Secretaria Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente, do Governo da Região Autónoma da Madeira, a meio da manhã de ontem punha de parte esse perigo. "Relativamente à floresta laurissilva, podemos adiantar que, até ao momento, os incêndios ainda não a atingiram", refere Lisete Rodrigues, assessora da secretaria, num *e-mail* enviado ao PÚBLICO, dizendo ainda que o Instituto de Florestas e Conservação da Natureza (IFCN) da Madeira estava empenhado no combate aos focos do incêndio, que deflagrou na quarta-feira última e já queimou cerca de 8000 hectares, principalmente nas vertentes Sul da ilha.

Mas às últimas horas da tarde de ontem, Raimundo Quintal, investigador reformado da Universidade de Lisboa, geógrafo especializado em fitogeografia, conhecedor da flora endémica e nativa da ilha da Madeira, já não tinha tanta certeza desta informação. "O lume chegou à Boca da Torrinha e começou a descer para Boaventura, no lado contrário da [freguesia de] Curral das Freiras, para a zona Norte, que é uma zona com laurissilva", explica ao PÚBLICO o perito, que vive na ilha da Madeira e conhece bem a sua biodiversidade. Esta informação chegou-lhe por contactos dentro da ilha e também pelo que viu em *sites* que indicam os estados dos incêndios activos a partir de imagens de satélite. "Esperemos que, à noite, com o aumento da humidade, [o foco de incêndio] não tenha grande avanço" na região da laurissilva, refere.

Manuel Filipe, presidente da IFCN, disse ao PÚBLICO ao fim da tarde que não tinha informação do avanço do foco na Boca da Torrinha. Segundo o responsável, ao longo de terça-feira, o incêndio "evoluiu" em direcção ao pico Ruivo que, com a Boca da Torrinha e o Curral das Freiras, forma um triângulo na parte central e montanhosa da Madeira. O pico Ruivo é o ponto mais alto da Madeira, com uma altitude de 1861 metros, muito acima do limite onde a flora característica da laurissilva sobrevive, devido ao gelo e ao frio. Na região Norte, aquele património da UNESCO estende-se entre os 300 e os 1300 metros, ocupando 15.000 hectares, um quinto da área da ilha.

"É uma relíquia. É única. É a mancha mais íntegra de uma floresta histórica. É a maior unidade representante dessa floresta. Por ser uma floresta com milhões de anos, tem um conjunto de espécies endémicas, que dizem muito sobre o seu carácter singular", explica ao PÚBLICO Helena Freitas, bióloga, professora da Universidade de Coimbra e cátedra UNESCO da biodiversidade. "Fiquei chocada por não ouvir falar da laurissilva" pelas autoridades madeirenses nos primeiros dias do incêndio, refere a especialista, que fez várias publicações nas redes sociais a alertar para a questão. "A prevenção não pode ser só do lado das casas e das comunidades, mas também tem que se proteger a floresta", reforça.

A mãe dos madeirenses

O IFCN diz não ser ainda possível "fazer o balanço" do impacto dos incêndios no resto da ilha a nível da biodiversidade, segundo Lisete Rodrigues. Mas muitos outros ecossistemas importantes já terão sido atravessados pelo fogo, garante Miguel Sequeira, botânico e professor na Universidade da Madeira, que conhece bem aquele território. "Existem pequenas manchas de laurissilva mediterrânica na zona Sul da Madeira. Olho para a área queimada e sem dúvida nenhuma arderam. Os ecossistemas vão precisar de muitos anos para recuperar", diz o especialista ao PÚBLICO, referindo-se à laurissilva do barbusano, cujas espécies de árvores dominantes estão adaptadas ao clima mais seco que ocorre nas vertentes do Sul da ilha, onde não chove tanto.

O botânico explica que as sequências de incêndios que têm vindo a ocorrer nas últimas décadas – 2010, 2012 e 2016 são apenas exemplos mais expressivos de fenómenos causados por mão humana, que as alterações climáticas têm tornado mais devastadores – impedem os ecossistemas de recuperar e atingirem o seu clímax, quando providenciam o habitat para muitas espécies de animais, que na sua falta correm risco de desaparecer. "Cinquenta por cento das 110 espécies vegetais endémicas da Madeira estão na zona Sul, não estão na laurissilva [no Norte]", contextualiza.

Miguel Sequeira tem neste momento dez espécies vegetais da Madeira novas para a ciência para descrever. E acredita que haverá outras por descobrir. "Corremos o risco de estar a fazer desaparecer espécies ainda não descritas", afirma. "É um falhanço civilizacional", diz, avaliando a falta de capacidade que a sociedade tem de evitar os desastres ecológicos que têm ocorrido na Madeira.

Além do valor a nível da biodiversidade – que atrai uma enorme quantidade de turismo –, a floresta tem uma importância enorme no equilíbrio da ilha. "Eu diria que a laurissilva é a mãe dos madeirenses. Não teria havido água do Norte para o Sul da ilha se não houvesse laurissilva. Ela é fundamental para travar erosão e diminuir as cheias, catastróficas. E, além disso, é fundamental para as reservas de água que temos", afirma Raimundo Quintal. "Infelizmente, há muitos madeirenses que ainda não entenderam que a mãe deve ser bem tratada, senão pode morrer cedo."

GREGÓRIO CUNHA

Floresta laurissilva é fundamental para as reservas de água

Médicos de família lembram que vigiam gravidezes há muitos anos

Alexandra Campos

Presidente do colégio da especialidade diz que "corporativismos têm de ficar de lado" e que é preciso trabalho em equipa

NUNO FERREIRA SANTOS

O colégio da especialidade de medicina geral e familiar da Ordem dos Médicos (OM) não gostou de ver representantes dos enfermeiros especialistas em saúde materna e obstétrica a afirmar que os médicos de família não têm sensibilidade para a área obstétrica e fez questão de repudiar "veementemente" esta "insinuação". Em comunicado, o colégio presidido por Paula Broeiro lembra que os especialistas em medicina geral e familiar são "altamente qualificados e com formação rigorosa" e têm assegurado, ao longo dos anos, "o acompanhamento contínuo em todas as fases da gravidez, incluindo o diagnóstico e a orientação das situações de maior complexidade".

Os representantes dos enfermeiros especialistas em saúde materna e obstétrica defendem há anos um alargamento das suas funções nesta área, nomeadamente no acompanhamento das grávidas de baixo risco, e consideram que há agora uma oportunidade para fazer valer os seus argumentos, até tendo em conta os problemas – que se têm acentuado e tornado mais visíveis no Verão – nos serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia, alguns dos quais estão a fechar intermitentemente por falta de médicos em número suficiente.

Mas o colégio da especialidade de medicina geral e familiar da Ordem dos Médicos (OM) não gostou de ver posta em causa a preparação dos médicos de família para fazer a vigilância das grávidas. Considerando "inadmissível que se sugira um retrocesso na organização dos cuidados de saúde, desvalorizando a competência dos médicos de família", avisam que não aceitarão "atropelos" às suas competências e responsabilidades.

"Desde 1980 que os médicos de família fazem a vigilância da gravidez nas unidades coordenadoras funcionais e num trabalho de equipa", recorda a presidente do colégio da especialidade, Paula Broeiro, que trabalha numa unidade de cuidados de saúde personalizados nos Olivais, onde segue grávidas "sempre em equipa com enfermeiros especialistas".

"Só nos insurgimos por dizerem que não temos sensibilidade para esta área. Não há falta de sensibilidade. O que há é falta de médicos e também há falta de enfermeiros. O que temos é de conversar uns com os outros e encontrar uma solução para a população. Há que mudar muita coisa mas não se deve mudar o que está bem", argumenta a médica, que admite que a solução para a crise das urgências de ginecologia-obstetrícia "se calhar tem de passar por concentrar recursos". "Temos de ser criativos nestes tempos de crise e trabalhar todos em conjunto. E os corporativismos têm de ficar de lado", propõe.

> **"Não há falta de sensibilidade. O que há é falta de médicos e também há falta de enfermeiros"**

Sem querer entrar em conflito com os médicos, "que são essenciais", a presidente da mesa do colégio de especialidade de enfermagem de saúde materna e obstétrica, Alexandrina Cardoso, concorda que a prioridade "é criar uma lógica de trabalho de equipa", mas volta a defender que a discussão "tem de estar centrada nas necessidades das pessoas, não nos profissionais".

"Estamos noutro tempo. Hoje os profissionais de saúde são altamente qualificados e podem assumir na íntegra as suas competências, que, neste caso, vão para além da vigilância da gravidez. Há todo um trabalho que os enfermeiros especialistas podem fazer, como o de ajudarem as mulheres a ajustarem-se à gravidez, a definirem o seu plano de parto, a compararem as diferentes opções, a prepararem-se para o parto. E podem ainda acompanhá-las no pós-parto, que é uma fase em que as mulheres ficam muitas vezes abandonadas", sustenta. "O que é inaceitável é que haja serviços fechados por falta de médicos. Temos de parar, sentarmo-nos e vermos quantos profissionais são precisos e para fazer o quê."

Já a presidente da Associação Sindical Portuguesa dos Enfermeiros, Lúcia Leite, repete que é necessário "insistir na necessidade de mudar a organização dos cuidados" nesta área e que isso é "algo a que a Ordem dos Médicos sempre se opôs" ao longo dos anos. E volta a defender que a situação actual é uma oportunidade para os enfermeiros explicarem o que está aqui em causa e fazerem valer os seus argumentos.

Autarcas da região de Leiria preocupados

Criam grupo de trabalho para melhorar resposta

Os oito municípios que são servidos pela Unidade Local de Saúde da Região de Leiria vão promover a criação de um grupo independente com o objectivo de elaborar propostas de melhoria dos serviços de urgência. Segundo uma nota da Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria (CIMRL), será criado o "Focus Grupo Independente e com experiência clínica e emergência médica", que pretende apontar para "políticas de saúde focadas na melhoria da organização, funcionamento, acesso e respostas aos utentes". Esta iniciativa das autarquias de Alcobaça, Batalha, Leiria, Marinha Grande, Nazaré, Ourém, Pombal e Porto de Mós, que abrange mais de 400 mil habitantes, compreende reuniões de trabalho com mais de uma dezena de especialistas da região, representantes das ordens profissionais e sindicatos. Pretendem respostas concretas e a definição de uma estratégia a curto e médio prazo que possa assegurar a continuidade e estabilidade dos serviços.

Trabalhadores estrangeiros em Portugal aumentam

O número de trabalhadores estrangeiros em Portugal tem vindo a aumentar e atingiu os 495 mil em 2023, mas ainda há algumas dificuldades na integração no mercado de trabalho.

Segundo o Boletim Económico do Banco de Portugal (BdP) de Junho de 2024, registou-se um "aumento expressivo" dos trabalhadores estrangeiros: passaram de 55,6 mil em 2014 para 495,2 mil em 2023, o que representou 2,1% e 13,4% do número total de trabalhadores por conta de outrem em cada um destes anos.

Entre os trabalhadores por conta de outrem estrangeiros destacam-se aqueles com nacionalidade brasileira, com 209,4 mil indivíduos registados na Segurança Social em 2023, o que equivale a 42,3% dos trabalhadores com nacionalidade estrangeira registados.

"As seguintes quatro nacionalidades com maior número de trabalhadores por conta de outrem registados são a indiana (41,0 mil), nepalesa (26,9 mil), cabo-verdiana (22,7 mil) e bengali (18,8 mil)", indica o BdP, acrescentando que, "no seu conjunto, estas quatro nacionalidades representam 22,1% do total de trabalhadores por conta de outrem com nacionalidade estrangeira em 2023". Quanto às áreas de actividade, a mesma análise revela que em 2023 "cerca de metade dos trabalhadores estrangeiros por conta de outrem encontrava-se em empresas dos sectores das actividades administrativas, alojamento e restauração, e construção".

Se em 2014 os trabalhadores estrangeiros eram 55,6 mil, em 2023 eram 495 mil. Brasileiros destacam-se

Tendo em conta que foram identificadas algumas dificuldades na obtenção de trabalho, o Governo aprovou, no início de Agosto, algumas medidas destinadas à promoção do emprego dos imigrantes, como a criação de uma rede de parceiros, coordenada pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, para reforçar a integração de imigrantes que não encontram trabalho ou perderam o vínculo laboral. Os imigrantes que estão inscritos nos centros de emprego como desempregados ou à procura de emprego terão disponível um "acompanhamento individual através de um tutor e também cursos de formação e língua portuguesa". **Lusa**

Novo líder da PSP deixa aviso: "Sociedade tem baixa tolerância ao erro da polícia"

Ana Henriques

Telmo Correia reage a críticas de polícias sobre a taxação de suplemento salarial: "Todos temos de pagar impostos"

O novo comandante nacional da PSP, Luís Carrilho, deixou ontem um aviso à corporação que dirige: "A sociedade tem uma tolerância muito baixa ao erro da polícia."

O dirigente máximo da corporação não falou em casos concretos, mas a mensagem surge dias depois de se saber que a PSP manteve durante vários anos ao serviço um agente suspeito de sufocar um homem para lhe extrair uma confissão. As suspeitas haviam de ser confirmadas em tribunal e o agressor condenado a três anos de pena suspensa, mas só depois disso foi expulso da corporação, ainda era José Luís Carneiro ministro da Administração Interna.

A preocupação de Luís Carrilho é também a da actual titular da pasta, Margarida Blasco, que anunciou recentemente a abertura de um inquérito para apurar eventuais responsabilidades disciplinares de elementos das forças de segurança pela sua participação em organizações extremistas, como o grupo 1143.

À margem da cerimónia de tomada de posse do novo comandante da Unidade Especial de Polícia, Pedro Teles, a ministra defendeu que estes profissionais têm de "ter boa formação, de saber estar". Já o superintendente que a partir de agora dirige esta unidade de elite, vocacionada para o controlo de multidões mas também para a segurança pessoal de figuras de Estado, deixou também ele um recado aos seus homens ao declarar-se contrário a "qualquer forma de extremismo ou de discriminação".

Luís Carrilho, líder da PSP

Questionado pelos jornalistas, o comandante nacional da PSP escusou-se a dizer se vai ou não cumprir a recomendação da Inspecção-Geral da Administração Interna para que os agentes da Unidade Especial de Polícia andem com a sua identificação sempre à vista. "Estamos a analisar", acabou por responder. A recomendação surge depois de esta inspecção não ter conseguido identificar quem foi o polícia que abriu a cabeça a um cidadão que ia assistir a um jogo de futebol entre o Famalicão e o Sporting, a 3 de Fevereiro passado. Antigo comandante desta unidade de elite, Luís Carrilho não tem dúvidas: "A Unidade Especial de Polícia é a grande reserva da democracia", pelas funções que lhe estão cometidas.

Entretanto, o Ministério da Administração Interna está a fazer esforços para conseguir pagar ainda em Agosto o aumento do suplemento salarial de missão da PSP e da GNR. Por agora são mais 200 euros mensais que acrescem aos cem que os polícias já recebiam, e igualmente taxados. Nalguns casos, consoante a situação de cada um, o aumento líquido fica-se pelos cem euros, ou menos ainda, o que tem estado a gerar alguma insatisfação dos agentes patente nas redes sociais.

Mas neste particular não há nada a fazer, admitiu o secretário de Estado da Administração Interna, Telmo Correia: "Todos temos de pagar impostos."

"São contas difíceis de fazer", disse por seu turno a ministra Margarida Blasco. "Mas será sempre um suplemento digno".

Se não conseguir pagar até ao final do mês de Agosto, o Ministério da Administração Interna fá-lo-á em Setembro, antes do pagamento do salário desse mês. Este primeiro pagamento será de 400 euros brutos, uma vez que inclui um mês de retroactivos. O valor deste suplemento irá subir gradualmente, até chegar aos 400 euros mensais brutos em 2026.

À descoberta do morcego-anão nos parques do Porto

A autarquia do Porto renovou o programa Noites de Morcegos, que convida a população a ver e a ouvir os vizinhos nocturnos nos espaços verdes da cidade

Reportagem

Raquel Pardilhó Texto
Tiago Bernardo Lopes Fotografia

Alguns nunca os viram, outros até os confundem com pássaros. Afinal, como são os morcegos e onde estão? Para os curiosos que querem encontrar respostas para estas perguntas, está a decorrer mais uma edição de Noites de Morcegos, um programa que mapeia os esconderijos destes mamíferos voadores - que sempre estiveram debaixo dos nossos narizes.

Viemos à procura deles no Parque Oriental, nas margens do rio Tinto, a terceira paragem do roteiro. A sessão ainda não tinha começado quando surgiu um morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*), os protagonistas destas noites. Quem chegou mais cedo teve a oportunidade de o ver a vaguear pelos céus ainda muito claros.

"Deve ser uma mãe à procura de alimento para as suas crias", tenta explicar Luzia Sousa, a bióloga que orienta todas as visitas do programa. A partir daqui, deixa-se de olhar para o chão.

Sem roteiro, qualquer um consegue avistar estes pequenos voadores: basta estar em qualquer rua da cidade que tenha árvores, água e insectos. Grutas, minas, caixas de estores e ninhos abandonados também são alguns dos espaços que os morcegos utilizam para se refugiarem ao longo do ano.

Ver com os ouvidos

A sessão arranca por volta das 21h. Neste parque juntaram-se 30 pessoas - dos mais velhos aos mais novos - que já viram morcegos e sabem bem o que são. Mas há muitas facetas destes animais que são desconhecidas. "Os morcegos são fundamentais para o nosso bem-estar, porque são polinizadores, são dispersores de sementes. Controlam insectos que podem destruir as nossas culturas e que nos podem transmitir doenças", começa por dizer Luzia, que pertence ao grupo de trabalho da Aerobats, morcegos.pt e IRIS (Associação Nacional de Ambiente). "E se eu vos dissesse que há plantas que evoluíram paralelamente com os morcegos?", lança aos participantes.

Os morcegos (ou "rato cego") pertencem ao grupo dos quirópteros, cujo nome significa mão e asa. No fundo, os morcegos "voam com as mãos e vêem com os ouvidos". As asas dos morcegos são compostas por dedos que dão suporte à membrana da asa, o que faz com que estes mamíferos consigam voar. Existem mais de 1400 espécies estudadas - 29 das quais estão em Portugal (27 no continente e duas nos arquipélagos da Madeira e Açores). As duas regiões autónomas detêm um "endemismo", ou seja, uma espécie que só existe naquela zona.

Na cultura popular, estes animais estão associados ao mal. Surgem, por exemplo, na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, nas asas do diabo; e também ficaram associados a vampiros e como sendo animais que mordem os pescoços. No entanto, são animais muito "mais interessantes". "[Aliás,] os morcegos sempre existiram, nós é que não olhamos para eles", considera Luzia. Afinal, é muito fácil não reparar: voam em completo silêncio.

As nossas 29 espécies alimentam-se exclusivamente de insectos. "O morcego que vimos lá em cima pesa, nesta altura, à volta de seis gramas. Se tiver de comer pelo menos metade do seu peso em insectos todas as noites, percebemos que é uma grande ajuda, porque faz com que não seja necessário usar tantos pesticidas que vão poluir a água e destruir o solo", descreve a bióloga. No entanto, há espécies que se alimentam de fruta, sangue ou de outras espécies - desde o próprio morcego até rãs e ratos.

Sem roteiro, qualquer um os avista: basta estar em qualquer rua da cidade que tenha árvores, água e insectos

Guardiões da biodiversidade

Até aqui, ficámos a saber que os morcegos controlam a população de insectos, mas ainda há mais: também são agentes polinizadores e dispersores de sementes.

Durante a noite, os morcegos-de-língua-longa-de-pallas (*Glossophaga soricina*) alimentam-se do néctar das flores. Enquanto comem, o pólen agarra-se ao pêlo - à semelhança das abelhas. Contudo, as florestas húmidas estão reservadas a esta espécie. E o facto de não terem um bico grande - como as aves polinizadoras - permite cobrir uma superfície maior da flor.

No grande leque de espécies já estudadas, há ainda uma que come fruta para depois cuspir as sementes; ou os morcegos podem simplesmente expeli-las através das suas fezes — é o caso das frutas com sementes pequenas — que é considerado o "melhor fertilizante que se conhece". No fundo, este comportamento permite que as florestas se renovem, criando condições para atrair mais vida.

Por enquanto, neste jardim do Porto, ainda não há morcegos à vista - ainda há muita luz. Por isso, Luzia Souza prossegue com a explicação dos hábitos e curiosidades destes "ratos cegos", que podem medir entre dois e 30 centímetros — é o caso das raposas-voadoras, que podem pesar até 820 gramas.

Durante o Inverno quase não há insectos, então restam duas opções: ou migram ou hibernam. Em Portugal, os "nossos" acabam sempre por escolher a segunda opção. Quando chega a altura, os normais mil batimentos cardíacos por minuto durante o voo descem abruptamente até atingirem os quatro ou cinco. "É como ligar e desligar um interruptor", compara a bióloga. "É por isso que não se entra num abrigo quando estão a hibernar, para não acordarem e consumirem toda a energia que acumularam durante o Verão e o Outono", explica.

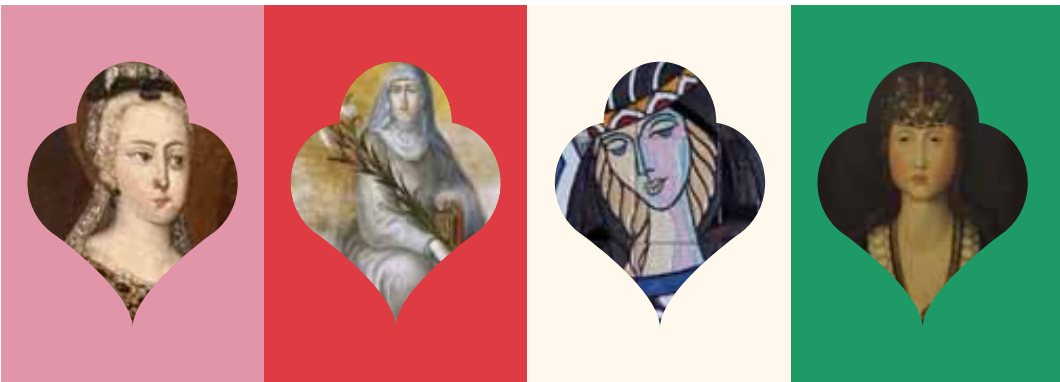
"Mas afinal porque é que estamos a falar deles?", pergunta Luzia. E responde: porque estão ameaçados. Já não se trata de perseguição, mas sim da destruição de abrigos naturais e de falso conhecimento, que leva ao envenenamento de fruta, causando a morte de morcegos polinizadores (quando na verdade o alvo são os morcegos-vampiros). "É por isso que estas acções são tão

importantes, para que haja uma partilha de informação e evitar que se cometam estes erros", esclarece.
E como é que podemos ajudá-los? "Criando um jardim que tenha flores que atraiam insectos ou abrigos".

Uma família e um morcego

O crepúsculo chega e os primeiros morcegos começam a sair para beberem a água do lago e para comerem os insectos que estão sobre as nossas cabeças.
Não os conseguimos ouvir, mas os aparelhos que Luzia trouxe conseguem decifrar os barulhos inaudíveis que estão a emitir - a chamada "ecolocalização". O ultra-som "bate" nos objectos e estes devolvem um eco, que é processado pelo cérebro do morcego. É assim que conseguem "ver com os ouvidos", enquanto voam na escuridão.
"Se repararem, o som final é diferente", diz Luzia, segundos antes de abrandar a velocidade do grito dos pequenos voadores, gravado pelo aparelho. É assim que sabemos quando se estão a alimentar: o som denuncia que encontraram um insecto, que é empurrado para a boca com a ajuda da cauda ou do braço.

Os morcegos controlam a população de insectos, mas ainda há mais: também são agentes polinizadores e dispersores de sementes

A curiosidade de ver um morcego é uma boa desculpa para aparecer nestas visitas. Sílvia Leite é uma dessas pessoas: quis mostrá-los à filha, que nunca tinha visto um. Em pleno Verão, foi uma boa noite para ter essa oportunidade, apesar de já estar a ficar muito escuro. "Já começa a ficar difícil vê-los, mas foi muito bonito durante o crepúsculo", diz. "Acho que não sabia muito sobre os morcegos, desconhecia que eram polinizadores. Como vivo na cidade, nunca consegui ver um perfeitamente, e muitas vezes confundíamos com pássaros", acrescenta. A filha, por outro lado, ficou fascinada com o aparelho de ultra-som - tal como as outras crianças que aqui estão. No entanto, uma só visita não chega para matar a curiosidade. Ainda querem mais: "Gostávamos de ir ao Covelo, porque disseram-nos que é um dos sítios onde há mais morcegos aqui no Porto."
A maioria dos visitantes estreia-se neste roteiro. No meio deles encontrámos Rute Pinto e Teresa Nunes. As suas expressões denunciavam o fascínio. Por sorte, houve uma desistência e conseguiram vir. "Tentei inscrever-me duas vezes no ano passado e é muito difícil conseguir uma vaga. Este ano finalmente consegui e quis vir, porque este animal atrai-me pelos seus hábitos nocturnos", diz Rute. "Gostei muito de perceber como é que eles detectam a presa para depois capturá-la. É espectacular", descreve.
Teresa Nunes realça que "é extraordinário o facto de terem uma frequência cardíaca tão alta em pleno voo e depois baixar bruscamente quando hibernam". Como seria de esperar, planeiam a próxima inscrição e querem trazer mais pessoas, "se tiverem sorte".
No fim das contas, a visita cumpriu o seu objectivo. Aliás, o roteiro já se tornou uma actividade anual. "Fazemos esta actividade cada vez mais em parques, porque temos mais público, felizmente. Isso é uma coisa que me dá muito prazer, principalmente porque há cada vez mais pessoas interessadas em ouvir, tentar saber um pouco mais sobre estes animais. Ainda mais quando são crianças", diz Luzia.
A par com a Eurobats e Morcegos.pt, a Câmara do Porto lançou a proposta no final de Junho para levar a população aos espaços da cidade que albergam uma densa flora e colónias de insectos. E onde há insectos, há morcegos. A entrada é livre, mas sujeita a inscrição prévia.
A actividade arrancou a 28 de Junho e termina a 6 de Setembro, no Jardim do Passeio Alegre. Mesmo sem visita guiada, pode-se olhar para o céu durante os crepúsculos deste Verão para ver um destes mamíferos alados.

Se Netanyahu 'concorda com a proposta', porque continua a sabotar o cessar-fogo?

Depois do optimismo de Blinken, Biden acusou o Hamas de estar "a recuar". Mas Netanyahu repete exigências que sabe serem inaceitáveis para o movimento palestiniano e para o Egipto

Sofia Lorena

Falando do que disse ser possivelmente "a última oportunidade" para uma trégua entre Israel e o Hamas, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, saiu de um encontro de três horas com Benjamin Netanyahu para anunciar que este lhe confirmara que "Israel aceita a proposta dos mediadores para um cessar-fogo em Gaza". Só que nada indica que um cessar-fogo esteja mais próximo do que antes de Blinken aterrar em Israel, numa viagem – a nona que faz à região desde Outubro – que ontem o levou ao Egipto.

O principal diplomata dos Estados Unidos referia-se à proposta apresentada na semana passada pelos mediadores norte-americanos, egípcios e qataris, que tem sido referida como uma "proposta de ponte" ("*bridging proposal*") – elaborada num momento de extrema urgência, quando há o risco de uma conflito regional alargado, com o Hezbollah e o Irão ainda decididos a reagir aos ataques israelitas que mataram um comandante da milícia xiita libanesa, em Beirute, e o líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerão.

Mas o texto que está em cima da mesa parece ser pouco mais do que a soma da proposta apresentada pelos EUA em Maio (e reiterada em Julho) – e com a qual o Hamas chegou a concordar – com as novas exigências feitas, entretanto, por Israel, ligeiramente atenuadas.

Por exemplo, depois de ter incluído como condição a garantia de que manterá o controlo da zona de fronteira entre Gaza e o Egipto (o chamado "corredor de Filadélfia"), Israel estará agora a oferecer-se para reduzir algumas das forças ali presentes, "mantendo-as ao longo de todo o corredor", escreve no *site* Axios o jornalista israelita especialista em diplomacia Barak Ravid. Um plano que é rejeitado não só pelo Hamas como pelo Egipto. "As conversações no Cairo [que reuniram israelitas, egípcios e norte-americanos entre domingo e segunda-feira] foram inúteis. Estamos definitivamente bloqueados", resumiu um funcionário israelita ouvido por Ravid.

Segundo Ravid, o mesmo Netanyahu que na segunda-feira Blinken elogiou como "muito construtivo" repreendera, horas antes, os seus negociadores por lhe dizerem que "se ele lhes desse mais espaço de manobra, seria possível chegar a um acordo", lê-se no Axios.

ABIR SULTAN/EPA

Protestos em Israel pela libertação dos reféns que continuam em Gaza

> **"As tentativas de Netanyahu para sabotar as negociações devem parar", disse o líder da oposição Yair Lapid**

A equipa "disse a Netanyahu que estava a negociar há meses e que não era possível um acordo com base nas suas posições actuais" – ao que o primeiro-ministro terá respondido que "o Hamas acabará por ceder". Para Ravid, isto reflecte o "duplo discurso" de Netanyahu, mostrando-se empenhado perante Blinken (foto em baixo), ao mesmo tempo que recusa dar espaço de manobra aos negociadores. A verdade é que Netanyahu não disfarça. "Israel não abandonará, em circunstância alguma, os corredores de Filadélfia e de Netzarim [zona estabelecida por Israel neste conflito e que separa o Norte de Gaza do Sul], apesar das enormes pressões para o fazer", afirmou ontem. "Não tenho a certeza de que haverá um acordo", disse ainda, segundo o diário *The Jerusalem Post*.

KEVIN MOHATT/REUTERS

"As declarações do primeiro-ministro são um torpedeamento do acordo", acusou o Fórum das Famílias dos Reféns, no mesmo dia em que Israel anunciou ter recuperado os corpos de seis reféns. "Chega de *briefings*, chega de *tweets*", reagiu, por seu turno, o líder da oposição, Yair Lapid. "Todas as tentativas de Netanyahu para sabotar as negociações devem parar. Um acordo agora, antes que todos eles morram."

"Netanyahu está a tentar renegociar os Acordos de Camp David pela porta das traseiras. O Egipto não está a gostar nada", realçou, numa publicação da rede X (antigo Twitter) o analista Ghanem Nuseibeh, referindo-se ao corredor de Filadélfia. Nuseibeh acusa Netanyahu de estar a agir com total desrespeito pelos acordos de paz com os Estados da região. "Tudo está em cima da mesa. Os EUA, para já, não comentam." Durante o seu encontro de ontem com Blinken, o Presidente egípcio, Abdel-Fattah el-Sissi, alertou para o risco de a guerra de Gaza se expandir pela região de uma forma "difícil de imaginar".

Messianismo e cinismo

Num comunicado em que reage à acusação de Joe Biden de estar "a recuar" ante um acordo (em declarações que fez em Chicago, onde discursou na Convenção Nacional do Partido Democrata), o Hamas acusou o Presidente norte-americano de usar palavras "enganadoras" que demonstram a "completa parcialidade" para com Israel e apelou à Casa Branca para que "trabalhe seriamente" para pôr fim à guerra. Segundo o movimento palestiniano, a "*bridging proposal*" apoiada pelos EUA é uma "inversão" do que as partes tinham acordado no início de Julho.

Para além das questões relacionadas com as posições controladas pelas Forças de Defesa de Israel (IDF) no terreno, o Governo israelita também exige agora vetar dezenas de nomes dos prisioneiros palestinianos libertados em troca da libertação dos reféns israelitas que continuam em Gaza e quer deportar alguns para o estrangeiro.

Antes de Israel acrescentar novas exigências, o Hamas fez uma cedência significativa, aceitando que a retirada das IDF não ocorra na primeira fase do acordo de cessar-fogo que (desde Maio) prevê três fases, começando com uma trégua de seis semanas que deverá ser prolongada até que haja um entendimento para um cessar-fogo permanente. De acordo com o jornal *Haaretz*, os assessores do primeiro-ministro israelita acreditam "que, mesmo que seja assinado um acordo, este vai desmoronar-se em semanas".

Na *newsletter Today*, do mesmo diário, o jornalista Amir Tibon escreve que nem "a fantasia messiânica" do actual líder do Hamas, Yahya Sinwar, nem "o cinismo político de Netanyahu" vão salvar a região. Sinwar, defende, ainda não desistiu de deixar como legado "uma guerra que envolva todo o Médio Oriente em chamas e que aumente o isolamento de Israel". Já Netanyahu sabe que, "neste momento, um acordo seria tratado como um feito diplomático de Biden", beneficiando Kamala Harris, enquanto "uma guerra total" ajudaria a campanha de Donald Trump, que ele quer ver de regresso à Casa Branca.

“Amamos-te, Joe.” Democratas dizem “adeus e obrigado”

Pedro Guerreiro, em Chicago

Convenção democrata arrumou discurso de despedida do Presidente na primeira noite e houve ovação para Hillary Clinton

Donald Trump andou nas últimas semanas a promover uma nova obra de ficção política: a ideia de que Joe Biden teria sido vítima de um golpe, levado a abandonar a recandidatura à Casa Branca contra sua vontade, e que aproveitaria a convenção democrata de Chicago para denunciar Kamala Harris e exigir a sua renomeação. Repetiu a teoria em vários comícios e em publicações na sua rede social, a Truth Social. Na madrugada de ontem, momentos antes de embarcar no Air Force One para a Califórnia, onde vai passar férias, Biden respondeu-lhe. “Ninguém influenciou a minha decisão”, garantiu. “Ele tem problemas”, disse sobre Trump.

Uma hora antes, no discurso de encerramento da primeira noite da convenção, Biden defendeu que ter escolhido Harris para sua vice-presidente foi “a melhor decisão” de uma carreira política de cinco décadas, numa sucessão de declarações que já tinham sido ouvidas aquando da sua comunicação ao país a partir da Sala Oval da Casa Branca. “Que saiba no meu coração, quando os meus dias terminarem, que América, América, dei-vos o meu melhor”, disse ao despedir-se, citando *American Anthem* de Gene Scheer (canção popularizada por Norah Jones), de forma propositadamente ambígua, aludindo simultaneamente ao seu legado político e ao seu apoio a uma candidatura de Harris.

O truque retórico resume o carácter híbrido do discurso que Biden não imaginaria há pouco mais de um mês que iria proferir em Chicago. Para além da defesa de Harris – “Ela é dura, é experiente e tem enorme integridade” –, o Presidente contrariou a mensagem-chave da campanha republicana de que os Estados Unidos estavam melhor com Trump na Casa Branca, descrevendo o país que os democratas receberam em 2020 e os progressos que entende terem sido alcançados desde então: uma crise de saúde pública debelada com o controlo da pandemia, uma economia que esteve a crescer acima das previsões, uma relação reconstruída com os aliados da NATO e a sobrevivência das instituições ao assalto ao Capitólio a 6 de Janeiro de 2021.

“Nesse dia, quase perdemos tudo o que faz o nosso país. E essa ameaça, e isto não é uma hipérbole, ainda está muito viva. Donald Trump diz que recusa aceitar os resultados eleitorais, se perder outra vez”, advertiu. “Com um coração grato, apresento-me perante vocês nesta noite de Agosto para declarar que a democracia prevaleceu. A democracia funcionou e agora a democracia tem de ser preservada”, disse.

Por momentos, a campanha democrata parecia ter regressado ao tom pré-Harris, grave e sombrio, apresentando a eleição de Novembro sobretudo como uma batalha decisiva pela democracia. Mas também soube ter graça noutros, surgindo ocasionalmente o registo mais descontraído que tem sido nota desde o anúncio do fim da sua recandidatura, como quando disse que o crime continuará a descer se os americanos elegeram “uma procuradora” em vez de “um condenado”.

Nota também para a referência de Biden à situação em Gaza quando um pequeno grupo de manifestantes pró-palestinianos ergueu uma tarja na arena a pedir um embargo de armas a Israel. A faixa foi removida por outros elementos da plateia e gerou-se uma troca de palavras e apupos, com *slogans* de apoio à causa palestiniana a serem engolidos por gritos de “Amamos Joe”.

“Estamos a trabalhar dia e noite, e o meu secretário de Estado [Antony Blinken], para impedir uma guerra mais alargada, reunir os reféns às suas famílias e aumentar a assistência humanitária, sanitária e alimentar a Gaza para terminar o sofrimento do povo palestiniano e por fim conseguir um cessar-fogo e acabar com esta guerra”, disse Biden.
Quase uma hora depois, Biden concluía o seu discurso, novamente marcado por tropeções na leitura do teleponto. A arena erguia-se novamente em cântico: “Amamos Joe.” As mesmas palavras surgiam no ecrã atrás do Presidente, em arranjo gráfico *kitsch*. A primeira-dama, Jill Biden, sobe ao palco, e seguem-na Harris e o marido. Percebe-se nos ecrãs gigantes que a “vice” de Biden lhe diz: “Amo-te.” Aparece depois o resto da família Biden, incluindo o filho Hunter. Já era perto da meia-noite em Chicago.

Hillary rachou o vidro

A actual candidata dos democratas tem evitado descrever as presidenciais de Novembro como um duelo entre uma mulher e um homem, desvalorizando a questão do género. Há oito anos, Hillary Clinton fez o inverso e enfatizou a cada oportunidade o carácter histórico da sua candidatura, acabando por ser derrotada por Trump. Na noite de segunda-feira, e sob longos aplausos, Hillary não perorou sobre o que aconteceu e o que podia ter sido, mas apontou uma linha condutora entre a sua campanha e a de Harris: “Rachámos o mais alto e duro telhado de vidro. Do outro lado desse vidro está Kamala Harris a erguer a mão e a prestar juramento como a nossa 47.ª Presidente dos Estados Unidos.”

Para além de reclamar o seu lugar na história de Harris, ou na sua pré-história, Hillary veio a Chicago ouvir ainda milhares de delegados e de apoiantes democratas gritar “*Lock him up*” (“prendam-no”) ao escutar o nome de Trump, anos depois de os republicanos terem entoado “*Lock her up*” (prendam-na) contra a então candidata democrata.

KEVIN LAMARQUE/REUTERS

ANNABELLE GORDON /CNP/EPA

Joe Biden e Alexandria Ocasio-Cortez foram dois dos protagonistas na primeira noite da Convenção Democrata

Que saiba no meu coração, quando os meus dias terminarem, que dei-vos o meu melhor, América
Joe Biden
Presidente dos EUA

Noutro momento da noite, e um dos mais emotivos, quatro americanos subiram ao palco para dar os seus testemunhos pessoais na luta pelo acesso ao aborto. Hadley Duvall, uma jovem mulher do Kentucky, contou como o padrasto a engravidou aos 12 anos, agradecendo ter tido a possibilidade de abortar e lamentando que, após a revogação de *Roe vs. Wade* pelo Supremo Tribunal, haja agora “crianças forçadas a carregar os filhos dos seus pais” em nove estados que não prevêem excepções à proibição do aborto em caso de violação ou incesto.

Um dos discursos mais ovacionados da primeira noite da convenção foi o de Alexandria Ocasio-Cortez, cuja mera presença no palco principal em Chicago seria notícia por si só. Foi apenas há seis anos que a então empregada de balcão e jovem activista derrubou um veterano do aparelho democrata nas primárias para chegar meses depois ao Congresso e se tornar uma nova estrela da ala esquerda do partido, auxiliada por uma exímia utilização das redes sociais. Membro do *squad* de mulheres progressistas e de cor com Ilhan Omar, Rashida Tlaib e Ayana Pressley, entrou várias vezes em conflito com a liderança de Nancy Pelosi.

Mas, passados esses seis anos, o partido reconhece-a como um activo e chama-a a Chicago para vender Harris aos eleitores mais jovens e mais à esquerda. Foi com A.O.C. que a palavra “Gaza” foi dita pela primeira vez no palco principal da convenção, antes ainda do discurso de Biden, com a congressista a defender o papel de Harris na gestão da crise no Médio Oriente: “Ela está a trabalhar incansavelmente para assegurar um cessar-fogo em Gaza e trazer os reféns para casa.”

E foi A.O.C. a apresentar, pelo menos nesta primeira noite de convenção, as mais válidas credenciais de classe trabalhadora: “Desde que fui eleita, os republicanos atacam-me e dizem-me para voltar a trabalhar como empregada de balcão. Pois voltaria a fazê-lo todos os dias, porque não há nada de errado em trabalhar para ganhar um salário.” E a lançar o ataque ao candidato republicano que mais agitou a arena: “Donald Trump venderia este país por um dólar, se isso significasse encher os seus bolsos e meter dinheiro nas mãos dos seus amigos de Wall Street.” Aplausos, gargalhadas e “A.O.C., A.O.C., A.O.C.” pontuaram a intervenção.

Procurador-geral da Venezuela diz que líder da oposição deve ser acusada de homicídio

Leonete Botelho

Tarek Saab considera Corina Machado autora moral das mortes causadas pela repressão policial aos protestos pós-eleitorais

O responsável máximo do Ministério Público da Venezuela, Tarek William Saab, afirmou numa entrevista que a líder da oposição pode ser acusada, "a qualquer momento", pela autoria moral das 25 mortes provocadas pela repressão policial do regime aos participantes nos protestos pós-eleitorais.

"Os venezuelanos responsabilizam-na por todas essas mortes [de pessoas] que foram assassinadas em situações que não podem ser classificadas omo protestos", disse Saab, referindo-se a María Corina Machado como "autoproclamada líder" sem a nomear, durante uma entrevista ao canal televisivo EvTV. Questionado pelo jornalista sobre se Corina Machado poderia ser acusada de homicídio, respondeu: "A qualquer momento podem ser, qualquer um deles, responsabilizados como autores morais de todos estes factos".

María Corina Machado, a fundadora do partido Vente Venezuela que candidatou Edmundo González Urrutia às eleições presidenciais de 28 de Julho através da Plataforma Unitária Democrática, tem-se assumido e sido reconhecida como líder da oposição e tem participado nas manifestações contra a anunciada reeleição de Nicolás Maduro pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE). Foi ela que montou a operação de recolha e contagem paralela dos votos em mais de 23 mil mesas, cujas actas foram publicadas na Internet e comprovam a vitória do principal candidato da oposição.

Questionado sobre a investigação que o regime fez à página web onde foram publicadas essas actas, o procurador-geral evitou responder directamente, mas insistiu que essas actas têm assinaturas "idênticas" e estão "desfocadas".

As actas oficiais ainda não foram divulgadas pelo CNE — como têm exigido a oposição e muitos países, mesmo próximos de Nicolás Maduro, como o Brasil e Colômbia — e todo o processo eleitoral está agora a ser escrutinado pelo Tribunal Supremo de Justiça, afecto ao regime. Isto enquanto se multiplicam as verificações independentes de organismos e autoridades internacionais, além de órgãos de comunicação social de outros países.

Já esta semana, foi divulgado um relatório da professora Dorothy Kronick, da Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA, que desmente a vitória de Nicolas Maduro. A autora cita inclusive os elogios do antigo Presidente dos EUA Jimmy Carter ao sistema eleitoral venezuelano, como "o melhor do mundo", e pormenoriza a quase impossibilidade de manipulação dos votos.

Para chegar a esta conclusão, a especialista em política da América Latina e autora de numerosos estudos sobre a região cita várias salvaguardas que existem no sistema de votação do país, incluindo a utilização de dados biométricos para aceder e processar o boletim de voto, que foram introduzidas pelo antigo Presidente Hugo Chávez. O ângulo inovador da investigação de Kronick é o concentrar-se na verificação dos registos dos cidadãos e no processo de auditoria realizado em 51% das assembleias de voto, uma vez impressas as actas após o encerramento das assembleias de voto. Este processo "acrescenta uma etapa adicional" para validar os resultados.

"Nos 20 anos que se passaram desde a implementação deste sistema de votação electrónica, o CNE sempre cumpriu aquela norma, excepto em três ocasiões: a eleição da Assembleia Nacional Constituinte em 2017, um referendo em 2023 [relativo à anexação do território de Essequibo], e a eleição presidencial em 28 de Julho deste ano, para o qual a CNE não publicou (pelo menos até à data) quaisquer dados ao nível da máquina de votação", escreve.

Outra investigação diferente foi feita pelo *siteCaçadores de fake news* que reuniu meia centena de vídeos compartilhados nas redes sociais na noite eleitoral, nos quais os resultados foram anunciados em voz alta por membros das mesas de voto em diferentes locais do país, e os compararam com os publicados na página resultsconvzla.com. Nos vídeos analisados, o candidato Edmundo González Urrutia aparece como vencedor em cada resultado anunciado, superando Nicolás Maduro.

Entretanto, o regime continua com a chamada *Operação Tun-tun*, a deter ilegalmente opositores políticos e manifestantes. Na semana passada, o Tribunal Penal Internacional informou já ter recebido, desde o dia seguinte à eleição, pelo menos 646 denúncias de violações de direitos humanos por parte do Governo de Nicolás Maduro, envolvendo prisões arbitrárias, desaparecimentos forçados, perseguições políticas, violações de menores, tortura, segregação política, homicídios, perseguições, tratamentos cruéis e degradantes.

MIGUEL GUTIERREZ/EPA

Corina Machado está na mira da justiça do regime de Maduro

A qualquer momento podem ser, qualquer um deles [oposição], responsabilizados como autores morais de todos estes factos

Tarek Saab
Procurador-geral da Venezuela

Antiga primeira-ministra do Bangladesh acusada de 21 casos de homicídio

André Certã

Casos devem-se à violência policial no país durante os protestos que levaram à deposição de Sheikh Hasina do cargo

A antiga primeira-ministra do Bangladesh Sheikh Hasina está a ser acusada de 21 casos de homicídio, um de rapto e três de crimes contra a humanidade, na sua maioria devido às acções da polícia e do seu Governo durante os protestos em massa que precederam a sua demissão e fuga para a Índia depois de 15 anos à frente do Governo do Bangladesh.

Na base da maioria das acusações está a violência exercida pela polícia durante os grandes protestos que ocorreram no Bangladesh desde o fim de Junho, de início contra a reintrodução de um sistema de quotas para veteranos e os seus descendentes na função pública, tendo evoluindo depois para protestos contra o Governo de Hasina.

Ao todo, durante os protestos, morreram mais de 400 pessoas vítimas de violência policial. Na sua maioria, as vítimas, tais como os manifestantes no geral, eram jovens estudantes. Um dos últimos casos, noticiado ontem pelo jornal do Bangladesh *The Daily Star*, envolve a morte pela polícia de um condutor de *tuk-tuk* na cidade de Rangpur, no qual estão também implicados os antigos ministros do Interior e do Comércio, antigos chefes da polícia e o antigo secretário-geral do partido que Sheikh Hasina liderava, a Liga Awami.

Para além de ser acusada destes crimes de homicídio, Hasina e oito outros membros do anterior Governo foram ainda acusados de crimes contra a humanidade e de genocídio no tribunal especial de crimes internacionais em Daca, capital do Bangladesh.

Na base destas acusações está a ideia de que a polícia foi utilizada directamente pela Liga Awami e por Sheikh Hasina para levar a cabo ordens "ilegais". Já a acusação de rapto remonta a 2015, quando um juiz do supremo tribunal do Bangladesh terá sido raptado e torturado.

O inspector-geral adjunto da polícia turística Md Moniruzzaman revelou, na sua carta de demissão, que, ao longo dos últimos dez anos, foi "obrigado a cumprir ordens ilegais de ministros ligados ao Governo da Liga Awami". Outro agente de polícia de alta patente, citado pela revista *The Diplomat*, disse que a polícia se transformou num "inimigo público".

Sheikh Hasina foi deposta após mais de um mês de protestos

Direitos suprimidos

O chefe do Governo interino e vencedor do Nobel da Paz em 2006, Muhammad Yunus, escolhido pelo Exército e pelos movimentos estudantis, contou que o país que herdou do Governo de Hasina estava "um autêntico caos".

"Nos seus esforços para se manter no poder, a ditadura de Sheikh Hasina destruiu todas as instituições do país", afirmou Yunus, no primeiro encontro com diplomatas estrangeiros desde que tomou posse. "O sistema judicial foi desmantelado. Os direitos democráticos foram suprimidos através de uma repressão brutal que durou uma década e meia. As eleições foram manipuladas de forma flagrante. Gerações de jovens cresceram sem exercer o seu direito de voto. Os bancos foram assaltados com total patrocínio político. E as finanças do Estado foram pilhadas por abusos de poder", especificou o novo chefe do Governo interino, que sublinhou que o primeiro passo para esse executivo era a realização de reformas políticas e judiciais, deixando para depois a realização de novas eleições.

"Realizaremos eleições participativas, livres e justas logo que possamos concluir o nosso mandato para levar a cabo reformas vitais na nossa comissão eleitoral, no sistema judicial, na administração civil, nas forças de segurança e nos meios de comunicação social", afirmou Muhammad Yunus, que definiu como objectivo o de "criar um novo Bangladesh próspero e sem pobreza".

NELSON GARRIDO

A decisão final sobre taxas alfandegárias aplicadas a marcas como a Tesla será tomada até 30 de Outubro

Bruxelas alivia taxas sobre carros eléctricos feitos na China

Model 3 da norte-americana Tesla vendido em Portugal é um dos modelos feitos na China e que, por isso, ficarão mais caros. Marcas ainda podem contestar

Victor Ferreira

A Comissão Europeia decidiu baixar as taxas de importação sobre carros eléctricos fabricados na China, uma decisão que abrange tanto as marcas chinesas presentes no mercado único europeu (BYD, Geely e SAIC) como marcas europeias (Volkswagen, BMW) ou norte-americanas (Tesla) que produzem automóveis eléctricos na China.

Bruxelas mantém a intenção de combater a vantagem competitiva que as ajudas de Estado concedidas por Pequim dão às marcas que fabricam na China, mas alivia ligeiramente as taxas alfandegárias que tinha proposto a 4 de Julho.

Os modelos da BYD terão uma taxa acrescida de 17% (e não 17,4%), os da Geely (dona da Volvo) pagarão mais 19,3% (em vez de 19,9%) na importação para a União Europeia (UE), os da SAIC ficarão 36,3% (e não 37,6%) mais caros no mercado único e os da Tesla terão uma taxa agravada em 9% (em vez de 20,8%).

Tesla com taxa própria

A Tesla requereu, na primeira fase, uma avaliação individualizada, para que se determinasse especificamente o valor da taxa alfandegária face ao volume de subsídios que terá recebido. "Esse pedido passou por uma análise exaustiva e uma avaliação", garante Bruxelas, que acabou por aplicar à Tesla uma taxa específica, diferente de todas as outras, e mais baixa, depois de concluir também que recebeu menos apoios estatais do que outros concorrentes.

"Qualquer diferença nas taxas reflecte as diferenças nos subsídios que foram atribuídos [aos fabricantes na China]", diz o executivo europeu, em comunicado, frisando ainda que o "nível de cooperação" das marcas nesta investigação aprofundada também foi tida em conta, em conjunto com outros elementos, para a determinação final da taxa a aplicar a cada marca.

Estas taxas adicionais (agora corrigidas) serão aplicadas em cima dos 10% de taxa alfandegária já em vigor. O que significa que os consumidores europeus vão certamente pagar mais caro pela compra de algum dos modelos abrangidos, se a proposta da Comissão vier a ser adoptada - a decisão final terá de ser publicada no jornal oficial da União Europeia até 30 de Outubro próximo.

No caso de um Tesla Model 3, por exemplo, a taxa alfandegária passa assim dos actuais 10% para 19%, porque, tal como a marca confirmou ao PÚBLICO, este modelo vendido na Europa é todo ele montado na fábrica de Xangai, na China. Pelo contrário, o Model Y não sofrerá agravamentos porque é produzido na fábrica da Tesla em Berlim.

Os fabricantes que não cooperaram nesta investigação aprofundada (anunciada pela presidente da Comissão, Ursula von der Leyen, no discurso do estado da União em Setembro de 2023) também beneficiarão de um ligeiro alívio, ficando com uma taxa igual aos da SAIC, de 36,3% (em vez de 37,6%). Pelo contrário, as restantes marcas que produzem carros na China e os introduzem no mercado único ficam sujeitos a uma taxa de 21,3% (e não 20,8%).

Europeus pagam mais

Bruxelas fala num "pequeno ajustamento, para baixo ou para cima", face ao figurino proposto inicialmente, dizendo que esta mudança "reflecte correcções técnicas baseadas nos argumentos fundamentados" que recebeu dos construtores e que puderam pronunciar-se depois da primeira proposta.

> "Nível de cooperação" das marcas nesta investigação aprofundada foi tida em conta

Mas não é só nas taxas que Bruxelas alivia a "mão pesada" que muitos temiam. Além disso, não se aplicarão retroactivamente as taxas, e todas as parcerias entre chineses e europeus que não exportaram carros neste período em que foi feita a investigação aos subsídios de Pequim poderão beneficiar da taxa mais baixa.

As indústrias alemã e norte-americana respiraram de alívio. A BMW, que produz o Mini eléctrico numa *joint-venture* sediada na China, estará sujeita a uma taxa de 21,3%, tal como o modelo Cupra Tavascan, do grupo Volkswagen, que o fabrica em Hefei, ao abrigo de outra *joint venture* entre a Seat e parceiros chineses.

As partes interessadas têm agora dez dias para se pronunciarem e depois é preciso esperar pelo resto do processo legislativo em que os próprios Estados-membros da UE têm também uma palavra a dizer. Mas se não houver uma maioria qualificada de países que se oponham, este figurino entrará em vigor em 2025 e por um período de cinco anos.

Um alívio nas retaliações?

O Governo chinês sempre afirmou o seu desagrado, acusando o executivo de Von der Leyen de criar riscos de uma guerra comercial entre estes dois blocos económicos. "A responsabilidade está inteiramente do lado da UE", afirmou o porta-voz do Ministério do Comércio da China, em Junho, semanas antes do primeiro anúncio de taxas agravadas.

A resposta de Bruxelas surgiu logo no dia seguinte, pelo comissário Pierre Dombrovskis, secundando o que já tinha sido dito pelo seu colega comissário da Economia Paolo Gentiloni que, no ano passado, havia defendido que não se vislumbravam razões para haver retaliações por parte da China. O mercado europeu estava a encher-se de modelos eléctricos fabricados na China, que eram vendidos a preços mais baixos graças a ajudas estatais que, à luz das regras na Europa, poderiam vir a ser consideradas "ilegais".

Entretanto, segundo a imprensa chinesa, algumas das marcas chinesas poderão vir a transferir produção para a UE ou abrir centros de produção no espaço geográfico do mercado único. Seria uma forma de evitar taxas adicionais, e uma decisão bem acolhida por alguns Governos europeus como Polónia, Espanha ou Hungria. Porém, a simples abertura de fábricas na UE não garante, por si só, uma "fuga" às taxas aduaneiras. Para respeitar as regras europeias, os produtores chineses teriam de assegurar um nível suficiente de transformação e de criação de valor acrescentado nessas fábricas.

Prémio do Euromilhões dá uma ajuda às contas externas da economia portuguesa

Pedro Crisóstomo

Entrega do maior prémio de sempre do jogo em Portugal, de 214 milhões, melhorou excedente da balança de pagamentos

Numa pequena economia como a portuguesa, quando um volumoso primeiro prémio do Euromilhões sai a um apostador nacional, esse facto extraordinário pode ter um efeito surpreendente na balança de pagamentos do país. E foi o que aconteceu no início deste Verão, quando, em Junho, um apostador do Porto ganhou um *jackpot* de 213,8 milhões de euros.

A sorte em escolher a chave "14, 16, 37, 45, 49 + 5, 7" gerou um milionário e, para lá das implicações pessoais que rapidamente farão o vencedor saltar para a lista de "sujeitos passivos" acompanhados pela Unidade dos Grandes Contribuintes da Autoridade Tributária e Aduaneira, a própria entrada do prémio na conta bancária da pessoa já teve um efeito momentâneo nas contas da economia portuguesa.

A prová-lo estão as estatísticas oficiais que o Banco de Portugal (BdP) divulgou ontem sobre a "balança de pagamentos e posição de investimento internacional" relativas a Junho deste ano.

O excedente da balança do rendimento secundário — onde se contabilizam as transferências correntes realizadas entre residentes em Portugal e não residentes no país — aumentou para 670 milhões de euros em Junho, comparando com um saldo positivo de 384 milhões em Junho do ano passado. E a explicação para a diferença de 286 milhões deve-se, "em grande parte", justamente ao recebimento "do maior prémio de sempre do Euromilhões em Portugal, na ordem dos 200 milhões de euros", porque é aqui que são contabilizados os prémios de jogo, explica o banco central português.

A balança de pagamentos, que "regista a vertente real das transacções entre os residentes e não-residentes de uma economia", está subdividida em duas: na balança corrente e na balança de capital. A primeira está, por sua vez, repartida em três — e é aqui que se encontra a tal balança do rendimento secundário, onde se contabiliza o pagamento internacional do Euromilhões ou outras operações, como as transferências pessoais ou as remessas de emigrantes e imigrantes.

A par da balança do rendimento secundário, fazem parte da balança corrente a balança comercial (para o registo das importações e exportações de bens e serviços) e a balança do rendimento primário (onde são contabilizados os valores de determinados rendimentos recebidos por quem vive no país ou fora, como os "dividendos e juros recebidos por não-residentes, em resultado de investimentos que detêm em Portugal, e recebidos por residentes em Portugal, associados a investimentos no exterior), lê-se numa síntese do Banco de Portugal.

MIGUEL MANSO

O maior prémio de sempre do Euromilhões em Portugal foi de 200 milhões de euros

A economia apresentou um excedente externo de 4113 milhões de euros no semestre

Feitas as contas aos primeiros seis meses do ano, a economia portuguesa apresentou um excedente externo de 4113 milhões de euros, quando, no mesmo período do ano passado, o valor fora de apenas 2115 milhões. Os 4113 milhões correspondem ao excedente das balanças corrente e de capital, que, em parte, beneficiaram do *jackpot* do Euromilhões.

E se este é um factor extraordinário, não foi o único a influenciar as contas. O Banco de Portugal explica que o saldo positivo resulta também de três outras razões: da circunstância de as importações de bens estarem a diminuir mais do que as exportações (o que levou a um decréscimo no défice da balança de bens na ordem dos 800 milhões de euros); do facto de as viagens e turismo no país estarem a levar a uma melhoria no excedente da balança de serviços (de 1191 milhões de euros); e ainda por se verificar uma diminuição do excedente da balança de capital (de 191 milhões de euros), "explicado, sobretudo, pela evolução das operações de compra e venda de activos intangíveis com o exterior."

O prémio do Euromilhões saiu a 25 de Junho e, por isso, o recebimento do valor ainda entrou para as contas externas do primeiro semestre, de que o Banco de Portugal está agora a fazer o retrato estatístico.

Poucas semanas depois, a 19 de Julho, um apostador português voltou a acertar na chave do Euromilhões, dividindo o *jackpot* de 53 milhões de euros com um apostador de um outro país que também acertou na composição vencedora.

Preços nos serviços pressionam inflação na zona euro

Pedro Crisóstomo

A inflação na zona euro voltou a aumentar em Julho, com as duas maiores economias europeias, a Alemanha e a França, a registarem agravamentos nas taxas que medem a evolução dos preços praticados junto dos consumidores, confirmam dados divulgados ontem pelo Eurostat. A maior pressão vem dos serviços, onde a diferença do índice em relação a Julho do ano passado está muito acima do valor global da inflação.

No conjunto dos 19 países da zona euro, a inflação total passou dos 2,5% registados em Junho para 2,6% em Julho (isto significa que a diferença no índice de preços em relação a Julho do ano passado é de 2,6%, maior do que acontecia em Junho quando se media a distância relativamente ao mesmo mês de 2023).

Nas 19 economias da moeda única, "o maior contributo para a taxa de inflação homóloga" veio da evolução dos preços nos serviços, "seguido dos produtos alimentares, álcool e tabaco" e, depois, dos produtos industriais não energéticos e da energia, explica o Eurostat.

De resto, excluindo apenas a energia e verificando qual é a taxa considerando todos os restantes agregados que compõem o índice, a inflação fica nos 2,7%, num valor superior aos 2,6% da taxa global. A taxa que mede a evolução dos preços no consumidor da energia está nos 1,2%, o que compara com o que se passa nos serviços, onde a diferença do índice em relação a Julho do ano passado é de 4%. Apesar da grande diferença, registou-se no mês passado um alívio na variação homóloga, que, em Junho, à semelhança do que se passou em Maio, estava nos 4,1%.

A próxima reunião do BCE decorre a 12 de Setembro

O contributo dos serviços para a variação anual do índice de preços foi de 1,82 pontos percentuais em Julho, continuando este agregado a ser o mais relevante neste momento para a manutenção da inflação num nível acima dos 2,5%.

Na Alemanha, a taxa de inflação está no mesmo patamar da média da zona euro, nos 2,6%. E, tal como na região da moeda única, a posição também representa um agravamento face ao valor de Junho (2,5%). Embora continue já abaixo do que se verificou em Maio (2,8%), a inflação alemã já esteve num valor mais recuado do que está agora, pois chegou a recuar para 2,3% em Fevereiro e ainda se susteve nos 2,4% em Março.

Em França, onde a inflação também já chegou a estar nos 2,4% este ano, a taxa está agora nos 2,7%, ligeiramente acima da média do euro. Em Maio estava nos 2,6%, em Junho ainda baixou para 2,5% e agora voltou a agravar-se.

Em Portugal assiste-se, tal como no país vizinho, a um desagravamento da inflação, embora a taxa esteja ligeiramente acima da média do euro. Olhando para o índice que permite fazer comparações a nível europeu (o harmonizado, IHPC), a taxa portuguesa estava em 3,8% em Maio, passou para 3,1% em Junho e voltou a decrescer em Julho, para 2,7%.

Se nos Estados Unidos se assistiu em Julho a uma pequena descida da inflação (para 2,9%) e isso está a levar analistas de mercado a apostarem que a Reserva Federal norte-americana poderá baixar as taxas de juro na reunião de Setembro, na área do euro, a trajectória inversa, de subida, volta a trocar as voltas, refreando as expectativas de que o Banco Central Europeu (BCE) irá agora voltar a fazer um corte nas taxas de juro.

Embaixada do Reino da Arábia Saudita

A Embaixada do Reino da Arábia Saudita em Lisboa vem pelo presente informar que o prazo de apresentação das propostas de empresas que querem participar no concurso publicado no jornal Público em 25 de Julho, foi prorrogado até dia 6 de setembro de 2024.

AVISO DE ABERTURA DE PROCEDIMENTO CONCURSAL DE SELEÇÃO INTERNACIONAL PARA A CONTRATAÇÃO DE DOUTORADO(A) NO ÂMBITO DO PROJETO LABORATÓRIO ASSOCIADO LA/P/0109/2020, FINANCIADO POR FUNDOS NACIONAIS ATRAVÉS DA FCT - FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, I.P., COM O IDENTIFICADOR DOI 10.54499/LA/P/0109/2020 (https://DOI.ORG/10.54499/LA/P/0109/2020)

Mais informações deverão ser consultadas em: https://www.euraxess.pt/, ou em https://www.it.pt/positions

Ministério da Agricultura e Pescas

Recrutamento de Diretor/a de Serviços Administrativos e Financeiros

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na versão atual, faz-se público que, por deliberação do Conselho Diretivo do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P. de 28 de junho de 2024, foi autorizada a abertura de procedimento concursal para provimento do cargo de direção intermédia de 1.º grau, de Diretor/a de Serviços Administrativos e Financeiros, com as competências previstas no artigo 4.º da Portaria n.º 151/2013, de 16 de abril, na Direção de Serviços Administrativos e Financeiros, unidade orgânica de primeiro nível.

A indicação dos requisitos formais de provimento, perfil pretendido, composição do júri e métodos de seleção constará na publicitação do procedimento concursal na Bolsa de Emprego Público em www.bep.gov.pt [com o código OE202408/0731], cujo prazo de candidatura decorre de 20 de agosto a 3 de setembro de 2024 e na página eletrónica em www.ivdp.pt /Institucional/Recursos Humanos/Recrutamentos.

20 de agosto de 2024

O Presidente do Conselho Diretivo do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I.P., Professor Doutor *Gilberto Paulo Peixoto Igrejas*

AVISO

Extrato

Nos termos dos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, adaptada à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, na sua redação atual, aplicáveis por força do artigo 6.º do Regulamento dos Cargos de Direção Intermédia de 3.º grau do Município da Lousã, na sua redação atual, torna-se público que, por deliberação da Câmara Municipal de 17/06/2024, que autorizou a abertura do procedimento, e por deliberação da Assembleia Municipal de 26/06/2024, que designou o respetivo Júri, encontra-se aberto, pelo prazo de 10 (dez) dias úteis a contar do dia seguinte ao da publicitação na Bolsa de Emprego Público (BEP), procedimento concursal para provimento de cargo de direção intermédia de 3.º grau – chefe de unidade - para a Unidade de Recursos Humanos da Divisão de Administração e Finanças do Município da Lousã.

Mais se informa que o aviso integral da abertura do procedimento foi publicado em *Diário da República* n.º149, 2.ª Série, de 2 de agosto de 2024, através do Aviso (extrato) n.º 16211/2024/2 e na BEP n.º OE202408/0109, encontrando-se, igualmente, disponível para consulta na plataforma de recrutamento do Município da Lousã, acessível em http://recrutamento.cm-lousa.pt. Lousã, 6 de agosto de 2024

A Vice-Presidente da Câmara Municipal,
Henriqueta Cristina Ferreira da Silva Beato de Oliveira

Área de Gestão de Recursos Humanos

MINISTÉRIO DA SAÚDE
UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, E.P.E.

AVISO

Conforme publicação do Decreto-Lei n.º 41/2024, de 21 de junho e ainda do Despacho n.º 7097-A/2024, republicado pelo Despacho n.º 7459-A/2024, e nos termos da deliberação do Conselho de Administração de 18 de julho de 2024, faz-se público que foi publicitado pelo Aviso n.º 17955/2024/2, inserto no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 160, de 20-082024, o procedimento concursal comum conducente ao recrutamento de pessoal médico, para preenchimento de 1 (um) posto de trabalho na especialidade de Neurologia, na categoria de assistente da carreira médica, cujo prazo de entrega das candidaturas é de 5 dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicitação do mesmo no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da Unidade Local de Saúde de São José. E.P.E., https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 20 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

Área de Gestão de Recursos Humanos

MINISTÉRIO DA SAÚDE
UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, E.P.E.

AVISO

Conforme publicação do Decreto-Lei n.º 41/2024, de 21 de junho, e ainda do Despacho n.º 7097-A/2024, republicado pelo Despacho n.º 7459-A/2024, e nos termos da deliberação do Conselho de Administração de 05 de julho de 2024, faz-se público que foi publicitado pelo Aviso n.º 17956/2024, inserto no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 160, de 20-082024, o procedimento concursal comum conducente ao recrutamento de pessoal médico, para preenchimento de 1 (um) posto de trabalho na especialidade de Cirurgia Pediátrica, na categoria de assistente da carreira médica, cujo prazo de entrega das candidaturas é de 5 dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicitação do mesmo no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 20 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

Área de Gestão de Recursos Humanos

MINISTÉRIO DA SAÚDE
UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, E.P.E.

AVISO

Conforme publicação do Decreto-Lei n.º 41/2024, de 21-06-2024, e do Despacho n.º 7097A/2024, retificado pelo Despacho n.º 7459-A/2024, e por deliberação do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E. de 11 de julho de 2024, fazse público que foi publicitado pelo Aviso n.º 17953/2024, inserto no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 160, de 20-08-2024, o procedimento concursal comum conducente ao recrutamento de pessoal médico, para preenchimento de 1 (um) posto de trabalho na especialidade de Cirurgia Maxilo-Facial, na categoria de assistente da carreira médica, cujo prazo de entrega das candidaturas é de 5 dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicitação do mesmo no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 20 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org

Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00

Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril
Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org

Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra
Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org

Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org

Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim
Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org

Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Edital n.º 1191/2024

Sumário: **Abertura de discussão pública da alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 58/1990 E 6/1996 - processo n.º 15/1997/11286/0 - E/20643/2024.**

Discussão Pública - Alteração à Licença da Operação de Loteamento Titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 58/1990 e 6/1996 - Processo n.º 15/1997/11286/0 - E/20643/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e), do n.º 1 e n.º 4, do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração aos lotes E1 e L1, dos alvará de loteamentos n.º 58/1990 e 6/1996, sito no Lugar da Chamadeira, Barreiros e Armada, da freguesia de São Vítor, deste concelho, em que é requerente URBAMINHO - Urbanizações do Minho, S. A., e consiste no seguinte: Lote E1, é suprimido o referido lote com 750 m2 (os mesmos 750 m2 de área de implantação; a garagem correspondia a 1.500,00 m2, o comércio 375,00 m2 e a habitação a 5.500,00 m2). Lote L1, aumento da área do lote para 72.225,80 m2; ampliação da área máxima de construção da garagem para 87.987,48 m2; aumento da área máxima de construção destinada a comércio para 91.835,85 m2 (onde se englobam 10.280,80 m2 do edifício existente implantado no terreno anexado); aumento da área máxima total de construção para 181.573,33 m2; aumento do volume de construção para 780.218,63 m3. As referidas alterações, implicam modificações aos valores globais do loteamento, nomeadamente no aumento da área a lotear para 117.905,41 m2; na redução do número de lotes para 7; no aumento da área máxima total de construção para 213.432,33 m2 e no aumento do volume de construção para 875.795,63 m3. O aumento da área a lotear resulta da junção do prédio correspondente à certidão do registo predial n.º 1897, da freguesia de São Vítor, com a área de 5.637,80 m2, e da área integrada no domínio público municipal com 5.032,61 m2 (cf. Alvará de Obras de Urbanização n.º 4/2010). As áreas de cedência ao domínio municipal são reconfiguradas, passam a corresponder a 42.119,61 m2 e redistribuídas da seguinte forma: Faixa de rodagem 12.903,32 m2; Estacionamento 2.574,88 m2; Passeio 5.124,99 m2; Área coberta; 333,00 m2; Equipamento 4.140,63 m2; Espaços verdes 16.860,61 m2 e utilização coletiva 182,18 m2. Mantém-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Há lugar à execução de obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga. Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

30 de julho de 2024.

O Vereador, João Vasconcelos Barros Rodrigues

Edital n.º 1192/2024

Sumário: **Discussão pública - Alteração à Licença da Operação de Loteamento Titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 33/1985 - Processo n.º 15/1997/13523/0 - E/18218/2024.**

Discussão Pública - Alteração à Licença da Operação de Loteamento Titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 33/1985 - Processo n.º 15/1997/13523/0 - E/18218/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração ao Lote 43, da Licença da Operação de Loteamento titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 33/1985, sito no Lugar das Sete Fontes ou do Pinheiro, da freguesia de Braga (São Vítor), deste concelho, em que é requerente Paulo Sérgio Ferreira Braga, e consiste no seguinte: alteração do uso de Apoio Atividades Secundárias e Terciárias (Comércio/Serviços) para Habitação (1G+1G/H+2H); aumento de 7 fogos; o número de pisos passa para 4 (2 pisos abaixo da cota de soleira e 2 pisos acima da cota de soleira); a cota de soleira passa para 254.00; a área do lote passa para 2 417,04 m² (diminui 122,96 m² para cedência ao domínio público, para reformular o traçado do passeio e aumentar a zona de estacionamento para 7 lugares); a área de implantação passa para 406,00 m²; a área de construção passa para 1 632,00 m² (406,00 m² destinados a Garagem no piso -2; 236,50 m² destinados a Garagem e 169,50 m² destinados a Habitação no piso -1; 406,00 m² destinados a habitação no piso do Rés-do-Chão e 414,00 m² destinados a habitação no piso em Andar) e o volume de construção passa para 5 384,20 m³. As referidas alterações implicam modificações aos valores globais do loteamento, passando a área total dos lotes a ser de 52 961,04 m²; a área cedida ao domínio público passa a ser de 3 999,56 m² (área de arruamento com 2 250,00 m²; área de estacionamento com 566,25 m²; área de passeios com 536,71 m² e área de passeios para C.M. com 647,00 m²), mantendo-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Há lugar à alteração às obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta, na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga. Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

30 de julho de 2024.

O Vereador, João Vasconcelos Barros Rodrigues

Área de Gestão de Recursos Humanos

MINISTÉRIO DA SAÚDE
UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, E.P.E.

AVISO

Conforme publicação do Decreto-Lei n.º 41/2024, de 21 de junho, e do Despacho n.º 7097A/2024, retificado pelo Despacho n.º 7459-A/2024, e nos termos da deliberação do Conselho de Administração de 18 de julho de 2024, faz-se público que foi publicitado pelo Aviso n.º 17954/2024/2, inserto no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 160, de 20-08-2024, o procedimento concursal comum conducente ao recrutamento de pessoal médico, para preenchimento de 3 (três) postos de trabalho na especialidade de Pneumologia, na categoria de assistente da carreira médica, cujo prazo de entrega das candidaturas é de 5 dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicitação do mesmo no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 20 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

A música

Seja nos Jogos Olímpicos ou numa breve corrida matinal, a música parece ser bastante útil — sobretudo para diminuir a percepção do esforço feito. Até nos jogos de futebol, a música parece ajudar a inclinar o campo

Tiago Ramalho

Os auriculares tornaram-se preciosos nos dias que correm. Seja nos balneários a horas de um jogo decisivo, seja nos derradeiros momentos antes de uma prova num estádio cheio ou mesmo à saída de casa numa corrida matinal de quem faz desporto por lazer, é difícil deixar os ouvidos a descoberto. A pergunta impõe-se: esta obsessão musical tem mesmo impacto na *performance* desportiva?

Sim, dir-se-ia na resposta mais linear possível. As músicas enérgicas que a nadadora Camila Rebelo ouve ou o estilo mais dançável da *playlist* do *skater* Gustavo Ribeiro podem ser relevantes no treino ou na preparação para uma prova. "A música cria uma sensação pessoal de controlo", sublinha Costas Karageorghis, investigador da Universidade Brunel de Londres (Reino Unido), que há décadas trabalha com música e *performance* desportiva — inclusive com atletas olímpicos. Nem todas as músicas serão indicadas para toda a gente, mas o princípio elementar engloba sobretudo encontrar a zona de conforto para bloquear qualquer ansiedade competitiva.

Quando um atleta está nesta sua zona de conforto, se sente estável e em controlo, a tendência é que obtenha um rendimento muito melhor. Algo bastante intuitivo, na verdade. No entanto, embora estes detalhes ajudem, principalmente na preparação psicológica e na motivação, é difícil criar pontes directas entre um único estímulo e a melhoria dos resultados. "Principalmente com atletas de elite com os quais há imensos factores que contribuem para o seu rendimento", nota Costas Karageorghis, que também tem publicado livros sobre a relação da música com o desporto — como *Applying Music in Exercise and Sport* ("Aplicar Música no Exercício e no Desporto"), disponível apenas em inglês e lançado em 2016.

O público (e quem possa estar no público) também ajuda, tal como a nutrição ou a adaptação a um local novo quando os atletas viajam em provas. Os estudos têm continuado, ainda assim, a tentar desvendar as melhorias que a música pode introduzir nos momentos prévios à competição através de ressonâncias magnéticas e outros exames ao cérebro. A regulação do estado emocional dos atletas é uma das principais vantagens que a música confere, permitindo acalmar ou induzir mais agressividade aos desportistas, por exemplo — aqui, o desporto que se pratica também tem influência. Há também uma redução da percepção do cansaço do atleta, mas que tem sido mais clara quando se corre e ouve música em simultâneo, ou seja, no ginásio

PAULO PIMENTA

ajuda mesmo a ter melhores resultados desportivos?

ou numa corrida na rua, em que os auriculares estão sempre colados aos ouvidos.

Qual é a melhor música para se ouvir? Aqui, já não há resposta. "Cada atleta precisa de se tratar como um porquinho-da-índia em que vai experimentando e experimentando até descobrir o estímulo óptimo para ele", diz Costas Karageorghis. As emoções antes de uma prova dos Jogos Olímpicos, por exemplo, trazem ansiedade acrescida, pelo que ter uma rotina pré-competição definida com estímulos que funcionam (e já foram testados) é muito importante. Não há uma única solução.

Como Costas Karageorghis trabalha regularmente com atletas olímpicos, a história de Dai Greene, atleta olímpico britânico (chegou a ser campeão mundial nos 400 metros barreiras), vem logo à baila. Estávamos em 2012, os Jogos Olímpicos disputavam-se em Londres, mas uma lesão no joelho colocou Dai Greene num contra-relógio.

"O treinador ligou-me e perguntou se podia dar ao Dai Greene alguma vantagem. O Dai Greene é um grande fã de música e usava-a regularmente como parte da sua rotina antes da competição", conta. Mãos à obra entre um cientista e um DJ britânico, Redlight. Assim surgiu *Talk to the drum*, a música criada para a recuperação de Dai Greene e para ser incorporada na rotina do atleta olímpico. Ritmo acelerado, energia e estímulos repetidos são os condimentos desta faixa. "Na verdade, ele até bateu o recorde pessoal numa corrida em Paris a usar esta música", conta.

O estímulo da música ajuda, mas são os factores psicológicos e emocionais a ditarem tudo o resto, admite Costas Karageorghis. E nem sempre são precisos estímulos tão intensos. "Quando precisam de um pico psicológico, podem ir para uma música com um baixo pesado, um ritmo de bateria proeminente e letra com imenso significado para eles [atletas]", diz. "Há outros períodos em que precisam de baixar os níveis", refere, exemplificando com corridas longas em que a conservação da energia é mais relevante.

Gritos do futebol

Ainda assim, é sempre uma questão de tentativa e erro. Os atletas devem ir testando o conforto ao longo dos treinos e das competições, mas nunca num grande evento desportivo – ninguém testou novas músicas antes de entrar em pista nos Jogos Olímpicos, certamente. "Nas olimpíadas precisa de controlo absoluto e de garantir que nada o irá perturbar porque, no fim de contas, vai competir contra os melhores da sua disciplina", acrescenta o investigador britânico.

Com a temporada olímpica de fora, as atenções regressam aos estádios de futebol. Aqui, a música é outra. Os jogadores largam os auscultadores quase duas horas antes,

Quando [os atletas] precisam de um pico psicológico, podem ir para uma música com um ritmo de bateria proeminente e letra com imenso significado para eles

Costas Karageorghis
Psicólogo e investigador

muitas vezes há música nos altifalantes do balneário e, em campo, o barulho tem outro impacto. Os efeitos são ainda mais difíceis de estudar, principalmente dada a diferença de tempo entre a escuta de músicas e a entrada em jogo.

Uma das *nuances* mais relevantes será o barulho da bancada. O apoio à equipa da casa e o som dos assobios acabam por contribuir para um inclinar de campo: na maioria das vezes (cerca de 57% das vezes), a equipa da casa vence os jogos de futebol. Mas este 12.º jogador, como se apelidam algumas claques de futebol, não explicará sozinho as vantagens de se jogar em casa. "Há muitas outras coisas em jogo", acautela Costas Karageorghis. Por exemplo, o conhecimento do campo onde se está a jogar ou coisas tão banais como os apanha-bolas darem uma bola molhada (ao adversário) e seca (aos jogadores da casa) em dias de chuva. Tudo conta.

Por exemplo, uma das conclusões comuns nos estudos sobre futebol é que o barulho vindo das bancadas influencia não só os jogadores, mas a equipa de arbitragem. "Talvez, subconscientemente, estejam mais condicionados a tomar decisões [a favor da equipa da casa] ou a mostrar cartões amarelos às equipas forasteiras – e este é um forte indicador do fenómeno da vantagem caseira", explica Costas Karageorghis.

Podcasts não ajudam tanto

Se esta é a realidade dos atletas profissionais, para quem este pequeno incentivo musical parece ajudar a atingir objectivos, o que dizer de quem sai de casa para meia hora de corrida pela manhã? A investigação parece mostrar que os benefícios até são maiores para os atletas do quotidiano. Por exemplo, uma das vantagens mais relevantes é a redução da percepção do esforço quando estamos a correr e a ouvir música.

Há explicação para esta percepção de que estamos a esforçar-nos menos do que sem música. A principal está no lactato sanguíneo, um metabolito produzido devido ao oxigénio insuficiente e que é geralmente utilizado como um indicador de cansaço. Por exemplo, se estivermos em repouso, no sofá, a produção de lactato será dez a 20 vezes inferior à produção durante um esforço intenso.

Ora, vários estudos têm mostrado, ao longo das últimas três décadas, que a produção de lactato sanguíneo é mais baixa quando os atletas ouvem música do que quando não ouvem. A justificação estará no efeito relaxante da música que diminui a tensão muscular e, consequentemente, aumenta o fluxo sanguíneo, diminuindo a produção de lactato.

Este fenómeno tem efeitos na prática, como mostrou um estudo liderado por Urs Granacher, da Universidade de Potsdam (Alemanha). A distância percorrida por pessoas que fazem *jogging* aumentou 10% com música, face a quem fez o percurso sem música, sobretudo devido a um aumento da velocidade entre quem ouvia música, como notam os investigadores no estudo publicado na revista *Sports*, em 2020.

"Nos atletas de elite, os seus ritmos motores são mais definidos e menos maleáveis. Há muito mais hipóteses [de melhorar] com pessoas activas recreativamente", refere Costas Karageorghis.

E há uma música certa? Nem por isso. Também para os atletas não profissionais é uma questão de tentativa e erro e de perceber o que se conjuga melhor com o desporto que está a fazer – seja na passadeira do ginásio seja pelas ruas. "As provas actuais apontam que um aspecto importante para melhorar o rendimento com música é a escolha pessoal", escreve Christopher Ballman, investigador da Universidade de Samford (Reino Unido) numa revisão de estudos publicada este ano na revista *Journal of Functional Morphology and Kinesiology*. Nesta análise a uma dezena de trabalhos sobre música e rendimento desportivo, o investigador britânico nota que, se a "música a tocar [num ginásio, por exemplo] nos altifalantes não for a preferida por um indivíduo em esforço, o rendimento pode sofrer". Mais uma vez, o gosto pessoal tem sempre uma palavra a dizer na motivação.

Já os *podcasts* não parecem ter efeitos muito relevantes para o desporto. Apesar do seu crescimento na última década, não foram ainda feitos para acompanhar corridas ou idas ao ginásio. "Com o *podcast* podemos ter uma boa experiência física e intelectual em simultâneo. Podemos educar-nos, expandir horizontes culturais ou rever a matéria para um exame", brinca Costas Karageorghis. "Mas se o objectivo for melhorar o rendimento desportivo, não recomendaria ouvir *podcasts*."

Cinema dos Açores e Madeira com maior mostra de sempre no Festival de Groix

O 23.º Festival Internacional do Filme Insular de Groix é dedicado às ilhas portuguesas. A mostra, de 1926 a 2023, permite contar a história dos Açores e Madeira e autonomizar a produção insular

Rui Pedro Paiva

O cinema dos Açores e da Madeira vai ser o cabeça de cartaz da 23.ª edição do Festival Internacional do Filme Insular de Groix (FIFIG), em França, que hoje tem início e decorre até domingo. Vão ser exibidos na ilha francesa mais de 30 filmes, alguns praticamente desconhecidos, abarcando um período temporal de quase cem anos (1926-2023). Uma mostra que, além de contar a história dos arquipélagos a partir do cinema, permite autonomizar as produções insulares no panorama nacional e reivindicar o espaço de Açores e Madeira no percurso do cinema português. Um duplo exercício que pode parecer contraditório, mas que sintetiza a relação histórica e política das regiões autónomas com o continente.

"Não me parece que tenha havido uma mostra tão relevante como esta sobre o cinema insular português, sobretudo internacionalmente", sublinha o realizador Gonçalo Tocha, que conversou com o PÚBLICO enquanto estava a caminho de Lorient, para apanhar o barco rumo a Groix. A organização, que diz tratar-se da "maior mostra de cinema açoriano e madeirense alguma vez organizada num festival internacional", também justifica a escolha como uma "homenagem às ilhas e ao povo português" nos 50 anos da instauração da liberdade.

O festival vai exibir filmes de realizadores açorianos e madeirenses (como Tocha, Amaya Sumpsi, Diogo Lima, André Laranjinha, Luís Bicudo, Jorge Monjardino, Manuel Luís Vieira) e outros rodados nas ilhas (de Joaquim Pinto, Nuno Leonel, Cláudia Varejão, Paulo Abreu, Rodrigo Areias, Catarina Mourão, Solveig Nordlund, Raquel Soeiro de Brito, Acácio de Almeida ou Jorge Brum do Canto).

"Nunca se pensou desta maneira", sinaliza o realizador, que vive na ilha do Faial há sete anos, a propósito de apresentar o cinema insular português como uma espécie de corpo autónomo. "Já o cinema português é difícil de ser promovido, quanto mais o cinema insular português com pouca expressão e visibilidade, mas há aqui todo um património." As produtoras Diana Diegues e Sophie Barbara (que integrará o júri da competição internacional) também vão estar presentes.

DR

Rabo de Peixe, documentário etnográfico de 2003 de Joaquim Pinto e Nuno Leonel

DR

RUI SOARES

Geógrafa Raquel Soeiro de Brito filmou *Erupção Vulcânica dos Capelinhos*. Cineasta Gonçalo Tocha

Gonçalo Tocha vai ser alvo de uma pequena retrospectiva no festival com a exibição de *Balaou* (2007) e *É na Terra não é na Lua* (2011), tal como Amaya Sumpsi, com os filmes *Meu Pescador, Meu Velho* (2013) e *Entre Ilhas* (2021). "Esta mostra vai dar força. É uma espécie de empoderamento do cinema feito nas ilhas e o que isso tem de especial e de diferente em termos de linguagem cinematográfica", prossegue.

O FIFIG vai contar com a apresentação de 11 filmes históricos dos arquipélagos, recuperados digitalmente através do programa FILMar da Cinemateca Portuguesa, como são os casos de *As Ilhas Encantadas* (Carlos Vilardebó, 1965), *A Canção da Terra* (Jorge Brum do Canto, 1938), *O Fauno das Montanhas* e o documentário *Tosquia de Ovelhas no Paúl de Serra* (Manuel Luís Vieira, 1926 e 1937, respectivamente) ou *Erupção Vulcânica dos Capelinhos, Ilha do Faial* (Raquel Soeiro de Brito, 1958).

"São filmes que permitem contar a história destes arquipélagos a partir do cinema", explica o coordenador do FILMar, Tiago Bartolomeu Costa, a quem caberá a apresentação das obras que permitem reivindicar o papel do cinema insular na história do cinema português. "Este festival tem a grande vantagem de sublinhar que há cinema feito sobre e nas ilhas que deve estar inscrito na história do cinema em Portugal."

"Faltam mercado e meios"

Fará sentido definir um conjunto de obras cinematográficas com base no território onde são criadas ou será apenas um rótulo com base na origem para facilitar a organização? A existência de uma literatura açoriana, por exemplo, motivou profundas discussões entre os que defendiam o conceito com base na particularidade literária como reflexo da açorianidade e os que a rejeitavam com a justificação de não existirem traços distintivos capazes de autonomizar a produção literária dos Açores face ao resto do país.

No cinema, contudo, até devido à escala, a noção de cinema dos Açores ou da Madeira nunca foi propriamente apresentada como um movimento autónomo, apesar de o FIFIG mostrar que tal é possível. "Pode-se falar num cinema dos arquipélagos se quisermos entender tudo aquilo a que o cinema esteve sujeito em Portugal durante a ditadura", considera Tiago Bartolomeu Costa, colocando as origens do cinema realizado nos Açores e na Madeira em confronto: por um lado, servia de "arma de propaganda fortíssima do Estado Novo", por outro, em certos casos, foi um instrumento de "resistência técnica e política".

É por isso que ao apresentar filmes de 1926 até 2023 o festival coloca em diálogo as várias perspectivas sobre a mesma comunidade e as próprias alterações na relação com a paisagem. "O que este festival vai propor, a par de um diálogo interessante entre um cinema de património e contemporâneo, é perceber como é que a mesma paisagem, os mesmos locais, os mesmos princípios orientadores de compreensão das comunidades podem ser traçados ao longo do tempo."

A programação do FIFIG conta ainda com várias sessões que vão além da projecção de filmes, como uma apresentação do escritor e realizador José Vieira, uma exposição da artista e fotógrafa Georgina Abreu e actuações dos artistas madeirenses Daniel V. Melim, Mariana Camacho e da associação Xarabanda. Vai ainda decorrer um debate sobre a produção cinematográfica açoriana: "Fazer cinema nos Açores: realidades e perspectivas."

Gonçalo Rocha antecipa a conversa. "Faltam mercado e meios de produção para podermos falar de um verdadeiro cinema insular feito por produções locais", responde. O realizador mostra-se confiante de que tal "vai acontecer em breve", dando o exemplo dos Açores, em que foi criado recentemente um grupo de trabalho informal dedicado a estabelecer relações e a criar uma estratégia para o cinema e o audiovisual açoriano.

"Estamos no final de duas produções e em contacto com o mercado internacional. Conseguimos perceber que o fascínio e interesse pelo território insular português são muito fortes", realça Tocha. O "grande desafio", diz, é perceber como "se pode trabalhar cinema" a partir do arquipélago. A matéria-prima existe: um "território riquíssimo", com "uma relação muito profunda com a natureza" e que evoca um "imaginário de fuga e pertença". "Os Açores são ilhas particulares. Há o contexto entre a América e a Europa. O isolamento. Uma relação com a natureza muito profunda e que nos marca a todos. Há coisas únicas que só acontecem aqui."

A Cinemateca regressa das férias com Terence Davies e Monique Rutler

Jorge Mourinha

Setembro traz à Cinemateca um dos mais secretos autores britânicos e uma figura importante do cinema português pós-Abril

Num "regresso em força" para o mês da *rentrée*, a Cinemateca Portuguesa propõe dois ciclos imperdíveis sobre cineastas insuficientemente reconhecidos: o britânico Terence Davies e a franco-portuguesa Monique Rutler, alvo de retrospectivas que se vêm juntar a ciclos sobre Raul Ruiz, William E. Jones e John Ford.

A retrospectiva integral de Terence Davies (1945-2023), que terá início logo a 2 de Setembro, fora pensada pela Cinemateca ainda em vida do realizador, que faleceu de cancro há um ano. Cineasta singular mesmo no contexto do cinema de autor britânico, trabalhado permanentemente pela memória e pelo trauma, mas senhor de uma obra lírica, de um romantismo simultaneamente operário e rude que só seria possível no Reino Unido, Davies foi revelado mundialmente pela primeira das suas nove longas-metragens de ficção: *Vozes Distantes, Vidas Suspensas* (1988), Leopardo de Ouro em Locarno, obra abertamente autobiográfica inspirada nas suas memórias de infância.

LUCAS OLENIUK/GETTY IMAGES

Retrospectiva de Terence Davies começa a 2 de Setembro

Ao longo de uma carreira demasiado rara, Davies deu papéis memoráveis a Gena Rowlands (*A Bíblia de Néon*), Gillian Anderson (*A Casa da Felicidade*, adaptando Edith Wharton), Rachel Weisz (*O Profundo Mar Azul*) e Cynthia Nixon (como a poetisa Emily Dickinson em *A Quiet Passion*). As últimas três longas do cineasta de Liverpool ficaram por estrear em sala em Portugal – *Sunset Song* (2015), baseado no romance de Lewis Gibbon, *A Quiet Passion* (2016), e *Benediction* (2021), biografia do poeta Siegfried Sassoon –, sendo esta uma ocasião raríssima de as podermos ver no grande ecrã.

Da retrospectiva de Monique Rutler consta *O Aborto Não é um Crime*, primeira exibição da sua versão para cinema

O outro nome em destaque na programação de Setembro será Monique Rutler, que, apesar de ter nascido em França, fez a sua vida e carreira em Portugal, dentro do cinema português: como montadora para Manoel de Oliveira, José Fonseca e Costa ou Fernando Matos Silva, mas também como realizadora de três longas-metragens e como integrante dos colectivos cinematográficos militantes Cinequipa e Cinequanon. Deve-se-lhe a montagem final de um dos documentários seminais de Abril, *As Armas e o Povo*, bem como a realização de *O Aborto Não É Um Crime* (1976), filme feito para a televisão que valeu um processo à Cinequipa e à jornalista Maria Antónia Palla, devido às suas imagens explícitas de uma interrupção de gravidez, e um debate intenso na sociedade civil em volta da despenalização do aborto.

Será a primeira exibição de *O Aborto Não É Um Crime* na sua versão para cinema, concluída no ano seguinte à exibição televisiva e com um final diferente; e será também a primeira vez que o filme, então assinado colectivamente pela Cinequipa, é oficialmente atribuído a Monique Rutler. O programa da retrospectiva, que terá início a 16 de Setembro, conta com a exibição das suas três longas, que prolongaram na ficção o seu interesse pelos temas sociais: *Velhos São os Trapos* (1980), *Jogo de Mão* (1983, estreado no Festival de Veneza) e *Solo de Violino* (1990), este último uma primeira versão da história de Maria Adelaide Coelho da Cunha a que Mário Barroso regressou recentemente no filme *Ordem Moral*.

No dia 20, haverá uma conversa sobre a obra de Monique Rutler animada pelo programador Ricardo Vieira Lisboa com a presença das investigadoras Ana Isabel Soares e Mariana Liz. O ciclo inclui ainda uma carta branca para a qual a cineasta escolheu apenas filmes de mulheres realizadoras – Agnès Varda, Marguerite Duras, Liliana Cavani, Vera Chytilova ou Susan Seidelman fazem parte da selecção.

A programação de Setembro da Cinemateca completa-se com a retrospectiva do cineasta experimental americano William E. Jones, integrada no festival Queer Lisboa, e a continuação da retrospectiva dedicada ao chileno Raul Ruiz, que se prolongará até Outubro. No final de Setembro, o crítico e investigador Tag Gallagher estará na Cinemateca para apresentar um ciclo de conferências sobre John Ford, um dos nomes míticos do cinema de Hollywood, a quem Gallagher dedicou um dos textos seminais da literatura sobre cinema, *Ford: The Man and His Films*. Integrada no programa recorrente *Histórias do Cinema*, a semana de conferências terá lugar entre 23 e 27 de Setembro.

Israel prevê colonato na Cisjordânia em património UNESCO

Os planos para o estabelecimento de um novo colonato na Cisjordânia, aprovado pelo Governo de Israel em Junho, estão a preocupar a sociedade civil e organizações activistas como a Peace Now, que vê por trás da localização anunciada pelas autoridades de Telavive o propósito de comprometer a contiguidade territorial entre várias aldeias palestinianas na região. A organização não-governamental (ONG) israelita, que defende o reconhecimento do Estado da Palestina como a "única solução viável" para resolver o conflito na Faixa de Gaza, sublinha ainda que o colonato será construído em território classificado pela UNESCO em 2014 como Património Mundial, sob a designação "Palestina: Terra de Oliveiras e Vinhas – Paisagem Cultural do Sul de Jerusalém, Battir".

A criação do colonato, que deverá ter cerca de 60 hectares, numa zona a sudoeste de Jerusalém e a oeste de Belém, foi anunciada na rede social X, na última quarta-feira, pelo ministro das Finanças de Israel. Bezalel Smotrich diz que o novo território ajudará a ligar Jerusalém a Gush Etzion, na Cisjordânia, perto de Belém. "Nenhum sentimento anti-Israel ou anti-sionismo impedirá o desenvolvimento continuado de [novos] colonatos", acrescentou na sua publicação.

Nahal Heletz será o primeiro colonato na Cisjordânia a ser estabelecido de raiz desde 2017, assinala o jornal *The Times of Israel*. Entre os trabalhos de zonamento a empreender e as licenças de construção que terão de ser obtidas, ainda deverão faltar vários anos até que se inicie a construção, acrescenta o jornal.

A Peace Now entende que o colonato não só comprometerá a contiguidade territorial entre várias aldeias palestinianas, como tem o objectivo de cortar o acesso das mesmas a Jerusalém. A ONG sublinha ainda que os limites que foram anunciados para Nahal Heletz são extremamente complexos e difíceis de entender com clareza, o que, adverte, pode levar a que a população palestiniana seja impedida de aceder às suas propriedades mesmo que estas não façam parte da área teoricamente abrangida pelo colonato. "Smotrich continua a promover a anexação [da Palestina] *de facto* e mostra desprezo pela carta da UNESCO da qual Israel é signatário. E todos nós pagaremos o preço", escreveu a Peace Now num comunicado de imprensa.

EDDIE GERAL/GETTY IMAGES

Socalcos de Battir testemunham um sistema de cultivo único

"A paisagem da colina de Battir compreende uma série de vales cultivados, conhecidos como *widian*, com socalcos de pedra característicos", escreve a UNESCO no seu *site*. Alguns desses socalcos beneficiam de "uma rede de canais de irrigação, alimentada por fontes subterrâneas", o que permite a existência de hortas comerciais numa "região tão montanhosa". Outros dos socalcos são secos e neles estão plantadas videiras e oliveiras. O território que deverá tornar-se Nahal Heletz é um testemunho de "milhares de anos de actividade humana", escreve o *The Art Newspaper*. **PÚBLICO**

ESTELA SILVA/EPA

O Vitória SC afastou o Zurique na segunda pré-eliminatória da Liga Conferência

> Quero uma equipa ambiciosa. Para ganhar, temos de trabalhar muito e ser rigorosos. Em alguns momentos, vai faltar frescura, não só física, como mental. Por isso, é importante que nos apoiem
>
> **Rui Borges**
> Treinador do Vitória SC

Vitória SC intocável à conquista da Europa

Melhor arranque da história dos minhotos pode ser determinante frente ao Zrinsjki Mostar no acesso à fase mais apetecível da Liga Conferência da UEFA

Augusto Bernardino

Depois de um arranque histórico, o mais bem-sucedido em quase 102 anos de existência, o Vitória SC enfrenta, esta tarde (17h45, SPTV), na Liga Conferência, um dos grandes desafios da temporada: o acesso ao núcleo duro da Liga Conferência. Isto, depois de uma pequena maratona de pré-eliminatórias que culminam no *play-off* frente aos bósnios do Zrinjski Mostar, cujo jogo da primeira mão terá como palco o Estádio D. Afonso Henriques, no coração de Guimarães.

Rui Borges, a nova paixão dos vitorianos – depois de uma temporada atípica, com cinco técnicos diferentes –, não se esqueceu de fazer os trabalhos de casa e, perante a euforia que ameaça invadir o castelo, reforçada pelos seis triunfos consecutivos nos primeiros seis jogos oficiais de 2024-25, contrapôs com o pragmatismo emprestado por dados objectivos e incontornáveis.

"O Zrinjski Mostar venceu cinco campeonatos nos últimos dez anos, acumulou mais experiência europeia nesse período – com 49 jogos oficiais contra 30 dos vitorianos – e conseguiu, na última edição da Liga Conferência, empatar com os ingleses do Aston Villa e vencer os neerlandeses do AZ Alkmaar!", recordou o treinador de 43 anos, natural de Mirandela, que na estreia no escalão maior do futebol português levou o Moreirense ao sexto lugar.

Com isto, Rui Borges pretendeu relembrar que o melhor arranque de sempre – sem contar com três triunfos imaculados na pré-época (Portimonense, Middlesbrough e Rayo Vallecano, todos por 2-0) – pode acabar abruptamente, se os "conquistadores" menosprezarem o trajecto do próximo adversário, "fisicamente muito forte, rápido e organizado".

Até ver, com quatro triunfos na Liga Conferência (eliminou os malteses do Floriana e os suíços do FC Zurique) o Vitória continua com a baliza intocável e, consequentemente, no topo da classificação do campeonato, a par de Sporting, FC Porto, Famalicão e Moreirense, as únicas equipas invictas na Liga.

Uma campanha que pode e deve ser comparada com outras igualmente empolgantes do passado. E, no que diz respeito a inícios arrebatadores, estamos conversados. A vitória na recepção ao Estoril confirmou o melhor arranque da história dos vimaranenses, superando a marca de 2019-20, conseguida sob a liderança técnica de Ivo Vieira, que interrompeu a marcha triunfal ao sexto jogo, empatando (1-1) frente ao Boavista, à segunda jornada da I Liga – a primeira ronda, com o Rio Ave, foi adiada, tendo os minhotos disputado um encontro para a Taça da Liga, que venceram.

Nessa temporada, imediatamente antes da pandemia, o Vitória SC teve um início de temporada igualmente marcado pelas pré-eliminatórias europeias, então para a Liga Europa. E também imaculado, sem qualquer golo consentido.

Antes, houve sequências igualmente vitoriosas, mas nunca no início de campeonato. A melhor, em 1989-90, teve a assinatura de Paulo Autuori, com seis triunfos no campeonato e um na Taça de Portugal, iniciada à 9.ª ronda e interrompida por um empate (1-1) nas Antas, frente ao FC Porto de Artur Jorge, que se sagraria campeão. Em bom rigor, se recuarmos até 1939-40, ano marcado pelo início da II Guerra Mundial, verificamos que o Vitória SC obteve sete triunfos consecutivos. Mas a conjuntura era totalmente diferente, com a equipa a militar na II Divisão da Série Minho.

De qualquer modo, esse registo passará definitivamente à história, caso a ambição pedida por Rui Borges, necessária para mobilizar a equipa da cidade-berço, seja factor determinante frente ao Zrinsjki Mostar. Um jogo que o treinador isola do contexto, recuperando a velha máxima do jogo a jogo. De preferência sem golos sofridos, para facilitar a viagem à Bósnia e Herzegovina.

Brilho dos anos dourados desafia austeridade

A proeza do Vitória neste arranque de época dispensa qualquer tipo de embelezamento artificial. Porém, não podemos ignorar um contexto de austeridade, que se reflecte na definição do plantel. Rui Borges terá de fazer mais com menos, tendo começado por perder Jota Silva para o Nottingham Forest, depois de ter sinalizado a passagem pelo castelo com o primeiro golo da época, frente ao Floriana, em Malta.

No "deve e haver" das transferências, o Vitória SC encaixou 7 milhões do negócio de Jota e investiu pouco mais de um milhão em dois reforços (Jesús Ramírez e José Bica). Tudo isto terá de ser contabilizado para explicar o real valor do trabalho desenvolvido em Guimarães, cidade que vive o clube como poucas e que ameaça recuperar, mesmo num cenário de dificuldades financeiras, o brilho dos anos dourados.

João Almeida não estava bem na Vuelta? Se calhar, até estava

Diogo Cardoso Oliveira

O português adiantou que as sensações não têm sido boas, mas mostrou o contrário. Correu como sempre e subiu a segundo

"As sensações não têm sido as melhores, não tenho muitas perspectivas. Vou dar o meu melhor, para tentar chegar na melhor posição possível. Não me tenho sentido muito bem na bicicleta. Logo vemos como é que será o resultado." Quem disse isto foi João Almeida (UAE Emirates), ciclista português que está na Volta a Espanha. Disse-o a respeito da dura etapa de ontem.

Depois da tirada que terminou no Pico Villuercas, uma escalada de primeira categoria, de cinco quilómetros a 10,3% de inclinação, podemos dizer que o português queria enganar toda a gente ou apenas deixou que o corpo o enganasse a si próprio. Almeida subiu ao segundo lugar da classificação, agora liderada por Primoz Roglic, depois de ter terminado a etapa na terceira posição. E mostrou que estava melhor do que ele próprio pensava.

JAVIER LIZON/EPA

Ao contrário da etapa de ontem, a de hoje é plana

O que se passou nesta etapa foi apenas mais um dia normal de Almeida. Quando a subida ficou mais dura, ele perdeu contacto com os rivais mais fortes – inclusivamente com Pavel Sivakov, colega de equipa que tinha estado estranhamente ofensivo no início da escalada, quando os seus líderes, Almeida e Adam Yates, não estavam assim tão confortáveis. E não estavam sequer por perto. Depois de "descolado", Almeida imprimiu o seu ritmo e foi ultrapassando os rivais, um por um, chegou ao grupo principal, foi o único da equipa a terminar no grupo principal e ainda foi sprintar pelas bonificações no topo da montanha. Nada de novo, porque é o que faz sempre, sobretudo em escaladas como esta, com grande inclinação.

Quando chegou à frente, assistiu na primeira fila à bizarria de Lennart van Eetveld (Lotto Dstny), que estava na luta com Primoz Roglic (BORA) e festejou antes do tempo. Ergueu o braço, parou de pedalar e deixou que o esloveno o ultrapassasse na linha de meta. Erro de amador, mais ainda contra alguém com o perfil e qualidades de Roglic.

Com este desfecho, não há dúvida de que Almeida é o líder da UAE. Está a oito segundos de Roglic e ganhou tempo a Sivakov, McNulty e, sobretudo, a Yates, que perdeu mais de um minuto.

Para hoje está desenhada uma etapa plana, pensada para um final em pelotão compacto. Deverá haver novo duelo entre Wout van Aert e Kaden Groves.

Mateus Fernandes no Southampton: Sporting encaixa 15 milhões

Está confirmada a transferência de Mateus Fernandes, do Sporting para o Southampton. Ontem à tarde, os "leões" comunicaram à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) um negócio em que receberão 15 milhões de euros pelo médio, mais cinco milhões potenciais.

Mateus Fernandes, que fez toda a formação no Sporting desde o escalão Sub13, com uma época de empréstimo ao Estoril em 2023-24, vai assim jogar na Premier League. Em função do rendimento individual e colectivo, a transferência poderá chegar aos 20 milhões, sendo que os "leões" garantiram também 10% da mais-valia de uma futura transferência. Dez por cento é também a percentagem que irão pagar pelos serviços de intermediação.

Aos 20 anos, o médio nascido em Olhão assina um contrato válido até 2029. "Estou muito contente por estar aqui. É um sonho tornado realidade poder jogar em Inglaterra. É a melhor Liga do mundo, com os melhores treinadores, os melhores jogadores, as melhores equipas", resumiu Mateus Fernandes.

Sinner vence em Cincinnati e é ilibado após testes *antidoping* em Indian Wells

O italiano Jannik Sinner, número um do ténis mundial, registou resultados positivos em dois testes antidoping realizados em Março, durante o torneio de Indian Wells, mas acabou por ser ilibado, anunciou ontem a Agência Internacional para a Integridade do Ténis (ITIA). Uma informação que chegou horas depois de Sinner ter conquistado o torneio de Cincinnati.

Durante a competição em Indian Wells, a Sinner foram detectados baixos níveis de um metabolito de clostebol, um esteróide anabolizante proibido que pode ser utilizado para uso oftalmológico e dermatológico. E o italiano voltou a acusar a mesma substância oito dias depois, numa amostra fora de competição.

O tenista foi suspenso provisoriamente, mas recorreu em ambas as ocasiões com sucesso e foi autorizado a continuar a competir, tendo agora sido ilibado de qualquer intencionalidade.

Jannik Sinner, actual líder do ranking ATP, teve resultados positivos em dois testes *antidoping* em Março

De acordo com a ITIA, Sinner justificou os resultados dos testes *antidoping* com o facto de um membro da sua equipa de apoio ter utilizado um *spray* de venda livre que continha clostebol para tratar uma pequena lesão, sendo que o mesmo, posteriormente, viria a fazer massagens a Sinner.

A ITIA aceitou a defesa do tenista transalpino, tendo um painel independente determinado que não houve intenção na violação das regras antidopagem, razão pela qual o tenista não será alvo de qualquer suspensão. Contudo, Sinner viu serem-lhe retirados o prémio em dinheiro e os pontos conquistados em Indian Wells, no qual perdeu nas meias-finais com o espanhol Carlos Alcaraz, que viria a vencer a competição.

Ontem, o italiano venceu mesmo, mas na final de Cincinnati, onde derrotou o norte-americano Francis Tiafoe, em dois *sets*, conquistando o segundo Masters 1000 da temporada. Perante o 20.º classificado do ranking ATP, Sinner demorou uma hora e 38 minutos para se impor pelos parciais de 7-6 (7-4) e 6-2, assegurando o quinto título de 2024.

O número um mundial havia já vencido o Open da Austrália (bateu Daniil Medvedev em cinco *sets*) e o Masters 1000 de Miami (derrotou Grigor Dimitrov, por 6-3, 6-1), além dos torneios de Roterdão e de Halle. Um momento de forma que lhe permite manter-se no topo da pirâmide desde 10 de Junho.

Diário de Um Cientista

No Alto Minho, o garrano luta para sobreviver ao abandono das tradições rurais, à predação pelo lobo e à falta de apoios governamentais. Mas há projectos de investigação que tentam preservar e valorizar esta raça autóctone

De esquecido a renascido: a história da sobrevivência do garrano

Página 18

Joana Freitas Texto
André Carrilho Ilustração

Estávamos em Agosto, mas como em serra d'Arga as manhãs costumam ser frescas, o céu estava encoberto e pairava sobre nós uma neblina pesada. Tudo naquele dia era novo para mim, excepto o planalto onde me encontrava, cheio de jipes e pessoas das freguesias vizinhas. Ali no alto, agachados entre o tojo, formámos dois cordões humanos. Munidos de sacos plásticos ou de qualquer outra coisa que fizesse barulho, esperámos. Sabíamos que, para lá da colina, alguns garranos pastavam tranquilamente. Era por eles que esperávamos.

O objectivo era enganadoramente simples: duas motas assustariam os pequenos cavalos em direcção ao nosso funil humano, e, assim que entrassem nesta armadilha inofensiva, as cerca de 20 pessoas escondidas no tojo começariam a correr, gritando e esbracejando de cada lado da massa galopante de corpos castanhos e crinas negras ao vento. Ali, à espera, sentia-me inundada de adrenalina. Iríamos

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em** publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista

correr em paralelo aos cavalos, mantendo-os entre as duas paredes humanas, até que chegassem ao cercado de rede. Lá dentro, seriam registados e marcados com emissores GPS para que investigadores os pudessem estudar à distância.

Estes registos eram anuais, colocando *chips* nos potros nascidos nesse ano e fazendo uma avaliação veterinária aos restantes indivíduos. A diferença era que este ano seriam colocados emissores GPS em vários adultos, para estudar a utilização do espaço pelas manadas.

Mas qual a importância de estudar estes animais?

Estes cavalos são, na verdade, póneis de montanha da raça garrana, de pelagem castanha, compridas e crespas crinas negras, pernas curtas e ventre redondo, como descrito pelo cavaleiro Ruy d'Andrade em 1938. São pequenos, apenas com 1,35 metros do casco ao ombro, mas são extremamente robustos, perfeitamente adaptados aos habitats de montanha, onde vivem num regime extensivo, isto é, em completa liberdade durante todo o ano [1].

Pertencem a uma raça autóctone portuguesa, nativa do Noroeste de Portugal, onde existem há milénios [1]. Mas, apesar de viverem livres, estes animais são domésticos e, portanto, têm dono. E por viverem há milénios nas montanhas do Alto Minho, mantêm uma relação ancestral com o maior carnívoro de Portugal: o lobo-ibérico.

Daí surge um problema bastante óbvio: este contacto entre predador e espécie doméstica origina, inevitavelmente, prejuízos para os proprietários. Junte-se o baixíssimo retorno económico da criação de garranos, o abandono da agro-pecuária tradicional e as dificuldades administrativas da atribuição de subsídios, e passamos a ter uma raça ameaçada.

Os garranos são diferentes de outras raças domésticas portuguesas. O seu regime de pastoreio extensivo, que implica a sua completa liberdade, sem confinamento à noite, sem acompanhamento de pastores ou cães de gado e com pouco contacto com humanos, mantém-se inalterado desde há séculos, estando intrinsecamente ligado à cultura do Alto Minho [1].

Ao longo dos tempos, foram utilizados como animais de transporte e trabalho agrícola, mas o êxodo rural contribuiu para o abandono do garrano [1]. Na viragem do século XX, a população de garranos tinha passado de 40.000 animais para menos de 2000, segundo a Associação de Criadores de Equinos Raça Garrana (ACERG). Um dos poucos apoios à criação destes póneis vem desta associação, criada em 1988, que se dedica à preservação desta raça. Mas não é suficiente.

Um declínio (in)evitável?

Naquele dia de Agosto em Arga, tudo corria como planeado. Ouvimos as motas a acelerar ao longe e os primeiros relinchos dos cavalos assustados, que depressa assomaram ao topo da colina. Foi o último momento de sossego daquela manhã: seguiu-se uma correria desenfreada. A manada desatou num galope colina abaixo, com uma mota de cada lado, até chegar às pessoas camufladas pelo tojo.

Quando a primeira pessoa saltou do meio dos arbustos, gritando "Égua, égua!", o cordão levantou-se de uma só vez. Demorou apenas uns minutos. Os mais de 30 cavalos galopavam em direcção ao cerco e nós, esbaforidos, a mantê-los no caminho certo. Quando, por fim, o último cavalo entrou no cercado, relinchando e pisoteando em desagrado, as exclamações de sucesso encheram Arga. "Conseguimos!"

A importância de estudar estes cavalos pode não ser imediatamente evidente. Ainda é relativamente comum vê-los nas serras do Parque Nacional da Peneda-Gerês ou em passeios equestres – e talvez por isso não se compreenda o perigo em que esta raça se encontra. Actualmente, existem menos de 1800 indivíduos de raça pura registados na ACERG, e apenas alguns cavalos de raça pura permanecem no seu regime extensivo tradicional. Muitos dos cavalos que vemos nos montes já não são pura raça garrana, tendo sido cruzados com outras raças. A conclusão é triste: a extinção do garrano está a acontecer e não pode ser ignorada.

O declínio desta raça começou com o abandono rural, mas é agravada pela predação pelo lobo. O cavalo (*Equus caballus*) é predado pelo lobo sempre que coexistam, mas, em ecossistemas com abundância de presas selvagens, essa predação é baixa. Contudo, em Portugal, presas selvagens como o corço e o veado são escassas. Os lobos focaram-se então na presa mais disponível, particularmente à noite, e com o peso ideal para as suas necessidades nutricionais: o garrano.

Os conflitos decorrentes desta intensa predação são graves, com proprietários que não são devidamente compensados economicamente, uma animosidade crescente pelo lobo e entidades governamentais que não dão resposta às exigências da população. Conheço demasiados casos destes. Como estes cavalos não são fechados durante a noite e não são acompanhados por pastores ou cães de gado, na maioria das vezes não são elegíveis para a atribuição de compensação por ataque de lobo. Era necessário estudar esses conflitos, e foi o que fiz durante o mestrado, entre 2017 e 2019. Para ser franca, não tinha noção da gravidade da situação. Eu própria iria testemunhar o desaparecimento destes animais.

Um futuro incerto

Como a maioria dos biólogos, foi a paixão pelos animais que me conduziu ao curso de Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Sinto que o meu percurso me levaria inevitavelmente ao estudo de animais: em criança, era completamente fascinada por lobos e cavalos e cresci com pais que sempre me mantiveram em contacto com a natureza.

Um estágio no terceiro ano da licenciatura levou-me ao Cibio-InBio, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, em Vairão, Vila do Conde, onde descobri que havia investigadores a estudar o lobo-ibérico. Era a minha oportunidade de trabalhar com uma das minhas espécies favoritas.

Em 2017, ingressei no mestrado em Biodiversidade, Genética e Evolução no Cibio e comecei a trabalhar com o dr. Francisco Álvares, especialista na ecologia do lobo-ibérico. E não ia trabalhar apenas com o lobo, ia estudar as interacções predador-presa entre o lobo e o garrano. Um fascínio de mais de 20 anos ia culminar no estudo das espécies que moldaram o meu percurso académico.

O projecto seria realizado na serra d'Arga, em Viana do Castelo, em colaboração com investigadores da Universidade de Quioto que estudavam o comportamento dos garranos. Mas depressa percebi que estudar a dinâmica entre um grande carnívoro protegido e uma raça ameaçada de póneis seria extremamente desafiante. Nos dois anos seguintes, na ausência de presas selvagens, o garrano constituiu mais de 80% da dieta do lobo. A conclusão da minha tese era evidente: o garrano estava a desaparecer. Não havia subsídios nem medidas de gestão que conseguissem reverter aquela tendência.

Quando terminei o meu mestrado, sabia que o garrano precisava desesperadamente de ajuda.

Após concluir o mestrado, comecei a preparar uma candidatura para uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), para continuar a estudar a predação destes cavalos pelo lobo. Infelizmente, em Julho de 2021, minha candidatura foi rejeitada. A desilusão foi enorme e a incerteza sobre o meu futuro pesava nos meus ombros.

Foi nesse momento que surgiu a oportunidade de participar na marcação de garranos na serra d'Arga. A equipa de investigadores de Quioto ainda estudava os garranos e planeava usar emissores GPS para estudar os movimentos dos grupos de cavalos. Para isso, seria necessário capturar vários indivíduos, coincidindo com a captura e registo anual dos cavalos pelos proprietários. Obviamente, aceitei!

Sinto que foi nesse dia, em Arga, que minha vontade de voltar à investigação foi renovada. Eu queria preservar esta raça autóctone, promovendo ao mesmo tempo a conservação do lobo ao reduzir os conflitos com os criadores de gado.

Após uma nova candidatura em 2022, finalmente consegui uma bolsa de doutoramento da FCT, desenvolvida na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e no Biopolis/Cibio-InBio. Este projecto ambicioso, intitulado *valiação dos Serviços e Desserviços dos Ecossistemas Providenciados por Raças de Gado em Regime Extensivo: o caso do ameaçado pónei garrano*, orientada pelo dr. Francisco Álvares, com vasta experiência em lobo, pela dra. Laura Lagos, investigadora da Universidade da Corunha que estuda os póneis de montanha galegos, e pela dra. Ana Sofia Vaz, investigadora dos serviços dos ecossistemas. Durante quatro anos, irei estudar a importância ecológica, social, económica e cultural do garrano, com o objectivo de valorizar a raça garrana e permitir alterar o seu estatuto nos regimes de compensação económica por ataque de lobo.

Não consigo prever como estará a população de garranos no final do projecto ou se o meu trabalho terá algum impacto positivo. Pouco na ciência é certo ou previsível. No entanto, como muitos cientistas em Portugal e além, queremos fazer a diferença. O que me move são os conflitos entre a natureza e as comunidades humanas, o declínio da raça garrana e as dificuldades dos seus proprietários. A minha ambição é mitigar os prejuízos dos proprietários de garranos sem comprometer a conservação do lobo. E o meu objectivo é que o garrano não seja esquecido e se transforme numa história de sobrevivência e sucesso.

[1] Pereira, A. A. (2018). *Garrano: o Bravo Cavalo das Montanhas*. Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo, Portugal.

Joana Freitas

Estudante de doutoramento

Portuense, amante da natureza, livros e fotografia, sou licenciada em Biologia e mestre em Biodiversidade,

Genética e Evolução pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Biopolis-Cibio. Participei numa expedição científica nas Honduras e ensinei Ciências Experimentais a crianças. Agora, no doutoramento, investigo os serviços e disserviços dos ecossistemas associados aos garranos.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Genética da Conservação e Gestão de Fauna Selvagem (CONGEN)

O som das independências africanas

FOTOS:DR

Cabo Verde

A revolução fez-se pela libertação do corpo ao som da música

O fim do período colonialista permitiu que o batuko, a tabanka e o funaná, géneros proscritos, pudessem reclamar o seu lugar no espaço público. Para Amílcar Cabral, a luta tinha de passar pela música

Gonçalo Frota

Em África, a música não se concebe desligada da dança e do corpo. Mas ao longo de todo o período colonial tardio o garrote aplicado pelo Estado Novo às colónias portuguesas naquele continente tentou tapar o Sol com uma peneira, proibindo e marginalizando quaisquer manifestações musicais que encorajassem o corpo a surgir sensual, indomado, livre. E daí que uma das mais intensas e imediatas transformações trazidas pela independência de Cabo Verde, em Julho de 1975, tenha sido a súbita libertação das danças tradicionais do arquipélago (batuko, tabanka, funaná) e das músicas que acompanhavam os seus movimentos.

"Estas músicas que datam do século XVII até ao século XIX", lembra o músico, escritor e ex-ministro da Cultura Mário Lúcio Sousa ao PÚBLICO, "estavam relegadas a pequenas manifestações populares, apesar da sua força monumental". A súbita mudança de paradigma, com a queda da ditadura em Portugal, o fim das guerras pela independência e os vários processos de autonomização política posteriores, trouxe, então, um rápido alívio desse continuado silenciamento ordenado pelas autoridades portuguesas.

Além da "legislação emitida pelo governo da colónia que interditava estas expressões corporais", contextualiza Rui Cidra, antropólogo e investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra, e autor do livro *Funaná, Raça, Masculinidade*, "havia um ambiente de coerção e de violência simbólica". E isto porque, para o Estado Novo, estas danças "eram consideradas não-civilizadas, ameaçadoras da ordem, da tranquilidade e da boa moral". E os regimes coloniais, acrescenta, exercem com frequência o seu poder sobre o corpo, "estabelecendo limites e fronteiras em torno do que é social e moralmente aceite".

Em relação ao funaná, em particular – o seu objecto de estudo privilegiado –, "as proscrições foram especialmente violentas e rigorosas". Os tocadores eram vigiados nas suas pequenas comunidades "por catequistas e párocos", multados e sujeitos a detenções e interrogatórios policiais com frequência. As estratégias para fugir à malha censória passavam então, segundo contam alguns músicos, por embriagar aqueles que os deviam controlar, ou por mudar os locais de apresentação, adoptando um conjunto de tácticas que o interior montanhoso da ilha de Santiago propiciava.

Já antes da independência, no entanto, Amílcar Cabral, ideólogo e fundador do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), defendera a participação da música na luta pela libertação e escrevera sobre a importância da morna, outro proeminente género musical cabo-verdiano, nesse combate. "Essa história está documentada, porque muitos guerrilheiros e colaboradores [do PAIGC] eram recrutados na Europa, principalmente nos Países Baixos", explica Mário Lúcio.

Foi precisamente em Roterdão, cidade portuária que se tornou destino recorrente para a emigração cabo-verdiana, que Djunga de Biluca (1929-2023) fundou a Morabeza Records em 1965. E terá sido a Djunga de Biluca que Amílcar Cabral apelou para se juntar a um combate a travar em várias frentes – incluindo a das canções. Na senda da divulgação da música cabo-verdiana assumida pela Morabeza (e que tinha por principal referência o grupo A Voz de Cabo Verde), argumenta Mário Lúcio, "várias mornas gravadas pelo Bana, composições do Jotamont e de

outros autores, faziam referências subliminares à ditadura e à luta pela independência".

Data também deste período a gravação do primeiro álbum de Nhô Balta, militante do PAIGC e um dos nomes fundamentais da luta musical cabo-verdiana. O álbum seria editado pelo próprio PAIGC, em 1973; no ano seguinte, o partido lançaria o disco *Protesto e Luta – Música de Cabo Verde*, reclamando um espaço de intervenção política para a morna e a coladeira, os géneros aceites pela elite e pelo colonizador.

Também nesta altura, e durante um muito curto lapso temporal (1973-75), logo após o assassinato de Amílcar Cabral em 1972, os irmãos Tony e Jorge Lima criam em Paris o grupo Kaoguiamo (acrónimo para Cabo Verde, Guiné, Angola e Moçambique), que aposta no teatro e na música como armas para a difusão do discurso anticolonialista e a favor dos movimentos de libertação. O único registo do grupo, as canções que acompanhavam a peça de teatro *Korda Scrabu!* (1974), gravado nos Países Baixos, foi igualmente editado pelo PAIGC. "Com a responsabilidade própria das pessoas atentas aos problemas maiores do seu tempo", escrevia o grupo na capa, "editamos um disco revolucionário de canções e cantos nossos, onde se patenteia toda a nossa revolta e raiva contra a situação de sub-homens a que o colonialismo-fascismo nos condenara".

De A Voz de Cabo Verde a Os Tubarões

Ligado ao arranque da Morabeza Records, e ao registo discográfico da música cabo-verdiana, esteve o grupo A Voz de Cabo Verde, fundado em meados dos anos 1960 por um grupo de músicos imigrados nos Países Baixos e que deu forma a uma linguagem de morna e coladeira abordada em instrumentos eléctricos, e cruzada com sonoridades latino-americanas e europeias. Rui Cidra acredita que A Voz de Cabo Verde acaba por ser a matriz para, no período de transição rumo às eleições para a Assembleia Constituinte – entre Abril de 1974 e Junho de 1975, portanto –, se dar o aparecimento de Os Tubarões logo nos primeiros meses de independência.

Os Tubarões, nas ilhas do Sotavento, e o grupo Kolá, nas ilhas do Barlavento, defende o investigador, são "fundamentais num período em que o PAIGC organiza saraus políticos e mobiliza um conjunto de grupos que desempenham um papel muito importante – porque aderem facilmente à causa nacionalista e alternam discursos políticos com uma *performance* musical, por forma a sintonizar as pessoas com a mensagem". Rui Cidra acredita mesmo que "há muitos cabo-verdianos, sobretudo na diáspora", cujo contacto "com o sentimento de nação e com a narração de certos aspectos da história cabo-verdiana" se dá "muito graças à voz de Ildo Lobo [1953-2004] e à música dos Tubarões".

Em certa medida, e devido à sua presença recorrente em cerimónias oficiais, Os Tubarões acabariam por ser vistos, por alguns, como embaixadores culturais do Estado ao serviço da mensagem política em vigor. Em 1976, o grupo lança o histórico álbum *Pépé Loji*, cujo tema de abertura, *Labanta braço*, é todo um manifesto. O refrão em crioulo não deixa dúvidas sobre a exaltação do momento histórico do país: "*Grita povu indipendenti/ grita povu libertadu*". E pela letra fora o grupo enaltece ainda o 5 de Julho data da independência de Cabo Verde, a acção de Amílcar Cabral e os combatentes envolvidos na guerra pela autodeterminação. "O que é muito interessante nas letras dos Tubarões", considera Rui Cidra, "é que apresentam uma narrativa da nação, falam de vários aspectos da experiência dos cabo-verdianos, da sua existência histórica, da sua resistência, da necessidade da migração; no fundo, traçam um retrato do povo e do país".

O batuku (foto principal) foi severamente reprimido durante o período colonial; em baixo: os Bulimundo, em foto de época, e Os Tubarões, hoje em dia

A revolução do funaná

Ao mesmo tempo que as vozes dos Kolá, de Norberto Tavares, de Djósinho ou de Nhô Balta engrossam um exultante coro que celebra o fim do colonialismo e a formação de uma nova nação, uma outra revolução começa a ser empreendida pelo grupo Bulimundo, quando Katchás (1951-1988) funda, em 1978, o seu novo projecto – mais tarde, em entrevista televisiva, o músico explicará que a criação da banda vinha "na sequência lógica da ideologia veiculada na altura da independência e pós-independência acerca dos novos valores".

A revolução dos Bulimundo passa, em grande parte, pela recuperação do funaná, um dos géneros proscritos pela governação portuguesa, devolvendo-o a um lugar de popularidade, através, também, de uma sonoridade mais moderna. Para Rui Cidra, a postura lírica do grupo traduz-se num "comentário sobre a vida social de Cabo Verde talvez mais incisivo e mais crítico" do que o d'Os Tubarões. Mas a faceta mais política dos Bulimundo prende-se, no fundo, com a reabilitação de um género musical marginalizado, que souberam reinventar a partir das músicas chegadas do exterior, acompanhando a progressiva abertura de Cabo Verde ao continente africano e, em segundo plano, à música norte-americana. No espírito, portanto, do "pensamento de Amílcar Cabral e das premissas de retorno às fontes e à ideia de africanização dos espíritos", rumo a um espelhamento que teria, necessariamente, de passar pela desvinculação dos valores associados ao projecto colonial europeu.

A agitação típica desses anos pós-independência, lembra Mário Lúcio, seria marcada pela influência de outras sonoridades africanas, vindas da Guiné-Bissau (Super Mama Djombo e Cobiana Djazz), da Guiné-Conacri (Les Amazones de Guinée) ou do Senegal, mas também por uma política governamental de aquisição e distribuição pelos adolescentes de instrumentos musicais eléctricos em alguns pontos-chave das ilhas de São Vicente e de Santiago – em particular na Cidade da Praia, em lugares como o Liceu Domingos Ramos ou a Granja São Filipe, uma instituição de cariz social que recebia jovens com problemas familiares ou de integração.

Mário Lúcio tinha dez ou 11 anos e participou nesse "movimento de palcos por todo o lado", dos "lugares onde se fazia a secagem do peixe" aos "polivalentes recém-construídos" e aos "salões paroquiais". Um dos beneficiários dessa estratégia do PAIGC, afirma que "ali se formou uma geração muito importante de músicos, com acesso a instrumentos sofisticados" e que acabou por conduzir, por exemplo, à formação dos Abel Djassi, por onde passaram Djinho Barbosa, Kim Alves, Toquinho, Albertino Évora, Carlos Modesto ou o próprio Mário Lúcio.

A convicção de que a cultura era essencial para afirmar a identidade cabo-verdiana levou a um sério investimento estatal na importação de instrumentos – de baterias a teclados Fender Rhodes, de amplificadores Peavey a baixos Fender e guitarras Gibson. Assim, ao mesmo tempo que se dava a chegada do batuko, da tabanka e do funaná à cidade, saídos das trincheiras onde tinham sido enclausurados durante a dominação portuguesa, assistia-se a uma proliferação de grupos musicais ligados à electricidade um pouco por todo o território – um processo que se estendeu a toda a década de 80. Só nos anos 90, na ressaca de todo esse entusiasmo desmedido, a música local redescobriu as sonoridades acústicas. Até Cesária Évora, na verdade, começou por gravar com uma instrumentação mais moderna, movida a sintetizadores e bateria; só a partir de *Mar Azul* (1991) e *Miss Perfumado* (1992) José (Djô) da Silva e Paulino Vieira redesenharam o ambiente musical da diva de Cabo Verde.

Os instrumentos eléctricos tinham sido, afinal, uma forma não apenas de convocar a juventude para essa missão de afirmar a identidade nacional, mas também uma resposta prática à vontade de juntar as pessoas em torno de grandes eventos de celebração a que a música acústica dificilmente poderia dar resposta – as mornas não eram a banda sonora para concertos de estádio ou para os bailes que pululavam por todo o lado, sobretudo nas cidades. "Naquela altura, a cena era o baile – havia bailes todos os fins-de-semana em quatro ou cinco lugares em simultâneo numa cidade pequena como a Cidade da Praia", lembra Mário Lúcio. "Eu estava a tocar com os Abel Djassi num lugar chamado Pocilga, Os Tubarões tocavam no Bairro Craveiro Lopes num cinema conhecido por "Sibéria" – porque fazia muito frio –, o Bulimundo tocava no polivalente de Lêm Ferreira, e também o Zeca Santos noutro sítio do mesmo bairro, mais o grupo dos camponeses de São Domingos, que também aparecia. Havia público para tudo, conforme os gostos, porque era um reportório muito variado com o melhor que se ouvia na rádio. Isso popularizou os instrumentos electrónicos de tal modo que passaram a ser sinónimos de música urbana."

Muito embora a morna nunca tenha deixado de ocupar um lugar central na música cabo-verdiana, transversal a todas as classes sociais e espalhada pelas várias ilhas como sonoridade unificadora que Amílcar Cabral identificava como importante instrumento de luta e à qual os poetas e intelectuais também se associavam, a partir do momento em que os bailes ganharam as noites de Cabo Verde, o caminho, de certa forma, estava cumprido. O corpo soltara-se finalmente da pequenez moralista com que os portugueses haviam tentado prender-lhe os movimentos. A liberdade chegara enfim.

Terceiro de uma série de quatro artigos a publicar semanalmente até dia 28. Próximo episódio: Angola

Ímpar

Tratamentos no Bairro Alto Hotel (em cima) e no Immerso (em baixo)

FRANCISCO NOGUEIRA

ANDRÉ BOTO

Que tratamentos de *spa* pode fazer para preparar o Verão

Em Lisboa e na Ericeira, as propostas dos *spas* dos hotéis de luxo é para que adeqúe o seu corpo e espírito à estação

Bárbara Wong e Inês Duarte de Freitas

Um tratamento de *spa* é algo que se pode fazer em qualquer altura do ano, mas há propostas concretas adequadas a cada estação. E, para quem vai de férias, a sugestão é que prepare o corpo para receber o sol ou, simplesmente, fazer um *detox* de tecrãs. Eis duas propostas que o PÚBLICO experimentou.

Preparar a pele em Lisboa

Quem passa no Largo de Camões, em Lisboa, não imagina que no interior do Bairro Alto Hotel há um pequeno *spa*, no 4.º piso, com uma única sala, mas com um ginásio bem apetrechado que pode ser usado por quem trabalhe na zona, caso se queira tornar membro, sugere Graziela Rocha, directora-geral do *boutique*-hotel. O espaço tem ainda uma sauna seca, onde são usadas pedras aquecidas, e um duche sensorial.

No *fitness center* há sessões de treino com um *personal trainer* e aulas de ioga. Os membros do ginásio, que pagam 85€ mensais, e podem usá-lo diariamente das 6h30 às 23h, têm 10% de desconto em tratamentos de *spa* e, nesta época, a proposta é um tratamento facial de limpeza e nutrição do rosto e corpo, assim como um tratamento de relaxamento, esfoliação e hidratação corporal para preparar o corpo para o sol de Verão e as águas do mar e das piscinas, explica a terapeuta Sara Ferreira.

"Em todas as estações fazemos um tratamento especial para cuidado da pele [do rosto] e do corpo", começa por explicar a terapeuta. Neste caso, é um tratamento relaxante em que são usadas sementes de jojoba para fazer a esfoliação, continua, mostrando a textura do produto. A marca usada pelo *spa* do hotel de cinco estrelas, aberto das 8h às 21h, é a austríaca Susanne Kaufmann. Trata-se de uma marca orgânica, que recorre a muitas plantas dos Alpes e baseada em ingredientes naturais. "Só não é *vegan* porque usa mel", diz.

A sala decorada em tons escuros, com duas mesas de massagem e uma pequena janela por onde entra a luz de Lisboa, pode acolher um ou dois terapeutas e o mesmo número de clientes. O tratamento começa com a esfoliação do corpo com o objectivo de limpar e, depois de um duche, no regresso à sala, o corpo é nutrido com manteiga de carité e mel, de "rápida absorção e penetração dos ácidos gordos e essenciais, bem como das vitaminas e minerais", descreve o hotel em comunicado.

Segue-se o tratamento facial. A terapeuta concentra-se no rosto e procede a um ritual que começa com uma limpeza seguida de um *peeling* enzimático, que remove as células mortas e estimula a renovação celular. Segue-se a nutrição da pele e reposição de ingredientes activos que permitem proteger a pele do envelhecimento prematuro. Os produtos e a massagem contribuem para deixar a pele mais lisa e firme.

No total são precisas duas horas para fazer este tratamento, que custa 190€. Contudo, há outros com preços mais moderados, desde faciais a tratamentos de corpo com a propósito de relaxar ou de recuperar, por exemplo, de uma viagem e do *jet lag*, a partir dos 50€ até aos 175€. No final, pode subir ao terraço do hotel, pedir um sumo *detox* e usufruir da vista da cidade, com o Tejo e o Cristo Rei ao fundo.

Um *detox* digital na Ericeira

"Durante o resto do dia pedimos para não utilizarem ecrãs para o tratamento continuar a fazer efeito", diz a terapeuta Hilda Leite, momentos antes de entrarmos para a sala de massagens, certa de que o pedido será em vão, tendo em conta que os clientes do dia são jornalistas, para quem o telemóvel é quase um apêndice.

A pretensão de fazer o *detox* digital que propõe o novo tratamento de assinatura da Ignae no *spa* do Immerso, na Ericeira, pode ser inglória, já que estamos em trabalho, mas certo é que quando a terapeuta Samanta começa a massajar os pulsos doridos do telemóvel e do rato do computador, surge uma promessa interior de tentar usar com maior moderação estas ferramentas de trabalho.

"A massagem começa com um ritual nos pontos de pressão nos pés, nas costas e na cabeça, que ficam em tensão pelo uso dos ecrãs", explica Hilda Leite, responsável pela nova carta de *spa* para o Verão. Doravante, o *spa* do primeiro hotel de cinco estrelas da vila piscatória utiliza de forma exclusiva produtos da Ignae e acaba de estrear novos tratamentos que, apesar de estarmos a 1500 quilómetros de distância, nos transportam, pelo olfacto, até aos Açores.

Enquanto Samanta usa o óleo de massagem para percorrer os pontos de pressão nas costas, o cheiro a terra molhada leva-nos para as lagoas de São Miguel e a sensação é de relaxamento total — ainda que custe aliviar a tensão nos ombros, culpa das muitas horas ao computador. "A Ignae é uma marca com que nos identificamos pela filosofia da natureza", declara Hilda Leite, que fala da pretensão de serem um *spa* exclusivo da marca desde a abertura do hotel em 2022, mas só agora foi possível concretizar o desejo.

Além do *detox* digital de corpo e mente (100€/60 minutos), o *spa* do Immerso tem outro tratamento de assinatura da Ignae: a massagem de pedras quentes *Immunity Boost* (160€/80 minutos), que promete "relaxamento profundo", enquanto aumenta a imunidade com um ritual de gengibre.

Para os que vão à Ericeira para fazer surf, há uma Massagem Descontracturante (90€/45 minutos) feita com óleo de *cannabis sativa* e vitamina, através de movimentos rápidos e vigorosos. Ainda ligado ao mar, o Envolvimento das Ondas (100€/60 minutos) traz a argila cinzenta da costa portuguesa para uma desintoxicação facial. A pensar na família, acaba também de estrear uma massagem para crianças e outra para grávidas.

Além das três salas de tratamento, o *spa* tem também sauna, banho turco e duche sensorial. E não está fechado só aos hóspedes. Está disponível um pacote de pequeno-almoço ou almoço no Restaurante Emme, com assinatura do *chef* Alexandre Silva, e tratamento de *spa* por 100€. Durante algumas horas num dia destas férias, pode sentir a exclusividade de um hotel de cinco estrelas. Só não acordará com vista para o Atlântico, mas se o quiser fazer, os portugueses têm 25% de desconto nas tarifas de alojamento.

O PÚBLICO experimentou os tratamentos a convite dos *spas* do Bairro Alto Hotel, em Lisboa, e do Immerso, na Ericeira

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em

Estreias

Alien: Romulus

De Fede Alvarez. Com Isabela Merced, Cailee Spaeny, Archie Renaux. EUA/GB. 2024. 119m. Terror, Ficção Científica. M16.
Com realização do uruguaio Fede Álvarez, este filme segue jovens colonizadores que ao explorarem uma estação espacial abandonada se deparam com perigosos seres alienígenas.

Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa

De Luis Ismael. POR. 2024. Com Jorge Neto, Luís Ismael, J. D. Duarte e João Pires. 113m. Comédia. M14.
Rato, Tone, Culatra e Bino, o mais famoso grupo de "cromos" do Norte, são obrigados a regressar às origens, que é o mesmo que dizer às casas dos pais e têm mais algumas coisas para dizer.

Sobretudo de Noite

De Víctor Iriarte. Com Lola Dueñas, Ana Torrent, Manuel Egozkue , María Vázquez. FRA/ESP/POR. 2023. Drama, Negro. M12.
Na juventude, Vera deu o seu filho para adopção, passando o resto da vida a tentar recuperá-lo. Cora, que nunca conseguiu engravidar, optou por cuidar de uma criança sem família. Um dia as duas mulheres encontram-se. São ambas mães de Egoz, que está prestes a fazer 18 anos.

Gracie e Pedro - Dupla Improvável

De Kevin Donovan, Gottfried Roodt. Com Bill Nighy (Voz), Brooke Shields (Voz), Danny Trejo (Voz), Al Franken (Voz). África do Sul/CAN/EUA. 2024. 87m. Animação, Comédia. M6.
Gracie é uma cadelinha de raça pura, orgulhosa e cheia de si; Pedro é um gato auto-suficiente que, apesar de muito acarinhado, nunca chegou a deixar alguns dos seus hábitos de vadio. Os dois tinham uma relação difícil até se perderem dos donos.

Harold e o Lápis Mágico

De Carlos Saldanha. Com Zachary Levi , Zooey Deschanel. EUA. 2023. 82m. Animação. M6.
Quando uma história é escrita, as personagens ficam presas ao papel. Mas o que aconteceu a Harold foi algo bastante inusitado. Criado dentro de um livro, ele tem um lápis mágico que materializa absolutamente tudo o que é possível desenhar. Um dia, decide desenhar uma porta que o faz atravessar para o mundo real.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	—
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low-Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Morangos Silvestres M12. 14h15; **Depois do Ensaio** M12. 16h; **Underground - Era Uma Vez um País...** M14. 21h; **Praia do Futuro** M12. 21h30; **Histórias de Bondade** M16. 18h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h10; **Geração Low-cost** M14. 16h, 19h30; **Sobretudo de Noite** M12. 17h30

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h10, 15h40 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 16h20, 18h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 19h10 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 17h30, 21h; **Coleccionador de Almas** M16. 21h40; **Oh Lá Lá!** M12. 18h, 20h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 12h30, 15h20, 18h10, 21h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h50, 18h50, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h10, 13h50 (VP)

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Histórias de Bondade M16. 18h40; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h40; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 16h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h30

Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
A Última Sessão de Freud M12. 20h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30, 17h20 (VP), 21h10 (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h30, 18h10 (VP), 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h, 15h40, 18h20, 21h ; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h30, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h10, 18h40, 21h40; **Armadilha** M12. 13h50, 16h30, 19h20, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h20, 17h40, 20h50; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 14h40, 18h30, 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h20, 19h10, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 14h10, 17h (VP)

Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h15, 17h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h20, 19h (VP), 22h (VO); **Tornados** M12. 21h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h45, 18h, 21h45; **Borderlands** M12. 19h30, 22h15; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h, 17h15, 21h30; **Balas e Bolinhos** 14h30, 17h30, 21h

Covilhã

Cineplace - Serra Shopping - Covilhã
C.C Serra Shopping, Avenida Europa, Lt 7.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h40, 15h40, 17h40 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 19h, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h20, 19h, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h (VP); **Alien: Romulus** M16. 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h30, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 12h30, 14h20 (VP)

Figueira da Foz

Cinemas Nos Foz Plaza
C. C. Foz Plaza, R. Condados. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h50, 16h15, 19h (VP), 21h20 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h40, 18h40, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h10, 17h, 19h50, 22h40; **Alien: Romulus** M16. 13h40, 16h30, 19h20, 22h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h, 14h30, 17h10, 19h40, 22h20

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 10h40, 12h15, 14h50 (VP); **Bad Boys** 19h50, 22h35; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h40, 00h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 19h, 22h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h, 00h05; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h, 16h40, 19h20, 21h55; **Oh Lá Lá!** M12. 13h, 15h30, 17h50, 20h50, 23h30; **Armadilha** M12. 13h10, 16h20, 19h10, 21h50, 00h25; **Borderlands** M12. 17h30, 20h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h50, 22h, 23h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h50, 22h; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 12h10, 15h20, 18h20, 21h20, 00h30; **Balas e Bolinhos** 12h20, 15h10, 18h, 21h15, 00h20; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h10, 14h30, 17h15 (VP)

Guarda

Cineplace La Vie - Guarda
C.C. La Vie. T. 271212140
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 19h, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h20, 19h, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h30 (VP); **Alien: Romulus** M16. 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 12h30, 14h20 (VP)

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
25 de Abril, Silvares.
T. 253539390
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h40, 16h45 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h45, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h50, 18h30, 21h10; **Alien: Romulus** M16. 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 16h50 (VP)

Castello Lopes - Guimarães Shopping
Lugar das Lameiras.
T. 253520170
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h10, 17h10, 18h45 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 21h20; **Armadilha** M12. 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h50, 18h30, 21h10; **Alien: Romulus** M16. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro** M6. 15h05 (VP)

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Lugar das Guardeiras.
T. 229419241
Divertida-Mente 2 M6. 14h15, 16h30, 21h15 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h45, 16h20, 18h55; **Alien: Romulus** M16. 18h45, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 16h (VP)

Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashoping, Lj 2.43. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h40, 18h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h30, 18h40, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 15h50, 18h40, 21h30; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h20 (VP)

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes, Leça da Palmeira.
Harold e o Lápis Mágico M6. 10h40, 13h, 16h (VP); **Gru 4** 10h15, 12h30, 14h50, 17h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h20, 12h40, 15h10, 17h50 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h30, 21h40, 00h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h, 15h20, 18h10, 21h10, 00h20; **Armadilha** M12. 20h40, 23h50; **Borderlands** M12. 20h50, 23h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 15h, 18h, 21h, 24h; **Alien: Romulus** M16. 12h20, 15h40, 18h40, 21h30, 00h25; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h30, 18h20, 21h20, 00h10; **Alien: Romulus** M16. Sala Imax - 13h10, 16h30, 20h30, 23h40

Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h20, 14h30, 17h, 19h30 (VP); **Gru 4** 10h30, 13h05, 15h40, 18h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Sala Atmos - 11h, 11h30, 13h50, 16h20, 19h (VP), 21h25 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** Atmos - 17h30, 20h30, 23h20; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala NOS XVISION - Sala Atmos - 12h10, 15h10, 18h10, 21h10, 00h10; **O Coleccionador de Almas** M16. Sala Atmos - 22h; **Borderlands** M12. Sala Atmos - 12h40, 15h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h20, 18h20, 21h20, 23h40; **Alien: Romulus** M16. 13h, 15h50, 18h40, 21h30, 00h20; **Alien: Romulus** M16. SCREENX - 14h, 16h30, 19h10, 21h50, 00h30; **Balas e Bolinhos** 13h10, 16h, 18h50, 21h, 21h40, 23h50, 00h30

Ovar

Castello Lopes - Vida Ovar
Divertida-Mente 2 M6. 12h45, 14h50 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 19h15; **Alien: Romulus** M16. 16h55; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 21h45

Paços de Ferreira

Cinemas Nos Ferrara Plaza
Ferrara Plaza, Rua da Carvalhosa. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h, 16h30, 19h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h40, 18h20, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h50, 19h, 21h40; **Alien: Romulus** M16. 13h, 15h30, 18h, 20h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h20, 16h10, 18h40, 21h20, 22h

Penafiel

Cinemax - Penafiel
Ed. Parque do Sameiro.
T. 255214900
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h, 15h10, 17h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 17h50, 00h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h, 21h10; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h (VP); **Alien: Romulus** M16. 19h30, 22h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h40, 17h30, 21h30, 23h50, 00h35

São João da Madeira

Cineplace - São João da Madeira
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h20, 15h20, 17h20 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 19h10, 21h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h20, 19h, 21h40; **Alien: Romulus** M16. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h20, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 12h20, 14h20 (VP)

Lazer

CINEMA

Reino Animal
VILA NOVA DE FAMALICÃO Parque da Devesa. Dia 21/8, às 22h. Grátis
A última sessão do ciclo de cinema ao ar livre Cinema Paraíso leva à tela *Reino Animal* (2023), um drama de ficção científica realizado por Thomas Cailley. Num mundo distópico onde os humanos sofrem uma série de mutações genéticas que os vão transformando em animais com variadíssimas especificidades, são criadas áreas protegidas onde as criaturas híbridas podem viver pacificamente. É esta a base da narrativa que se refere a uma família que, neste contexto, faz os possíveis para se manter unida.

FESTIVAL

C.A. Vilar de Mouros
CAMINHA Vilar de Mouros. De 21/8 a 24/8. 50€ (dia, excepto 21/8, com entrada livre); 95€ (passe)
O "Woodstock português", título que ostenta desde os anos 1970, já se viu interrompido em diferentes fases, mas mantém o estatuto de festival português com as raízes mais antigas. O revivalismo torna a ser o que mais ordena no mais antigo dos grandes festivais nacionais, mas os sons recentes não ficam à porta. Para a missiva deste ano contribuem The Cult, The Libertines, Die Antwoord, The Darkness, The Waterboys, Soulfly, The Legendary Tigerman, Crystal Fighters, David Fonseca, Ornatos Violeta, Capitão Fausto, Xutos & Pontapés, Moonspell, Ramp, Delfins, GNR e Amália Hoje – estes últimos a encabeçar o cartaz do primeiro dia, em substituição dos Queens of the Stone Age, que cancelaram a digressão europeia.

GASTRONOMIA

Cozinha à Portuguesa - Feira de Gastronomia de Vila do Conde
VILA DO CONDE Jardins da Avenida Júlio Graça. De 16/8 a 25/8. Entrada livre
Com uma 24.ª edição a evocar os *Lugares de Camões*, o certame põe na montra mais de 70 bancas, restaurantes regionais, petisqueiras, tabernas com vinho e cerveja artesanal, livros, demonstrações culinárias, cantares e dançares.

Jogos

Euromilhões   7 10 13 18 26 3 12

1.º Prémio 82.000.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.529

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1 - Disseram "adeus e obrigado" a Biden: "Amamos-te, Joe". **2 -** Finda. Debruei. **3 -** Redução de maior. Rádon (s. q.). Aprisco. **4 -** Ainda faz falta, mas já é demais em alguns equipamentos culturais. **5 -** Instrumento musical de sopro, globular, feito de barro cozido e cujos sons se assemelham aos da flauta. Fecha as asas (a ave) para descer mais rapidamente. **6 -** Peça representativa do elefante no jogo do xadrez, agora chamada bispo. **7 -** Ave pernalta corredora. Símbolo de hectare. Trabalho. **8 -** Dissimulado. Existir por muito tempo. **9 -** Trindade. Miguel (...), coordenador nacional das políticas de saúde mental. **10 -** Língua indo-europeia falada pelos Ciganos. Capital da Noruega. **11 -** "Não se queixe do engano quem pela (...) compra o pano".
Verticais: 1 - Cidade, situada na costa ocidental da Índia. Imaginação criadora. **2 -** Repetição. Pequena elevação de terreno. **3 -** Género de mamíferos carnívoros, da família dos Mustelídeos. Alenta. **4 -** Rio da Rússia. Larva que se cria nas feridas dos animais (Brasil). Chegam aos ouvidos. **5 -** Luís (...), novo comandante nacional da PSP. «Em» + «o». **6 -** Divindade mitológica dos rios, dos bosques e dos montes. Incógnita (fig.). **7 -** Angola (Internet). Abandona. O início e o fim da democracia. **8 -** Som de canhão. Elogio. **9 -** Brancos. Vento brando. **10 -** Estou informado. Prevê colonato na Cisjordânia em sítio classificado como Património Mundial da UNESCO. **11 -** Ínsula. Planta gramínea.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											■
2						■					
3				■			■				
4		■								■	
5								■			
6	■		■						■		■
7				■			■				
8						■					
9					■						
10							■				
11		■								■	

Solução do problema anterior:
Horizontais: 1 - Brava. Limbo. **2 -** Ril. Nua. OIT. **3 -** Estudantes. **4 -** Goano. Deu. **5 -** AT. Subir. Sm. **6 -** Au. An. VIP. **7 -** Turística. **8 -** Ironia. OE. **9 -** Repto. Alice. **10 -** Azia. Claro. **11 -** Soar. Lázaro.
Verticais: 1 - Brega. Tiras. **2 -** Risota. Rezo. **3 -** Alta. Utopia. **4 -** Uns. Untar. **5 -** Andou. Rio. **6 -** UA. Baía. Cl. **7 -** Landins. Alá. **8 -** Ter. Tolaz. **9 -** Moeu. Vieira. **10 -** Bis. Sic. Cor. **11 -** OT. Empate.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Norte
Vul: Todos

NORTE
♠AQ3
♥872
♦AK1076
♣85

OESTE
♠J642
♥53
♦J82
♣A642

ESTE
♠987
♥KQJ96
♦Q5
♣KJ7

SUL
♠K105
♥A104
♦943
♣Q1093

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♦	1♥	1ST

Todos passam

Leilão: Qualquer forma de bridge.

Carteio: Saída: 5♥. Aparece o Valete de copas em Este e Sul deixa fazer. Segue-se o Rei de copas de Este e Sul prende com o Ás, enquanto Oeste assiste com o 3. Como continuaria?

Solução: À primeira vista, os ouros têm um ar bastante tentador, porque basta conceder uma vaza para apurar outras duas e fazer com que o número total de vazas passe para oito. Mas isso é um logro! Para que se aperceba do que pode acontecer é necessário, antes de se atirar de cabeça no apuramento do naipe de ouros, o que os seus adversários podem alinhar, se lhes der a mão em ouros: quatro copas, Ás e Rei de paus e o tal ouro, um cabide! Encaixam sete vazas antes de dar a possibilidade de encaixar as suas. Jogar pelos ouros não lhe dá, salvo um milagre, qualquer chance de sucesso. É bem mais razoável rever as suas ambições e baixar um bocadinho a bitola. Tente antes os paus e tente apurar uma vaza nesse naipe, a que lhe falta para cumprir este contrato singelo. Para que aconteça é necessário encontrar o Valete de paus em Oeste. Mas, atenção, isso não é tudo! Tenha o cuidado de começar por ir ao morto através do naipe de espadas e não do de ouros, senão a defesa terá tempo para desenvolver a sua sétima vaza nos ouros!

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♦
4♥	passo	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠Q865 ♥A3 ♦AK85432 ♣-

Resposta: Dobre? "Sim, é bastante ousado, mas tenho a possibilidade de corrigir uma voz de 5P do parceiro para 5O e tive a oportunidade de mostrar as espadas durante o processo. Por favor digam a toda a gente que isto é mais fácil de julgar quando é no papel...", comentário delicioso feito por Zia Mahmood num concurso de marcação cheio de estrelas do bridge mundial relativamente à voz com maior quotação (com 15 dos 16 craques a votar nesta voz!).

Novos cursos de Bridge estão aí à porta. Há novos horários em Setembro e Outubro e em diferentes níveis, desde o zero até aos mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

Problema 12.822 (Fácil)

		7	9					
	5			4			1	
				5	2			3
		9	6	1	3			8
	4	5	8		9	7	6	
6			5	7	4	3		
8			7	9				
	1			8			4	
					6	1		

Solução 12.820

3	6	4	8	7	2	1	9	5
5	7	8	1	9	6	3	4	2
1	9	2	3	4	5	8	7	6
2	3	9	5	8	1	7	6	4
4	1	7	6	2	9	5	8	3
6	8	5	4	3	7	9	2	1
7	4	6	9	5	3	2	1	8
8	2	3	7	1	4	6	5	9
9	5	1	2	6	8	4	3	7

Problema 12.823 (Médio)

			2	7			5	
	6							
3					5			1
7		9		2		6		3
			7		4			
5		8		3		2		4
1			8					2
							1	
	8			9	6			

Solução 12.821

5	9	4	3	1	7	2	6	8
6	8	1	4	5	2	9	7	3
3	2	7	8	6	9	5	1	4
4	1	8	9	2	3	6	5	7
9	3	6	7	4	5	1	8	2
2	7	5	6	8	1	4	3	9
1	4	3	5	9	8	7	2	6
8	5	9	2	7	6	3	4	1
7	6	2	1	3	4	8	9	5

CINEMA

MIB: Homens de Negro
AXN Movies, 21h10
Tommy Lee Jones e Will Smith fazem dupla enquanto agentes dos supersecretos serviços de imigração norte-americanos para extraterrestres, nesta comédia de acção e aventura realizada por Barry Sonnenfeld, vencedora de um Óscar pela caracterização. É uma adaptação da banda desenhada homónima da Marvel escrita por Lowell Cunningham e o primeiro de uma saga de quatro filmes. O segundo capítulo passa amanhã, o terceiro depois de amanhã.

21 Pontes
AXN, 21h55
Andre Davis, um polícia nova-iorquino, investiga um caso em que vários colegas foram assassinados. Ao prosseguir a investigação, nota que todas as pistas apontam para uma conspiração que envolve não só criminosos, mas também agentes da autoridade. Empenhado em deter os culpados a todo o custo, Davis toma uma decisão arrojada: fechar as 21 pontes de Manhattan, impossibilitando saídas e entradas. Um *thriller* de acção realizado pelo irlandês Brian Kirk, veterano da televisão que aqui se estreou em cinema, corria o ano de 2019. Com Chadwick Boseman como protagonista, o elenco conta com Sienna Miller, Keith David ou J. K. Simmons.

Mulholland Drive
TVCine Edition, 00h50
Em 2001, depois de *Uma História Simples*, David Lynch regressou ao seu mundo enigmático com um filme que disse apenas ser uma história de amor na cidade dos sonhos. Há duas raparigas. Betty – a loira – é uma aspirante a actriz que chega deslumbrada a Los Angeles, a terra de todas as oportunidades e todos os sonhos. A outra é morena, transborda sensualidade, ficou amnésica depois de um acidente de carro e diz que se chama Rita porque viu o nome num cartaz do célebre filme *Gilda*, com Rita Hayworth. Há também um realizador a quem a máfia de Hollywood quer impor uma actriz principal para o seu filme, e ainda um *cowboy*, um teatro chamado Silencio onde uma voz canta uma versão de *Crying* de Roy Orbison em espanhol, uma mala cheia de dinheiro e uma misteriosa caixa azul. Um ensaio sobre a dualidade do real/irreal num filme em que todas as personagens têm outra face. Valeu a Lynch o prémio de Melhor Realizador no Festival de Cannes e a nomeação para um Óscar.

Televisão

Os mais vistos da TV
Segunda-feira, 19

		% Aud.	Share
Jornal da Noite	SIC	9,2	19,8
Cacau	TVI	9,2	18,7
A Promessa	SIC	9,1	18,9
Dilema	TVI	8,3	16,9
Senhora de Mar	SIC	7,3	20,6

FONTE: CAEM

RTP1	10,0%
RTP2	0,6
SIC	15,1
TVI	13,7
Cabo	41,6

RTP1
6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.22** Amor Sem Igual

15.19 A Nossa Tarde

17.30 Portugal em Directo

19.06 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.00 Salto de Fé

21.39 Joker **22.36** Taskmaster **0.33** Janela Indiscreta **1.23** Anatomia de Grey **2.46** Amor Sem Igual

RTP2
5.59 A Fé dos Homens **6.31** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **13.05** Urbanigrama **13.40** A Conversa dos Outros **14.10** Enfermeira ao Domicílio **15.39** A Fé dos Homens **16.12** Os Pequenos Habitantes da Costa **17.05** Espaço Zig Zag **20.35** Heróis de Verde

21.30 Jornal 2

22.02 O Veterinário de Província **22.51** Os Grandes Criadores

0.18 Sangue em Viena **1.06** A Traição do Padre Martinho **2.00** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **2.23** Prova Oral **3.42** Arte da Memória **4.34** Os Segredos do Big Data **5.26** Nada Será Como Dante **5.54** Folha de Sala

SIC
6.00 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.05** Júlia **18.35** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.10 A Promessa

0.05 Nazaré

0.40 Papel Principal - A Vingança

1.00 Travessia **1.45** Passadeira Vermelha

3.05 Terra Brava

TVI
6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois à 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.40** A Sentença **15.50** A Herdeira **16.35** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.35 Dilema

22.10 Cacau

23.00 Festa É Festa

1.35 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião **2.35** Deixa Que Te Leve

3.45 O Princípio da Incerteza

TVCINE TOP
18.15 Marlowe: O Caso da Loira Misteriosa **20.01** Destruído **21.30** Astérix & Obélix —O Império do Meio (VO) **23.25** Até ao Inferno **1.01** Halloween: O Final **2.55** UmNatal Organizado

STAR MOVIES
18.08 Drácula: A História Desconhecida **19.33** O Último Desafio **21.15** Arma **22.40** Rapto (2018) **0.21** Altitude **1.52** Ninguém Sobrevive

HOLLYWOOD
18.09 Semper Fi **19.50** Submersos **21.30** Álamo (2004) **23.47** Duro de Roer **1.27** Força Anti-Crime

AXN
16.32 SWAT: Força de Intervenção **18.05** The Rookie **21.10** Hudson & Rex **22.00** Viola Come il Mare **23.09** Zona de Perigo

STAR CHANNEL
15.45 Hawai Força Especial **17.15** Investigação Criminal: Los Angeles **18.52** Magnum P.I. **19.42** FBI **20.29** Hawai Força Especial **22.15** FBI: International

DISNEY CHANNEL
16.30 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.15** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY
16.24 Os Mestres do Restauro: oWorkshop **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Caçadores de Fantasmas **22.54** Segredos das Catacumbas

HISTÓRIA
14.45 Os Maiores Mistérios da História **16.47** Os Caçadores de Mistérios **20.10** O Inexplicável

ODISSEIA
15.44 As Serpentes Mais Mortíferas **18.44** Animais Bebés: Um Mundo Maravilhoso **19.30** Caçadores de Lagostas **21.01** Lendas das Profundezas Marinhas **21.45** As Maiores Montanhas do Mundo **22.31** Os Meus Vizinhos da Tribo

DOCUMENTÁRIOS

O Sultão do Brunei: O Reino dos Superlativos
RTP3, 20h
Desde 1967 que o sultão Hassanal Bolkiah do Brunei, hoje com 78 anos, está no poder. É o chefe de Estado com mais longevidade do mundo, além de um dos homens mais ricos do mundo, uma fortuna acumulada graças às reservas de petróleo e gás do Brunei. Serão 18 mil milhões de dólares. Este documentário francês do ano passado acompanha os preparativos para o casamento de uma das suas sete filhas, Azemah, com um dos seus sobrinhos. Assinado por Jérôme Dion, gaba-se de ser uma das poucas vezes que as portas do Brunei foram abertas ao mundo ocidental, com câmaras e tudo, para explorar o que se passa lá por dentro.

Os Grandes Criadores
RTP2, 22h51
A Companhia de Teatro do Chapitô foi criada em 1996, com uma missão intencionalmente social e sempre baseada na solidariedade e equidade. Desde a sua fundação, elabora espectáculos multidisciplinares assentes no trabalho físico do actor em constante dinâmica com o público. Os realizadores Elisa Bogalheiro e Ramón De Los Santos percorreram as suas salas e corredores e fizeram este documentário, onde nos mostram as várias artes que ali são ensinadas e a paixão que move cada um dos intervenientes. Estreou-se em sala em 2022 e passa agora na antena da RTP2.

SÉRIES

Salto de Fé
RTP1, 21h
Último episódio. Chegam ao fim as aventuras do padre Tiago (Diogo Valsassina), o novo padre de Castelo Novo, aldeia no Fundão. Ele que anda de mota e toca guitarra, além de ter um trauma que o impede de mentir, e que choca com a mentalidade conservadora da terra. Foi a grande aposta cómica da RTP para o Verão.

De Volta aos 15
Netflix, *streaming*
Estreia da terceira temporada. Aos 15 anos, Anita tinha vários planos para a vida. Já com 30, o dobro dessa idade, nada lhe correu bem. A frustração leva-a a encontrar uma forma de voltar atrás no tempo e reviver o liceu. É essa a premissa desta série brasileira criada por Vitor Brandt a partir do livro de Bruna Vieira em 2021. Esta é a derradeira leva de episódios.

Meteorologia

Madeira

Porto Santo 21º 26º

Madeira 20º 27º

Funchal

24º 1,0m

24º 1,8m

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 08h37	0,9	Baixa-mar 08h13	1,0	Baixa-mar 08h08	0,9
Preia-mar 14h50	3,4	Preia-mar 14h26	3,4	Preia-mar 14h33	3,3
Baixa-mar 21h09	0,6	Baixa-mar 20h45	0,7	Baixa-mar 20h41	0,6
Preia-mar 03h19*	3,2	Preia-mar 02h55*	3,3	Preia-mar 02h58*	3,2

TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.		Min.	Máx.
Amesterdão	14	19	Roma	21	33
Atenas	24	32	Viena	16	26
Berlim	13	23	Bissau	24	29
Bruxelas	12	21	Buenos Aires	9	14
Bucareste	20	36	Cairo	26	38
Budapeste	18	29	Caracas	19	29
Copenhaga	12	20	Cid. do Cabo	8	13
Dublin	16	18	Cid. do México	13	25
Estocolmo	12	22	Dili	23	32
Frankfurt	12	23	Hong Kong	26	27
Genebra	12	25	Jerusalém	20	32
Istambul	22	32	Los Angeles	19	35
Kiev	21	36	Luanda	19	25
Londres	15	22	Nova Deli	26	32
Madrid	23	36	Nova Iorque	14	22
Milão	23	33	Pequim	23	31
Moscovo	14	25	Praia	24	30
Oslo	10	19	Rio de Janeiro	18	27
Paris	12	22	Riga	14	23
Praga	12	25	Singapura	25	30

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Questionário Pós-Proustiano

DANIEL ROCHA

Avelino Oliveira

Zangas com amigos? Não, só um ou outro amuo por causa do futebol

Avelino Oliveira foi eleito presidente da Ordem dos Arquitectos em Setembro

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma, e porquê?
O WhatsApp, sem dúvida, se é que é mesmo uma rede social. Das outras prefiro o LinkedIn para assuntos sérios, Instagram para entretenimento e o X para os temas internacionais. Já desisti de várias, essencialmente porque não as usava.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Já, mas pouquíssimas vezes. Algum comentário sobre outros ou sobre matérias que nem sempre estava tão bem informado como julgava. De há muitos anos para cá, dificilmente isso me acontece. Talvez a experiência (para não dizer a idade) tenha ajudado.
Tem noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Os meus amigos são os mesmos de sempre, tenho é tido a felicidade de ir tendo cada vez mais. Mas zangas com amigos verdadeiros, não me recordo de nenhuma. Para ser ligeiro num tema sério, assinalo um ou outro amuo com grandes amigos, quase sempre sincrónico e devido aos mundanos resultados no futebol.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
Todos os que não me soarem verdadeiros. Prefiro ouvir as críticas, obrigam-nos a melhorar sempre.
Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Difícil. Um *medley*: voar na passarola com Bartolomeu de Gusmão, fugir da prisão com Alexandre Dumas, passar um dia na cela com Camilo e Zé do Telhado na Cadeia da Relação, conhecer cidades contadas por Marco Polo ou trepar às árvores como o Barão através de Calvino, passar uma jornada queirosiana em Paris com José, e outra em Tormes com Jacinto.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Barcelona, sem dúvida. Porque foi a cidade onde também estudei, tenho bons amigos e a que sinto sempre, a cada ano, que preciso de lá voltar.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
Para fazer o que a minha consciência ditasse e com trabalho tudo se consegue.
Em que situações se considera um "chato"?
Em muitas. Sempre que defendo as minhas convicções. Sempre que não me permitem fazer aquilo que pretendo, reconheço que sou mesmo chato - há quem lhe chame tenaz ou simplesmente teimoso.
Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Vários, pequenos, e um grande que deve ser o pior, mas que alguns também consideram ser uma qualidade – é a dependência/obstinação pelo trabalho, em inglês soa melhor, *workaholic*!
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
Álvaro Siza, por ser figura maior na representação da nossa arquitectura e provavelmente a personalidade cultural global portuguesa mais importante do nosso tempo. O general Ramalho Eanes, pela sua figura, mas acima de tudo por representar hoje, em vida, uma geração interveniente na consolidação da democracia em Portugal. Joana Vasconcelos, por concordar com as palavras de Lipovetsky quando assinalou que a nossa artista mais representativa da pós-modernidade faz a ligação entre a novidade e a beleza do trabalho artesanal, a feminilidade da arte, a cultura portuguesa e a criatividade contemporânea.
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Ansiedades sim, de diferentes escalas, ataques não.
E já se sentiu profundamente exausto? Foi *burnout*?
Já, como qualquer arquitecto que gosta do que faz, e em vários momentos levou o esforço longe de mais. *Burnout*, não!
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
Pouca coisa. Diria que para ter uma relação mesmo feliz só precisa de olhar o outro com amor, e ter paciência, paixão, tempo, confiança, dedicação, amizade, imaginação, honestidade, alegria, compreensão, proximidade, ternura, atenção... e outra vez mais paciência, mais atenção, mais paixão e mais tempo, e ainda, uma ou outra coisa que me estou seguramente a esquecer. Como se vê, é bastante fácil!
É vegetariano, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Não sou, mas vivo bem de perto o tema das restrições alimentares, já que, tendo uma filha celíaca, que é simultaneamente vegetariana, não há refeição familiar fora que não seja rodeada de atenções especiais. As minhas dietas começam sempre amanhã, mas prometo a mim mesmo que amanhã será mesmo amanhã.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
Dos últimos que vi destaco *May December*, com a Julianne Moore e a Natalie Portman. Em *streaming*, *King Richard*, que retrata, através de Will Smith, a história do pai das irmãs Williams. O mais recente, de que efectivamente gostei, foi uma produção norte-americana/sul-coreana (que deveria ter ganho o Óscar) chamada *Vidas Passadas*.
Qual o seu maior arrependimento?
Não tenho arrependimentos maiores, arriscando ser tremendamente cliché, só estou arrependido do que ainda não fiz.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
A vida surpreende-nos muitas vezes, tanto pela positiva como pelo seu contrário. A última vez em que fui surpreendido com alegria foi quando os meus colegas de profissão me escolheram para os representar. Recentemente, pela negativa, foi sem dúvida pelas duas guerras e quando vi a democracia nacional abanar perante a acção despropositada de um sistema de justiça que parece necessitar de uma reforma urgente. Infelizmente, nem o que se passa em França nem o provável destino político dos EUA me surpreenderão.

BARTOON LUÍS AFONSO

Um mês que mudou a política norte-americana

Não é o fim do mundo

Pedro Adão e Silva

Faz hoje um mês que, perante grande pressão dos próprios apoiantes e uma derrota que se anunciava, Joe Biden tomava uma decisão incomum e reveladora de grandeza: abdicava de uma recandidatura presidencial e abria as portas a uma alternativa no Partido Democrata. Nesse mesmo dia, Kamala Harris recolhia apoios que a tornavam candidata única, os pequenos donativos batiam recordes e os movimentos sociais de base mobilizavam-se. Rapidamente, nas redes sociais, a presença de Kamala Harris surgia alinhada com o espírito do tempo e, com a escolha de Tim Walz, o *ticket* democrata passou a refletir uma coligação entre o melhor de duas Américas: a liberal, urbana e costeira e a dos territórios vastos dos Estados do interior. Entretanto, as sondagens nacionais inverteram-se e as boas vibrações do fenómeno Kamala colocaram em disputa vários estados que eram dados como perdidos a favor de Trump.

No espaço de um mês, Kamala foi entronizada por aclamação, mobilizou os eleitores potenciais do campo democrata para além do que aparentava ser possível e fez da disputa de novembro uma eleição aberta. Pelo caminho, num momento em que, nas democracias ocidentais, os movimentos progressistas se encontram em recuo e na defensiva (duas coisas que tendem a acontecer em simultâneo), a política norte-americana tornou-se, de novo, um lugar de esperança.

"Agora estou a falar", afirmava há dias Kamala Harris perante as vozes de protesto em defesa da causa palestiniana, que a interromperam num comício, para logo acrescentar, "todas as vozes são importantes, mas eu estou a falar agora". A expressão ajuda a compreender a força de Kamala hoje: por um lado, com a sua liderança, os democratas voltaram a comandar a narrativa (são quem marca a agenda mediática, enquanto Trump reage); por outro, como sustentava Erica Wagner, num texto no *Financial Times* neste fim de semana, a afirmação tem um significado profundo, que remete para o *lugar de fala* das mulheres nas nossas sociedades.

JUSTIN LANE/EPA

A política norte-americana tornou-se, de novo, um lugar de esperança

Mas se as boas vibrações deste mês e a coligação anti-Trump que estão a ajudar a consolidar até se podem revelar suficientes para enfrentar uma campanha curta e vencer as presidenciais, subsistirá um problema estrutural: a dificuldade de os democratas apelarem eleitoralmente aos trabalhadores de qualificações intermédias, que formam parte fundamental da classe média nos países industrializados. Um problema que não está circunscrito às forças progressistas norte-americanas e do qual depende, de novo, a proteção das democracias liberais. Para superar esta fragilidade, é necessário voltar a falar para eleitores céticos em relação às elites, que veem a sua posição relativa no mercado de trabalho a degradar-se e para quem as guerras culturais são vistas como distantes ou como ameaça à sua mundovisão. Eleitores que, não apenas na América, combinam posições tradicionais de esquerda na economia e nas áreas sociais, com posições convencionais nos costumes.

O centro-esquerda, para voltar a ser socialmente maioritário, tem de se reposicionar na economia (o que, mesmo num contexto de inflação alta, foi iniciado pela Administração Biden e é agora reforçado com o plano económico de Kamala Harris), regressar às políticas universalistas e secundarizar o combate polarizado em torno dos temas identitários, sem desistir de transformar as posições sociais sobre estas matérias. O que se está a passar nos EUA por força da urgência (um calendário curto para afirmação de uma alternativa) e da emergência (a derrota de Trump) talvez possa ajudar a esta mudança. Contra todas as previsões e em apenas um mês.

Colunista